



Decisão de Seduzir

Alison Fraser



Romances não figuram na agenda de Tory! Mas o novo chefe de Tory Lloyd, Lucas Ryecart, está empenhado em torná-la sua amante. Ela sabe que relacionamentos sérios não estão entre os planos do atraente americano. Mesmo que desse certo entre eles, aliás, Tory tinha certeza de que ele mudaria de idéia mais tarde pela mesma razão que seu ex-noivo mudara. Apesar disso, Tory não consegue disfarçar a atração que sente por ele e, se Lucas continuar insistindo, ela sabe que acabará cedendo à tentação!

CAPÍTULO I

— Lucas Ryecart? — Por mais que Tory tentasse lembrar se já ouvira aquele nome em algum lugar, ele não lhe significava nada.

— Você deve ter ouvido falar a respeito dele — Simon Dixton insistiu. — É um empresário americano que adquiriu a Rede de Televisão Chelton e a Produções Howard no ano passado.

— Estranho que eu não me recorde de um nome tão importante — disse Tory a seu colega. — Talvez porque nunca me interessei pelo mundo dos grandes homens de negócios. Desde que nosso trabalho não seja interrompido por falta de dinheiro, não me importa quem é o responsável por seu financiamento.

— Se a segurança de seu emprego estivesse comprometida, você não falaria assim — Simon retrucou, melodramático.

— Você está impressionado. Em minha opinião, não há nenhum fundo de verdade nos boatos que andam circulando.

— Eu não teria tanta certeza se fosse você. Sabe como o sujeito é conhecido na Produções Howard? "Mensageiro da Morte".

Dessa vez, Tory não controlou o riso. Após um ano no setor de Documentários da Produções Eastwich, Tory conhecia bem seu parceiro. Ninguém era capaz de fazer tanto drama como ele.

— Simon, você sabe qual é seu apelido pelos corredores?

— Sei — Simon respondeu. — "Chefe" porque vivo espalhando pânico. E você? Sabe o seu?

Tory deu uma risadinha enquanto negava com um gesto de cabeça.

— "Donzela de Gelo" — disse Simon. — Acha que tem a ver com sua personalidade?

— Sem dúvida — Tory respondeu com indiferença. Sabia sobre a força que os apelidos adquiriam quando seus donos se revoltavam contra eles.

— Bem, em todo caso — Simon continuou —, não creio que você corra perigo de ir para a lista de corte. Que homem, afinal, resiste a esses seus cabelos de seda, a esses olhos enormes e doces de gazela e a essa semelhança assombrosa com a protagonista de Uma Linda Mulher?

Tory fez uma careta para o amigo.

— Qualquer um que prefira loiras, eu diria, ou que não goste do tipo "Julia Roberts".

— Meu palpite é que o magnata não abrirá mão de você — Simon insistiu.
— Dizem que ele é considerado um deus pelas mulheres.

— Ora, Simon — Tory respondeu, divertida. — Você parece estar falando de um ídolo do rock.

Simon suspirou.

— Falando sério, acho que você não precisa se preocupar com seu emprego. Comigo, entretanto, a história muda de figura. Qual de nós você cortaria se tivesse de escolher, Tory?

— Não sei — Tory respondeu, já começando a ficar irritada com as especulações do colega. — Mas se está tão preocupado com a remota chance desse Ryecart resolver comprar a Eastwich, empenhe-se cada vez mais em fazer um bom trabalho.

A sugestão foi feita na esperança de que Simon parasse com aquela conversa e a deixasse prosseguir com o projeto que tinha em mãos, mas Simon continuou sentado no canto de sua mesa.

— A chance não é tão remota quanto imagina — Simon alertou-a. — Alex não tem dado as caras por aqui há tempos.

A esse comentário, Tory franziu a testa.

— Todos sabem que Alex está passando por um período difícil e que precisou se afastar para resolver alguns problemas de ordem pessoal.

— Alguns? — Simon caçoou. — A esposa o deixou e foi para a Escócia com os filhos. A casa onde ele mora foi hipotecada e dá para sentir o cheiro de álcool em seu hálito à distância.

De vez em quando, Tory gostava da companhia de Simon porque ele a fazia rir. Aquele não era um desses momentos. Ela detestava que comentassem sobre as pessoas às suas costas.

— Não está pensando em abandonar Alex quando ele mais precisa, está? — Tory perguntou com indignação.

— Acha que eu seria capaz?

— Acho.

Simon levou uma das mãos ao peito como se tivesse sido ferido.

— Por quem me tomas? — Ele pigarreou em seguida. — Sério, Tory, acha que eu seria capaz de fazer isso? — Simon piscou. — Para quê? Com seu comportamento, Alex está se afundando sozinho.

Tory mordeu o lábio. Isso ela não podia negar. Se não reagisse logo, Alex acabaria irremediavelmente no fundo do poço. Ela não queria ver isso

acontecer. Devia muito a seu chefe: fora ele quem a colocara na Eastwich como assistente de produção.

Instigada pelas críticas de Simon, Tory tentou localizar Alex. Ligou para todos os números que conhecia onde ele poderia estar, mas não o encontrou em parte alguma.

— Desista, querida — disse Simon. — Agora é tarde demais.

Tory olhou na mesma direção que Simon estava olhando. Pela divisória de vidro, ela viu Colin Mathieson, o supervisor da empresa, acompanhado de um estranho que, ao que tudo indicava, poderia ser o tal americano.

Ele não correspondia à imagem que Tory fizera. Não tinha o olhar de uma raposa, nem a pele bronzeada, nem idade aproximada de quarenta anos.

Foi a surpresa, certamente, que a fez encará-lo como se estivesse hipnotizada.

Ele era alto, muito alto. Deveria ter cerca de um metro e noventa. E estava usando roupas esportivas. Seus cabelos eram pretos e lisos e seus olhos eram azuis. Havia um sorriso em seus lábios entre simpático e cínico. Em poucas palavras, era o homem mais atraente que ela já vira.

O que sentiu por ele, Tory nunca havia sentido antes por ninguém: atração imediata. Não estava preparada para isso.

O estranho fitou-a e sorriu. Ele, obviamente, estava preparado. Aquele tipo de reação por parte das mulheres deveria acontecer o tempo todo.

Colin Mathieson os apresentou.

— Tory Lloyd, assistente de produção. — Ela estendeu a mão.

— Lucas Ryecart, o novo diretor executivo.

A mão de Tory desapareceu na dele. Sua estatura também lhe pareceu insignificante em comparação.

— Tory trabalha conosco há um ano — Colin continuou. — Ela promete. Foi a principal responsável pelo documentário sobre mães solteiras que tanto o impressionou.

Lucas Ryecart fez um movimento afirmativo com a cabeça antes de lhe soltar a mão.

— Foi um bom trabalho, srta. Lloyd. Ou devo dizer, sra. Lloyd?

— Senhorita — Colin informou em vista do silêncio por parte de Tory.

— Embora polêmico demais em suas intenções — Lucas Ryecart concluiu.

Levou mais de um minuto para Tory voltar a si e perceber que o americano ainda estava se referindo ao documentário e tecendo críticas a seu

respeito.

— O assunto é polêmico por si.

Ficou evidente que Lucas Ryecart não esperava uma retaliação, mas isso não o fez calar.

— Concordo, mas o enfoque certamente partiu de um dogma de base socialista.

— Não seguimos nenhuma tendência nem manifestamos preconceitos — Tory continuou na defensiva.

— Claro que não — Lucas respondeu. — Vocês deram total liberdade às mães para que falassem e elas próprias se condenassem.

— Nós deixamos que assistissem ao filme antes de divulgá-lo. Nenhuma delas manifestou contrariedade.

— Estavam ocupadas demais em se orgulharem de seus cinco minutos de glória e fama.

O tom era mais de constatação do que de acusação e se fez acompanhar por um sorriso que Tory não retribuiu. Talvez porque, no íntimo, soubesse que o novo chefe estava certo.

As mães solteiras em questão foram rápidas e superficiais demais em seus depoimentos. Na edição ficou evidente que elas pareciam ignorantes, na melhor das hipóteses, ou irresponsáveis, na pior. Quando longe das câmeras e das luzes, a imagem que passavam era de solidão e fragilidade.

Colhidos os depoimentos, Tory havia sugerido que Alex os desprezasse porque não lhe pareceram justos como um espelho da realidade. Mas quando lhe pediu autorização para prosseguir com o estudo, ele não estava com espírito para ouvi-la. A esposa havia acabado de deixá-lo e levado consigo os dois filhos.

— Bem... Tory, é esse seu nome, não?

Tory fez que sim. Preferia que o novo chefe a chamasse de maneira formal, mas se ele era do tipo que preferia tratar os funcionários como se fossem seus amigos, o que ela podia fazer?

— Tory — ele repetiu —, em matéria de documentários para a televisão é sempre difícil estabelecer uma linha. Entreviste um assassino serial e lhe perguntarão se está explicando ou justificando os crimes. Entreviste os familiares das vítimas e lhe perguntarão se está explorando o sofrimento das pessoas.

— Eu me recusaria ao abuso — Tory afirmou.

Embora talvez não tivesse essa intenção, Simon a salvou naquele momento.

— Eu não. Eu faria qualquer coisa por uma boa história.

Depois de ser virtualmente ignorado, Simon resolveu chamar a atenção sobre si. Os olhos de Ryecart se voltaram para ele durante as apresentações.

— Este é Simon Dixon, o segundo assistente de produção.

— Muito prazer — disse o novo chefe.

— Como vai, sr. Ryecart? — Simon sorriu. — Ou prefere que o chamemos de Lucas? Provavelmente deve achar os ingleses formais demais, como a maioria dos americanos.

— Sr. Ryecart, está bem.

Tory olhou para um e para outro, surpresa com a falta de tato de Simon, ou não tão surpresa, e com o comportamento seco e autoritário do americano que, para minimizar o efeito talvez, estendeu a mão para Simon.

— Algum de vocês sabe de Alex? — Colin Mathieson ajudou a superar o clima ao mudar de assunto. — Ele não está no escritório.

— Como de costume — Simon murmurou como se fizesse uma confidência.

— Creio que ele saiu para verificar locações — Tory respondeu após endereçar um olhar de censura ao colega.

— Sabe para qual programa seria? — Colin questionou.

— O tema ainda não foi definido. Estamos em estudos preliminares. — Tory se deteve em busca de inspiração. Na verdade, não sabia que desculpa inventar para salvar a pele de Alex.

— Alcoolismo e seus efeitos sobre a vida profissional — falou Simon.

Ela deveria se sentir grata a ele. Não se sentiu. Simon havia se referido de maneira maliciosa ao problema que vinha afetando o desempenho do chefe.

Colin não pareceu notar a referência, mas a perspicácia de Lucas estava presente no modo rápido como ele a fitou e a Simon.

— Bem, peçam para que Alex me dê um alô quando chegar — disse Colin ao mesmo tempo em que se dirigia à porta.

Lucas ficou para trás.

— Não nos conhecemos de algum lugar? — ele perguntou a Tory.

Ela estranhou o comentário. Era muito improvável que tivessem se encontrado antes se não freqüentavam os mesmos círculos sociais.

— Creio que não.

Ele pareceu em dúvida. Por fim, encolheu os ombros.

— Acho que não. Eu não a teria esquecido — Lucas declarou com um sorriso que a deixou sem fôlego.

Assim que ficou sozinha com Simon, Tory respirou fundo e se deixou cair em sua cadeira.

— Eu não a teria esquecido — o colega caçoou. — Céus, onde ele aprendeu seu método de conquista? Em filmes B dos anos trinta?

— O que disse? — Tory se forçou a voltar ao presente.

— Não adianta tentar disfarçar — Simon continuou, sarcástico. — Você e o novo chefe. Os olhares que trocaram poderiam incendiar este prédio.

— Não seja ridículo!

—Ridículo? Está chovendo ou o gelo já começou a derreter?

Tory cerrou os dentes para não responder à desagradável tentativa de humor. Sabia que o silêncio traria menos repercussão do que um protesto. Afinal, Simon não estava errado sobre a troca de olhares.

— Não que eu a culpe — Simon prosseguiu. — O sujeito tem uma qualidade irresistível: dinheiro.

— Cale a boca, Simon — Tory resmungou. — Mesmo que eu estivesse interessada em dinheiro, o que não estou, ele não é meu tipo.

— Melhor para você — respondeu Simon. — Dizem que o sujeito ainda é apaixonado pela esposa.

— Esposa? Ele é casado?

— Foi — Simon a corrigiu. — Ela morreu em um acidente de carro alguns anos atrás.

A informação fez um alarme soar na mente de Tory. Lucas poderia ser Luc. Luc era americano.

— Ele já foi correspondente estrangeiro?

A esperança de que Simon fosse tranquilizá-la caiu por terra quando ele se mostrou surpreso.

— Sim. Antes de enriquecer, Lucas Ryecart trabalhou no Oriente Médio para a Agência Reuters.

A família Wainwright voltou à memória de Tory. Lucas Ryecart fora casado com Jéssica Wainwright. Ela sabia disso porque quase se casara com alguém da mesma família.

Como não o reconhecera de imediato? Vira-o naquela foto sobre o piano. Jéssica estava vestida de noiva ao lado dele. A foto deveria ter dez anos, mas

isso não justificava o lapso.

— Então vocês realmente se conheciam de algum lugar? — Simon quis saber, curioso.

Tory achou melhor não dizer nada. Contar algo a Simon era o mesmo que contar ao mundo.

— Acho que li a respeito em uma revista.

Mais tarde, ao vê-la apanhar a bolsa e o casaco, Simon perguntou:

— Aonde você vai?

— Almoçar, é claro.

— Ainda faltam cinco minutos para o meio-dia — Simon declarou, de repente transformado em um funcionário exemplar.

— Ou eu saio agora e almoço ou eu fico e o estrangulo — Tory retrucou.

— Nesse caso, *bon appetit!*

O jeito de Simon melhorou o humor de Tory, mas ela não voltou atrás em sua decisão. Estava precisando respirar ar fresco e ficar um pouco sozinha. Nesse sentido, aliás, ela preferiu usar as escadas ao elevador.

Desceu os degraus de dois em dois. Ao chegar ao térreo, trombou com alguém e pediu desculpa. Mas antes que pudesse continuar seu caminho, sentiu que a pessoa a segurava pelo braço.

Olhou para cima e deparou com o mesmo sorriso de antes.

— Olá, Tory.

— Olá — ela respondeu tão constrangida que não se lembrou de pedir desculpa.

— Está tudo bem? — ele perguntou ao notar sua agitação.

— Está. — Como poderia? Ela estava se comportando como um coelho assustado. — Tenho hora marcada no dentista.

— Ainda bem que não é por minha causa.

— O quê? — Tory pestanejou.

— Que você está com essa expressão aterrorizada.

Tory arregalou os olhos.

— Lógico que não.

— Consulta de rotina, restauração ou extração?

— Extração.

Somente uma extração justificaria sua atitude naquele momento, Tory decidiu.

— Voltarei em seguida — ela justificou.

— Não é preciso — Lucas Ryecart respondeu. — Tenho certeza de que Colin não se importará se você tirar a tarde para se recuperar em casa.

Como se tivesse se materializado à menção do nome, Colin surgiu com uma pasta na mão.

— Desculpe a demora, mas custei a encontrá-la.

— Não tem importância — disse Lucas. — Tory está indo ao dentista. Acha que podemos dispensá-la esta tarde?

Colin hesitou, mas concordou. Era óbvio que não havia acreditado na desculpa, mas como Lucas agora era seu superior, não seria ele a contradizê-lo.

— Virei amanhã para compensar — Tory prometeu.

— Tory é uma ótima funcionária — Colin elogiou-a. — Posso dizer que é viciada em trabalho.

— Melhor ter esse tipo de vício do que outro — Lucas respondeu de um jeito que a fez corar.

— Bem, preciso ir agora — Tory se despediu.

Como não tinha nenhuma hora marcada no dentista, seguiu direto para seu apartamento nos arredores de Norwich. Ficava no andar térreo de um prédio de estilo vitoriano. Tivera opção de comprá-lo, mas como não sabia aonde sua carreira a levaria no futuro, preferiu assinar um contrato de aluguel por um ano e não ficar presa a vínculos.

Com o resto da tarde de folga, Tory decidiu dar uma olhada em seus álbuns de fotografias. Sentiu-se aliviada ao examinar uma foto sua de cinco anos antes. Estava tão diferente que quase não parecia a mesma pessoa. Seu rosto era mais fino agora e ela estava usando os cabelos mais curtos. A maquiagem também estava mais sofisticada. Deixara de ser a garota de olhos sonhadores que se acreditara apaixonada por Charlie Wainwright.

O nome que estava usando também era outro. Charlie preferia chamá-la de Vicki ou de Victory. Nunca a chamara de Tory como seus amigos. Não era de admirar que Lucas não tivesse se lembrado de seu nome. Em suas vagas lembranças, ele poderia ter ouvido falar a seu respeito como uma simples colega de faculdade de Charlie. Afinal, era assim que a mãe de Charlie deveria ter se referido a ela. Como alguém sem importância no início, e depois como alguém que partiu o coração de seu filho. Não vinha ao caso que a decisão de terminar o noivado tivesse partido do próprio

Charlie.

Tory encontrou uma outra foto. Não sabia porque ainda a conservava. Se

um dia havia amado Charlie, agora não sentia mais nada por ele. Nem sequer mágoa. A vida continuara. Charlie conseguira a família que queria e ela, sua carreira.

CAPÍTULO II

Na manhã seguinte, Tory já havia descartado a possibilidade de Lucas Ryecart representar uma ameaça. A pergunta sobre eles se conhecerem de algum lugar poderia ter sido uma simples frase de abertura para uma conversa. Mesmo que ele tivesse visto uma foto dela algum dia, não poderia ligá-la à mulher que agora lhe era subordinada. Afinal, por que ele encontraria uma conexão entre a estudante chamada Vicki com a funcionária Tory Lloyd? Ela não recordou o Luc do passado até Simon lhe falar sobre a vida de Lucas Ryecart. E ninguém na Produções Eastwich a conhecia o suficiente para saber detalhes sobre sua vida pessoal.

Firme e segura de si, Tory se dirigiu ao trabalho conforme prometera. Como era sábado, ela dispensou a formalidade do prédio e vestiu uma calça comprida de algodão e uma camiseta branca básica.

Não esperava permanecer no escritório muito mais de uma hora, tempo suficiente para colocar a correspondência em dia. Afinal, não teria de atender ao telefone nem discutir com seu chefe sobre os projetos em andamento. Inclusive porque, por ser sábado, provavelmente seria a única a comparecer ao local.

Foi uma surpresa, portanto, saber que Alex Simpson também se encontrava em seu posto. No início, gostou da notícia, certa de que era um sinal de que Alex resolvera retomar seu serviço, mas assim que o viu sonolento e com a barba por fazer, percebeu que o problema era mais sério do que imaginava.

O homem dinâmico que lhe servira de exemplo um ano antes agora parecia um pobre fracassado.

— Não é o que está pensando — ele tentou brincar quando Tory viu o cobertor jogado sobre o sofá. — Aconteceu que o marido de Sue foi para casa inesperadamente e eu tive de tomar outras providências.

Tory controlou um suspiro de desaprovação, mas não pôde evitar que seus olhos refletissem o que estava pensando. Todos da Produções Eastwich sabiam que Alex estava tendo um caso com Sue Baxter, sua secretária, e que ela o acolhera em seu apartamento até que ele arrumasse um novo lugar para morar. O marido vivia viajando porque era piloto de aviões. Se sabia ou não que não era o único na vida da esposa, Tory não tinha conhecimento.

Tory não gostava de Sue Baxter, uma mulher fútil e mal-educada. Alex,

contudo, parecia encontrar nela qualidades que o atraíam. De qualquer forma, por mais que Tory desejasse que fosse diferente, Alex parecia determinado a pressionar seu dispositivo de autodestruição.

— Não dirá nada a ninguém, não é? — o chefe perguntou com um sorriso de quem já sabia a resposta.

Tory fez um movimento negativo com a cabeça. Lealdade fazia parte de seu caráter. Não sentia nenhuma atração por Alex como acontecia com a maioria das funcionárias. Aliás, às vezes nem sequer gostava dele, mas sentia pena.

— É melhor você dar um jeito nessa aparência — Tory aconselhou. — O que dirão se o virem nesse estado?

— Você está certa — Alex concordou e mudou de assunto. — Soube que o novo chefe esteve aqui ontem.

— É verdade. Eu disse que você estava fora em um trabalho de pesquisa.

— Era mais ou menos isso que eu estava fazendo — Alex respondeu.

Tory percebeu que ele estava mentindo. Ocorreu-lhe o pensamento de que Lucas Ryecart provavelmente o teria demitido se o surpreendesse naquelas condições, mas preferiu calar sua opinião.

— Você está a par de meus problemas, Tory — Alex disse, de repente. — Posso contar com sua ajuda? Preciso de um banho e de uma hora ou duas de descanso.

O primeiro impulso de Tory foi recusar o pedido.

— Não acho que seja uma boa idéia, Alex. As pessoas comentam...

— Ninguém saberá que eu estive em seu apartamento. Juro.

— Sim, mas...

— Um banho e um cochilo e eu ficarei novo em folha.

— Está bem — Tory concordou, arrependida de antemão. — Tenho uma chave sobressalente em minha mesa.

Alex guardou o cobertor em um armário e seguiu-a.

— Meu endereço — disse Tory ao mesmo tempo que o escrevia em seu bloco de recados. — Use meu telefone para procurar um hotel.

— Bondade sua, Tory querida, mas infelizmente não estou em situação de me hospedar em nenhum hotel até o dia do pagamento. Meu cartão de crédito está vencido e o gerente do banco se recusou a aumentar meu limite de saque.

— O que pretende fazer? — Tory perguntou, preocupada. — Não pode continuar usando o escritório como seu domicílio.

— Você está certa. Não acha que daria para eu ficar... Não, esqueça. Darei um jeito de uma forma ou de outra.

Tory percebeu a intenção de Alex. Ele não havia completado a pergunta, mas continuava a fazê-la com os olhos.

Tentou ignorar o apelo de seu coração. Sua mente estava lhe dizendo que Alex ganhava muito mais do que ela para fazer muito menos. Era seu problema se o chefe não conseguia administrar a própria conta bancária?

— Tudo bem — disse Alex. — No próximo mês, receberei meu abono anual e saldarei minhas dívidas. A não ser, é claro, que o americano resolva cancelar meu prêmio.

Ou o próprio Alex do quadro de funcionários, Tory pensou.

— Meu sofá está a sua disposição até o dia do pagamento — Tory ofereceu e se afastou quando o chefe tentou lhe dar um abraço de agradecimento. — Desde que você saiba se comportar, ok?

— Eu não tinha outra coisa em mente — Alex se apressou a explicar. — Sempre soube que você não estava interessada.

Sim, ele sabia, mas não desde sempre. Como vivia atrás de mulheres, Alex tentara incluir Tory em sua coleção, mas depois que ela deixou claro que a relação entre eles seria estritamente profissional, ele passou a respeitá-la.

— Dou-lhe cinco dias — Tory declarou e antes que Alex saísse da sala, acrescentou que esperava que ele se mantivesse sóbrio.

Por um momento, Alex pareceu querer protestar inocência, mas algo nos olhos de Tory o deteve. Não era crítica nem recriminação. Era um pedido.

— Não lhe causarei problemas. Tem minha palavra.

Tory temia ter cometido um grande erro ao concordar em hospedar Alex. Mas não tivera como negar o favor. Restava esperar que ele não aprontasse demais enquanto estivesse sob seu teto.

Decidida a não ficar remoendo o problema, Tory dirigiu-se a sua sala e estava começando a se concentrar no trabalho quando sua porta foi aberta. Olhou para cima, certa de que encontraria Alex a sua frente. Qual não foi sua surpresa ao deparar com Lucas Ryecart ainda mais atraente do que no dia anterior.

— Como está o dente? — ele perguntou.

— O dente? — ela repetiu, atônita.

— Curado mas não sarado? — Lucas brincou.

O dente, é claro! Ela precisava tomar algum remédio para a memória se

pretendia continuar mentindo para o novo chefe.

— Eu estou bem. Para ser franca, não estava mais me lembrando do dente.

— Melhor assim — ele disse. — Não precisava ter vindo trabalhar realmente. Afinal, hoje é sábado. O que costuma fazer aos sábados?

O mesmo que estava fazendo aquele dia, Tory desejou dizer, mas calou-se. Em vez de se mostrar impressionado, Lucas provavelmente atribuiria essa dedicação à falta de algo melhor para fazer.

— Isso varia — Tory respondeu sem dizer nada de concreto e tornou a olhar para os papéis sobre sua mesa como se mal pudesse esperar para continuar seu trabalho.

— Simpson já foi? — Lucas perguntou para surpresa de Tory.

— Simpson?

— Alex Simpson. Ao menos espero que tenha sido ele, não um vagabundo qualquer, que resolveu fazer do escritório seu quarto.

— Oh, sim — Tory se apressou a dizer. — Alex esteve aqui para colocar seu serviço em dia.

— Para colocar o sono em dia pelo que pude ver — Lucas retrucou.

— Coitado! — Tory exclamou com fingido espanto. — Ele deve ter chegado muito cedo e cochilou sem perceber.

A mentira obviamente não colou, pois Lucas Ryecart atravessou a sala, sentou-se no canto da mesa de Tory e tirou os óculos escuros.

— Vocês dois estão juntos? É isso?

— Juntos?

— Vocês dois estão envolvidos?

— Não, é claro que não! — Tory negou com veemência.

— Não precisa ficar zangada — Lucas caçoou diante da explosão. — Só fiz uma pergunta. Estou ciente da fama de mulherengo que Alex conquistou por aqui.

— E foi logo concluindo que ele e eu... que nós... — Tory foi incapaz de concluir a frase, mas o rubor falou por ela.

— Não imaginava que ainda houvesse mulheres que coram diante de um homem.

— Não as do tipo a que está acostumado, certamente — Tory respondeu na defensiva. Estava arriscando seu emprego e sabia disso. Aquele homem, afinal, era seu chefe. Mas em vez de se mostrar ofendido, ele riu.

— Você tem razão. Prefiro mulheres mais experientes e menos exigentes.

Mas, nunca se sabe, não é verdade? E quanto a você?

— Prefiro o tipo invisível — Tory declarou, irritada. — De expectativa zero.

Lucas demorou alguns instantes para refletir sobre a informação.

— Está afirmando que não costuma sair com ninguém?

— Estou.

Havia mais surpresa e curiosidade na expressão do americano do que aborrecimento. E também uma pitada de dúvida.

— Trata-se de uma resposta estudada ou de uma declaração de intenção?

— Poderia ser mais claro?

— Está simplesmente sugerindo que eu não tenho chance ou a informação serve para todos os homens?

Era seu emprego que estava em jogo, Tory pensou. Tinha de se resguardar. Mas apesar do silêncio a que se obrigou, seus olhos não a obedeceram.

— O caso é comigo, já notei — Lucas concluiu. — Mas não dizem que nunca devemos perder a esperança?

Ele estava se divertindo à custa dela, Tory decidiu, mas o que poderia fazer?

O americano se levantou, então, e se encaminhou para a porta.

— Tem idéia de como encontrar Simpson? Estou precisando falar com ele.

— Eu não sei — Tory mentiu. Diante da dúvida demonstrada pelo novo chefe a respeito de um relacionamento entre ela e Alex, como poderia contar que ele estava hospedado em seu apartamento? — Quer que eu lhe dê seu recado, caso o encontre?

— Sim, por favor. Marquei uma reunião com todos os chefes de departamentos e espero que ele compareça. Será na segunda-feira às nove horas.

— Direi a ele. — Tory fez um movimento afirmativo com a cabeça. — Caso o encontre, é claro.

— Se não o encontrar, não se preocupe. Não é sua culpa se ele não deixou um número de telefone para contato no departamento pessoal.

— Mas você o viu esta manhã — Tory lembrou.

— Está querendo saber por que não o acordei? — Lucas colocou as mãos nos bolsos. — Digamos que eu achei que seria embaraçoso para ele conhecer o novo chefe na situação em que se encontrava. Tory admirou Lucas naquele momento por ter dado uma última chance para Alex se redimir. Ou isso, ou ele

preferia ver o outro sóbrio no momento de lhe entregar o bilhete azul.

— Alex é um bom profissional — Tory tentou melhorar a imagem do homem que a contratara. — Ele ganhou um prêmio por um trabalho que realizou três anos atrás.

— Alex foi um bom profissional — Lucas Ryecart a corrigiu. — Neste tipo de empreendimento, não basta ter sido bom um dia. É preciso se manter atualizado e ativo.

Tory não respondeu. De que adiantaria? O americano estava certo. Além disso, caso ela insistisse em defender Alex, ele ficaria ainda mais desconfiado sobre a possibilidade de um relacionamento íntimo.

— Por que se preocupa com ele? Caso Alex seja afastado, você terá maiores chances de progredir.

— Não creio — Tory respondeu. — Simon está na Eastwiche há mais tempo do que eu.

Uma expressão curiosa surgiu nos olhos de Lucas Ryecart. Tory notou quando ele se virou para a mesa vazia.

— E parece mais determinado a lutar por sua própria causa, pelo que notei. É por causa dele que você se mantém fiel a Simpson?

— Como?

— Não gosta da idéia de trabalhar sob a chefia desse Simon?

Não, ela não gostava. Mas tampouco queria prejudicar a imagem de seu colega.

— Você tem aversão aos gays? — o novo chefe perguntou sem preâmbulos.

Tory franziu a testa. De repente, não lhe importava mais conservar seu emprego. Aquele homem a estava tirando do sério.

— Talvez seja difícil para os americanos entenderem, mas o silêncio nem sempre é um sinal de estupidez!

Lucas não se mostrou ofendido com a famosa superioridade inglesa. Ao mesmo tempo, não fez de conta que não ouvira a provocação.

— Tendo sido a América uma colônia inglesa no passado, você quer dizer.

— O que eu quis dizer é que as preferências sexuais de Simon só dizem respeito a ele e a mais ninguém.

— Se você afirma...

— O fato de eu não ver com simpatia a idéia de responder a Simon não significa que tenha algo contra ele.

A conversa felizmente parou por aí. Lucas consultou seu relógio de pulso

e avisou que estava atrasado para uma reunião em Londres.

— Deixarei com você os números onde poderei ser encontrado. — Lucas arrancou uma folha do bloco de Tory e escreveu seu nome e dois números. — O primeiro é de meu celular e o outro é do Abbey Lodge.

Abbey Lodge era o hotel mais caro e luxuoso da cidade. Hospedava quase que exclusivamente executivos importantes e celebridades.

Tory ficou olhando para o pedaço de papel sem se atrever a pegá-lo. Afinal, para que Lucas Ryecart estava lhe fornecendo seus telefones? Imaginava que ela iria ligar para ele?

— Para o caso de você não conseguir transmitir meu recado para Simpson — Lucas explicou e ela assentiu. — Mas se resolver ligar apenas para conversarmos um pouco, fique à vontade.

Tory tornou a assentir.

— Por falar nisso, o dia está bonito demais para ficarmos aqui trancados. Por que não damos o expediente por encerrado?

Ele estava sendo gentil ou o quê? Tory não soube o que responder. Não estava detectando nenhuma segunda intenção naquela proposta, mas sentia-se constrangida em aceitar o oferecimento. Ela havia tirado folga na tarde anterior, afinal, sem nenhuma necessidade.

— Preciso terminar algo — desculpou-se.

— Cuidado para não trabalhar demais. Quem trabalha com entretenimento, não pode se cansar sob o risco de produzir programas monótonos.

Esse comentário a ofendeu.

— Não sou eu quem precisa ir a Londres para uma reunião.

— Eu disse que seria uma reunião de negócios?

Tory ergueu uma sobrancelha. Ele havia dito isso, não havia?

— Trata-se de um compromisso de natureza particular — Lucas explicou.

— Desculpe.

— De certa forma, você está ligada ao assunto — ele continuou. — Será um encontro de despedida com alguém com quem eu vinha saindo.

Tory sentiu que corava.

— Esse assunto realmente não me diz respeito, sr. Ryecart — Tory afirmou com arrogância.

— Por enquanto não, mas quem pode saber o que o futuro nos reserva?

— Não creio que nos veremos com frequência, sr. Ryecart, em vista da

posição de considerável importância que passou a ocupar na empresa, mas tenho certeza de que me esforçarei para tratá-lo com cordialidade quando isso acontecer.

A mensagem, dessa vez, não poderia ter sido mais direta.

— Em resumo, você gostaria que eu sumisse.

Tory cerrou os punhos. Era evidente que aquele homem não admitia que alguém lhe dissesse a última palavra.

— Eu não disse isso, sr. Ryecart. Apenas quis frisar que...

— Baterá continência quando nos encontrarmos, mas nada mais.

Tory sentia uma vontade incontável de agredir aquele homem. Por mais que tentasse, não conseguia se lembrar de que ele era seu chefe. Lucas, por sua vez, como se tivesse lido os pensamentos de Tory, decidiu que não valia a pena continuar insistindo.

— Por que não dispensamos a continência também? — ele sugeriu e virou-se para a saída, o que, finalmente, provocou uma reação mais branda e reflexiva por parte de Tory.

— Sr. Ryecart?

Ele se deteve, mas não disse nada. Tory resolveu ir até o fim.

— Devo começar a procurar outro emprego?

A possibilidade não parecia ter sido cogitada.

— Se está querendo saber se a Eastwich sobreviverá, ainda não tenho uma resposta para dar. Não é segredo para ninguém que a empresa está operando no vermelho, mas eu não a teria comprado se não acreditasse que existem chances de recuperação.

Foi uma declaração direta e profissional que deixou Tory ciente de ter feito papel de tola. Em sua imaginação, o fato de ter rejeitado a tentativa de conquista de Lucas Ryecart seria um motivo para ele demiti-la de seu cargo. Ficava óbvio que a conduta do novo chefe não seguia esse princípio.

— Não esperava por essa resposta, não é?

— Não — Tory admitiu com relutância. — Pensei que...

— Que eu fosse demiti-la por não se submeter a minhas investidas. — Ele deu um sorriso sem humor. — Esse baixo conceito se refere apenas a mim ou a todos os homens?

— Eu... Se o julguei precipitadamente...

— Sim, você fez isso — ele a interrompeu. — Posso ser um americano prepotente e talvez perca a cabeça de vez em quando por causa de uma

mulher, mas não sou irresponsável nem vingativo. Portanto, senhorita, se deixar a Eastwich será por sua livre e espontânea vontade.

Tory desejou que o chão abrisse a seus pés. Tentou se desculpar, mas ele não permaneceu na sala o suficiente para ouvi-la.

Lucas Ryecart podia não ser vingativo, mas tinha temperamento forte. O modo como bateu a porta ao sair fez o prédio estremecer e Tory morder o lábio e se recriminar infinitas vezes por seu comportamento lamentável.

O novo chefe havia apenas flertado com ela. Não cometera nenhum crime. Deveria fazer isso com todas as mulheres que conhecia sob a impressão de que esse tratamento iria agradá-las. Algo que deveria acontecer em noventa e nove vírgula nove por cento dos casos.

Tory espiou pela janela a tempo de vê-lo atravessar o estacionamento e subir em um carro verde-escuro do tipo compacto. Ela estranhou que Lucas Ryecart dirigisse um veículo popular. Em sua posição, esperava vê-lo em um modelo esporte dos mais caros. Mas, afinal, o que ela sabia sobre o novo chefe?

Charlie, seu ex-noivo, deveria conhecê-lo bem, mas raramente falava sobre o marido de sua falecida irmã. Lembrava-se de que ele admirava o cunhado pelo trabalho que fazia e de que a mãe de Charlie falava a seu respeito com carinho. A imagem que eles lhe passaram de Lucas foi a de um marido fiel, de um profissional dedicado e de um ser humano respeitável.

O Lucas Ryecart atual, contudo, não demonstrava as mesmas qualidades. Ele não parecia ser mais do tipo que pensava em casamento. Ao menos nisso ele havia mudado.

Mas o tempo não mudava todo o mundo? Ela não havia mudado no transcorrer dos anos? Não vivia apenas para o trabalho e se comportava como uma donzela ofendida só porque um homem demonstrava um pouco de interesse?

Tory sentiu vontade de gritar de raiva. De si mesma. De Alex. E de Lucas Ryecart.

Resolveu seguir o conselho de Lucas e passar a tarde no clube praticando *windsurf* no lago artificial que havia sido construído alguns anos antes. Esse era seu passatempo favorito. Nada a relaxava mais.

Era boa nesse esporte, mas de vez em quando ainda tomava aulas com Steve. De sua idade, formado em Direito, Steve preferia ganhar a vida ensinando *windsurf* a exercer sua profissão. Eles haviam se tornado bons amigos. Saíram uma vez para tomar um drinque, mas o relacionamento não

avançou. Naquela tarde, entretanto, Steve perguntou se ela aceitaria jantar com ele em um restaurante.

Via de regra, Tory teria recusado o convite, mas a lembrança da conversa com Lucas Ryecart a fez mudar de idéia.

Em seu próprio carro, eles se dirigiram à cidade e jantaram em uma cantina. Conversaram animadamente sobre esportes, música e sobre os cursos que haviam freqüentado. Mais tarde, Steve a levou a um pub e lhe apresentou seus amigos. Dali, o pessoal pretendia ir a uma festa. Tory declinou, dessa vez, do convite, mas se ofereceu para levá-los ao local. No momento da despedida, Steve a surpreendeu com um beijo que ela aceitou, mas interrompeu antes que se tornasse íntimo.

— Não iria comigo para meu apartamento, não é? — Steve perguntou mais por brincadeira do que com intenção.

— Não, mas obrigada pelo convite — Tory respondeu no mesmo espírito.

— Ok, talvez possamos sair juntos um dia desses outra vez — Steve disse antes de se afastar com os amigos.

Tory voltou para casa sem arrependimentos. A noite havia sido divertida em companhia de Steve. Isso não significava, contudo, que poderia surgir algo de sério entre eles, mesmo que tornassem a sair. Beleza, atletismo e sexualidade não bastavam em um homem. Ela preferia ir para a cama com uma xícara de chá e um livro do que viver com alguém cujo único grande interesse era praticar *windsurf*.

Foi um alívio encontrar o apartamento vazio quando chegou. Alex deveria ter se instalado em outro lugar. Oxalá assim continuasse.

Mas ela não teve tanta sorte. Às duas horas da manhã foi brutalmente acordada pelo toque insistente da campainha.

— Desculpe. Acho que perdi minha chave — ele disse com voz pastosa.

— Oh, Alex, você prometeu — Tory se sentiu tão irritada que por pouco não bateu a porta.

— Não pude evitar — Alex gemeu. — Eu a amo. Eu a amo de verdade. Sabia disso, Tory?

— Sim, eu sabia. Agora entre. — Tory puxou-o para dentro antes que acordassem os vizinhos.

— Não estou bêbado. Tomei apenas uma dose ou duas. Culpa dela. Liguei uma porção de vezes e ela não quis falar comigo.

Alex largou-se no sofá de onde não se levantaria tão cedo, Tory pensou.

— Talvez porque o marido estivesse lá.

— Marido? Eu sou o marido dela.

— De quem estamos falando, Alex? — Tory perguntou finalmente.

— De Rita, é claro.

— Pensei que estivesse se referindo a Sue.

— Sue?

— Sue Baxter — Tory lembrou-o. — A mulher com quem você tem andado nos últimos dois meses.

Alex franziu o rosto.

— Acha que deixei de gostar de Rita por causa de Sue? Oh, não. Sue é apenas...

— Um passatempo?

— Sim. Não. Os homens não são como as mulheres. Com você eu posso falar porque não é uma mulher, é uma amiga.

Naquele momento, Tory decidiu não perder mais seu precioso tempo. Apanhou um travesseiro e um cobertor e jogou-os na poltrona ao lado.

— Boa noite, Alex.

Ele se virou e dormiu enquanto ela passou o resto da noite em claro. Estava com um sério problema. Como faria para manter Alex sóbrio no dia seguinte de modo que pudesse enfrentar uma reunião com Lucas Ryecart na segunda-feira? Não que lhe devesse favores por ele tê-la contratado quando ainda quase não tinha experiência. Ela havia feito o melhor que podia naquele período e tentado protegê-lo ao máximo.

De qualquer modo, Alex era um homem inteligente e ela já estava ocupada demais com seu esforço de afastar a imagem de Lucas Ryecart de sua mente.

CAPÍTULO III

Tory acordou de péssimo humor e não se sentiu melhor após o costumeiro banho. De jeans e camiseta, marchou para a sala a fim de ter uma conversa com Alex. Ele não podia dizer que ela não tentara ajudá-lo. Após a quebra do trato, ela o queria fora de seu apartamento.

Encontrou-o dormindo abraçado a uma almofada. Um cheiro insuportável de álcool e nicotina impregnava o ambiente. Tory balançou a cabeça. Não tinha esperança de que Alex conseguiria ficar em forma até a reunião. Preocupara-se à toa em ensaiar um discurso para repreendê-lo. Assim que acordasse, Alex descobriria por si mesmo o erro que havia cometido.

De fato, Alex não poderia estar mais pálido e enjoado quando se levantou.

— Então a culpa de seu estado é toda de sua esposa — Tory disse com um suspiro.

— Eu não disse isso, exatamente — ele resmungou.

— Ainda bem. Em minha opinião, sua esposa foi uma santa em aturá-lo tanto tempo.

Alex fitou-a surpreso com sua franqueza.

— Admito que não fui um modelo de marido, mas após vinte anos ela deveria saber que as outras não significaram nada.

— Vinte anos?

— Nós nos conhecemos na faculdade. Rita era linda e inteligente. Ainda é. Se eu pudesse voltar no tempo... Não consigo mais trabalhar, não consigo mais raciocinar...

— Então tente reconquistá-la — Tory aconselhou. — Ou isso, ou dê um jeito de superar o problema antes que você perca seu emprego além de tudo.

— Sem Rita, nada mais me interessa.

— Você está enganado. Faz um trabalho que adora. Ao menos agarre-se a ele enquanto pode.

Alex não se deixou impressionar.

— A situação não é tão ruim quanto pensa. Faltei a algumas reuniões, mas Colin está a par de meu problema. Ele sabe que eu serei capaz de recuperar o tempo perdido.

— Você não está levando o americano em consideração — Tory o lembrou.

— O trabalho dele nada tem a ver com o meu. Ele lida com a parte comercial, não com a técnica.

— Eu não teria tanta certeza. Sinto lhe dizer, Alex, mas ele o viu dormindo no escritório ontem de manhã.

Um palavrão escapou da boca de Alex, mas um instante depois ele já estava tentando se enganar outra vez.

— Talvez tenha sido um ponto positivo para mim. Ele pode ter pensado que eu passei a noite trabalhando.

Tory negou com um gesto.

— O homem não é bobo. Ele quer vê-lo logo cedo na segunda-feira.

— Educado, não? Preferiu me poupar ontem e me fazer suar até a segunda-feira para depois me demitir.

Tory não fez nenhum comentário, mas essa idéia também lhe havia passado pela cabeça.

— Como ele é? — Alex quis saber após um minuto.

— Enorme.

— Em altura ou circunferência?

— Nos dois sentidos. Bem, ele não é gordo. Seus músculos o deixam grande.

Uma expressão curiosa surgiu nos olhos de Alex.

— Você não ficou atraída por ele, ficou?

— Claro que não! — Tory se apressou a negar. — Por que disse isso?

— Você corou. Nunca a vi corar antes.

— Falta de observação de sua parte — Tory retrucou. — Isso sempre acontece comigo, infelizmente. Mas, não era sobre mim que estávamos falando. Você é quem está com um problema. Precisa dar um jeito de impressionar o americano nessa reunião.

— Ir à reunião para quê? — Alex deu de ombros. — Para ele ter o prazer de me despedir em pessoa?

— Ora, pare de choramingar!

Por um momento, Alex pareceu realmente indignado com ela. Era seu superior, afinal de contas. Mas então ele viu a roupa de cama amontoada no sofá e se deu conta de que havia perdido seu direito de protestar.

— Desculpe. Acho que me excedi — disse Tory ao vê-lo cabisbaixo.

— Não. Rita teria feito o mesmo. Ela também detesta pessoas que se entregam à autopiedade.

Tory respirou fundo.

— Depende só de você, Alex. Não lhe direi o que tem de fazer.

Tory se levantou e levou as xícaras para a cozinha. Alex a seguiu.

— Nós poderíamos preparar uma lista de novos temas para documentários.

— Nós?

— Bem, talvez você possa me ajudar...

— Está querendo que eu sacrifique meu único dia de folga?

— É claro que se você tem outros planos... — Era óbvio que ele não acreditava nessa possibilidade.

— Você também acha que levo uma vida monótona, não? — Tory o interrompeu, na defensiva. — A velha amiga Tory sem nada para fazer no fim de semana.

— Não, é claro que não — Alex se apressou a afirmar assim que percebeu que havia tocado em um ponto fraco. — Eu apenas gostaria de contar com sua colaboração porque sei que conseguiria um resultado melhor.

Tory se deteve para refletir. Na verdade, não era Alex o responsável por sua perturbação, mas Lucas Ryecart. E se ela não ajudasse o ex-chefe, ele não conseguiria nenhum resultado.

— Tome um banho, Alex, enquanto eu preparo o desjejum. Depois arregaçaremos as mangas.

Alguns minutos depois, Tory ouviu Alex cantando sob o chuveiro. Como podia? Os homens eram incríveis. Primeiro professavam amor eterno pela esposa e choravam sua perda. Depois cantavam uma seleção de suas músicas favoritas.

O segredo para entendê-los era dividir sua vida em compartimentos. Um para a esposa e para os filhos. Outro para trabalho e ambição. Outro para diversão e sexo. Outro para o dever e para a religião. Entre em um compartimento de cada vez e esqueça os demais.

Não era uma regra para todos os homens, mas para a maioria, com certeza. Inclusive para Lucas Ryecart. Em um momento ela era uma mulher e ele parecia interessado. No outro ela era sua subalterna e assim devia ser tratada.

As mulheres eram diferentes. Carregavam suas bagagens emocionais para onde quer que fossem. Levavam tudo de um compartimento para outro mesmo que suas costas vergassem com o peso.

Mas também havia exceções. Sua própria mãe, por exemplo. Maura Lloyd não se importava com nada nem com ninguém que não fosse ela mesma.

Tory fora sua única filha. Tivera-a aos dezoito anos com um homem casado que dizia ser professor de belas-artes, um pintor famoso ou um ilustrador de histórias infantis, dependendo da ocasião. Ao longo de seus vinte e seis anos, Tory achou melhor não tentar se aprofundar no assunto. Ao menos sua mãe a assumira e nunca deixou que lhe faltasse algo. Cada vez que sua mãe trocava de parceiro, ela ganhava uma casa e uma família diferente. Mas as pessoas que realmente marcaram sua infância foram os avós com quem a mãe a deixava com frequência.

— Tory? — A voz de Alex a trouxe de volta ao presente.

— Estou na cozinha. O café está pronto.

Sentados à mesa, Tory e Alex se puseram a discutir idéias para futuros programas. Trabalharam o dia inteiro com pausas para um lanche e um pequeno almoço. Nesse espaço de tempo, Tory se lembrou da razão que a levava a gostar de trabalhar com Alex. Ele tinha talento e era um ótimo profissional quando se empenhava nesse sentido.

Ao final da tarde, eles haviam redigido quatro propostas para futuros programas e delineado um quinto tema promissor. Alex parecia satisfeito consigo mesmo e Tory mal podia esperar para ver a reação de Lucas Ryecart.

— Há algum restaurante com serviço para viagem aqui perto? — Alex quis saber quando a noite invadiu o dia.

— Há um restaurante chinês a duas quadras de distância — Tory respondeu. — Podemos escolher os pratos e ligar para eles prepararem. Assim, quando eu for buscá-los, já estarão prontos.

Eles escolheram o cardápio e Alex se ofereceu para buscar. Mas Tory fez questão de ir ela mesma. Havia um bar no caminho e ela não queria facilitar.

Conforme esperava, o pedido estava pronto quando ela chegou. O que ela não esperava era ser abordada à porta de seu prédio quando retornou.

— Eu carrego para você.

Tory quase deixou cair a comida ao reconhecer a voz.

— Desculpe se a assustei — disse Lucas Ryecart.

Tory não conseguiu responder. Como sempre, sentiu um impacto diante daquele homem alto e musculoso e um arrepio de excitação.

Em seguida deu-se conta de que ele sabia seu endereço. Era dono de um arquivo com seus dados pessoais. Era dono da empresa onde ela trabalhava.

Mas isso não significava que fosse seu dono.

— Queria falar com você — ele explicou. — Achei que seria melhor fora do

ambiente de trabalho. Posso entrar?

— Não! — Tory negou, horrorizada com a perspectiva. Ninguém podia saber que Alex estava hospedado em seu apartamento. Principalmente Lucas.

— Você está com alguém? — Ele franziu o rosto.

— O que o fez pensar nessa possibilidade?

Lucas olhou para a sacola com o logotipo do restaurante.

— Ou isso ou você está faminta.

Só lhe faltava essa, Tory pensou. Lucas Ryecart virar Sherlock Holmes.

— Estou com uma amiga.

— E eu estou atrasando-a. Desculpe. Só vim lhe pedir desculpas.

— Desculpas? Por quê?

— Por ontem de manhã. Eu exagerei.

Tory ficou sem jeito diante do comportamento que parecia ser sincero.

— Não precisaria ter se preocupado. Eu também exagerei. Por que não esquecemos o que houve?

— Concordo com você. Apertamos as mãos? — Ele lhe estendeu a dele.

Ela estendeu a dela. Com reservas.

O toque aqueceu-a e lhe provocou um sobressalto como se tivesse sido atingida por uma corrente elétrica. A idéia de que um simples aperto de mão podia despertar esse tipo de reação assustou-a.

— Você é muito jovem — Lucas murmurou, de repente.

— Tenho vinte e seis anos — Tory contou.

— Foi o que eu disse. Você é muito jovem! Eu tenho quarenta e um.

Tory não pôde evitar uma expressão surpresa. Lucas realmente não parecia ter aquela idade.

— Velho demais, eu suponho — Lucas murmurou com um sorriso.

— Para quê?

— Para uma garota.

Tory quase disse que não. Por quê? Ela não estava ansiosa por se livrar dele? Por outro lado, o que estavam fazendo ainda de mãos dadas?

— Colin Mathieson me disse que você estava na casa dos trinta.

Era verdade. Alex espalhou essa idéia na empresa quando a contratou. Talvez na tentativa de impor mais respeito.

— Ele deve ter me confundido com outra pessoa — Tory sugeriu.

— Talvez — Lucas admitiu. — De qualquer forma, se eu soubesse sua idade real não a teria convidado para sair.

— Você não convidou — Tory respondeu, desconfiada.

— Não? A idéia era essa. — Ele tornou a sorrir. — Foi Colin quem me forneceu seu endereço. Eu disse a ele que precisava falar com você a respeito de Simpson.

Por um momento, Tory havia se esquecido sobre Alex. Talvez devesse contar a verdade e convidá-lo para entrar. Alex estava sóbrio e tudo poderia dar certo. Não importava que Lucas pudesse interpretar errado o relacionamento entre ela e o ex-chefe.

Mas decidiu manter o segredo.

— A propósito, você conseguiu localizá-lo?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Ele está ansioso para vê-lo. Soube que quer discutir alguns projetos com você.

Lucas pareceu surpreso com a informação, mas não procurou aprofundar o assunto. Estava começando a se despedir quando a porta foi aberta.

Tory olhou para trás e viu Alex.

— Você estava demorando — ele disse. — Decidi procurá-la, caso tivesse se perdido.

Tory olhou para os dois homens e não conseguiu nem sequer fazer as apresentações.

Não era preciso, era? Lucas Ryecart certamente sabia quem Alex era.

— Desculpe — disse Alex ao perceber o modo como Lucas Ryecart estava olhando para Tory. — Acho que estou sendo demais aqui. Seria recomendável, talvez, que eu desaparecesse por uma hora ou duas?

Tory sentiu que corava. O modo de Alex falar sugeria que eles estavam vivendo juntos. Deveria esclarecer a situação naquele exato momento. Mas se fizesse isso, estaria traindo seu chefe e ele demonstrara aquela tarde que podia voltar a ser o que era.

— Não é preciso, Alex.

É claro que essa havia sido a resposta errada no que dizia respeito a Lucas.

— Não é preciso, Alex — Lucas ironizou. — A srta. Lloyd e eu não temos mais nada a dizer um ao outro neste momento.

Lucas Ryecart se afastou pisando duro. Alex seguiu-o com os olhos e, de repente, caiu em si.

— Aquele é, por acaso...

— Sim!

Tory entregou as embalagens de comida a Alex e correu atrás de Lucas.

— Espere, por favor — ela o deteve no instante que se preparava para subir no carro.

Ele parou.

— Ok. Estou esperando. — Lucas Ryecart cruzou os braços. O gesto parecia casual, mas Tory percebeu raiva e tensão em seu olhar.

— Bem, eu apenas quero esclarecer que Alex... Isto é, o que você viu não é...

— O que parece? — Lucas terminou a frase.

— Sim. Quero dizer, não.

— Está bem. Aquele não é Alex Simpson e você não iria jantar com ele e ele não está em seu apartamento e você não mentiu para mim.

Tory percebeu pela expressão do americano que seria perda de tempo contar a verdade. Sua intenção de fazer as pazes com ela havia desaparecido no instante que Alex abrira a porta. Virou-se, então, e teria se afastado se ele não a segurasse pelo braço.

— Solte-me — Tory ordenou, zangada.

Ele o fez de imediato, mas continuou tão perto que dava para sentir sua respiração.

— Diga-me. Ele e a esposa estão em vias de se divorciarem?

— Suponho que sim. Por quê?

— Isso explica o segredo, embora não o justifique.

— Você não sabe nada! — Tory explodiu.

— Você está certa. Eu não sei. Não consigo entender como uma garota linda e inteligente como você pode desejar um homem com uma esposa, dois filhos e que ainda por cima tem o vício do alcoolismo. Talvez você pudesse me explicar.

— Alex não é nenhum criminoso! — Tory protestou. Eles haviam trabalhado aquele dia como nos velhos tempos. Muitas das idéias de Alex eram excelentes. — E ele não é um alcoólatra.

— O amor é cego.

Tory olhou para Lucas como se quisesse fulminá-lo.

— Não amo Alex Simpson. Não estou apaixonada por ele, nunca estive e nunca ficarei. Eu não acredito no amor.

Lucas não parou de encará-la nem sequer por um instante.

— Então você não ama Alex Simpson nem ninguém. O que move sua vida, Tory Lloyd?

— Meu trabalho — ela respondeu. — Só isso me importa.

Lucas fez um sinal de desaprovação.

— Se está dizendo a verdade, Simpson deve ser horrível na cama.

Tory corou de raiva.

— Precisa ser tão grosso?

— É o refinamento de Simpson, então, que a atrai?

— Ele sabe ser gentil ao contrário de você.

A essa altura, Tory já havia desistido de se preocupar com a estabilidade de seu emprego. E Lucas de se mostrar um chefe justo e razoável.

— Posso não ser refinado, mas tenho moral — ele protestou.

— É mesmo?

— Eu jamais abandonaria minha esposa e meus filhos pela primeira garota que passasse a minha frente.

— Você não sabe o que está dizendo! — Tory retrucou. — Além disso, não é casado, é?

— Já fui — ele afirmou subitamente sério.

Tory mordeu o lábio. No calor da discussão, ela havia se esquecido por completo de Jéssica Wainwright. Não duvidava da fidelidade de Lucas. Estava ciente de quanto ele amara a esposa.

A raiva havia desaparecido. Em seu lugar, ficou o constrangimento.

— Sinto, sr. Ryecart. Esse assunto não me diz respeito.

— Mas dirá, srta. Lloyd — ele caçoou. — Porque eu não desistirei enquanto não a afastar de Simpson.

Tory pestanejou.

Lucas estava sorrindo para ela, mas nunca lhe parecera mais sério.

— Sim, srta. Lloyd, decidi que a quero para mim.

Tory não podia acreditar em seus ouvidos. Aquilo parecia uma reunião de negócios onde os interessados estavam discutindo termos e prazos.

— Pensei que fosse velho demais para mim — Tory lembrou.

— Foi o que considerei inicialmente, mas agora que descobri que está vivendo com alguém de minha idade, não tenho mais reservas nesse sentido.

— Não estou vivendo com Alex — Tory declarou, enfática.

— São apenas bons amigos? — Lucas caçoou.

— Pense o que quiser — Tory resmungou. Nunca havia sentido tanta

dificuldade antes em controlar sua irritação. — Peço apenas que não desconte em Alex. Porque se o fizer...

— O que pretende? — Lucas a interrompeu. — Denunciar-me por assédio sexual?

— Não falei nada disso.

— Ainda bem, porque sei perfeitamente separar as coisas, como já lhe disse. Se decidir que Simpson não serve mais para a empresa, você pode ter certeza de que o motivo não está ligado ao fato de vocês dormirem juntos.

— Oh, pare com isso! — Tory protestou. — Não há nada entre mim e Alex. Ou melhor, há! Nós não conseguimos ficar um minuto longe um do outro!

Lucas encarou-a em silêncio por um longo momento. Por fim, murmurou:

— Prove o que está dizendo.

— Provar? Como? Quer que eu mande instalar uma câmera em meu quarto?

— Isso não provaria nada. Muitos casais não precisam de uma cama para fazerem amor.

Tory viu-se imaginando deitada com Lucas em um campo florido sob um céu azul sem nuvens. Para censurar a imagem, fechou os olhos.

— O que sugere, então?

— Algo simples. Um encontro.

— Um encontro?

— Sim. O homem convida a mulher para um jantar ou um cinema. Depois quando a leva para casa ganha um beijo ou, se tiver sorte...

— Sei o que é um encontro — Tory protestou. — Está me convidando para sair?

— Estou.

— Para provar que não estou tendo um caso com Alex? — Tory perguntou em tom de incredulidade.

— Sei que não será uma prova conclusiva, mas se você fosse minha mulher, eu não permitiria que outro homem se aproximasse. Imagino que Simpson faria o mesmo.

A incredulidade passou a espanto.

— Alex não é tão primitivo.

— Não?

Tory acompanhou o olhar de Lucas a tempo de surpreender Alex espiando por trás da cortina de sua sala.

— Ele está curioso. Acho normal.

— Curioso apenas? — Lucas zombou. — Nesse caso ele não se importará se eu fizer isso.

Antes que Tory pudesse adivinhar as intenções de Lucas, ele a estava beijando. Foi mais um roçar de lábios do que um beijo e terminou em poucos segundos, mas a impressão de Tory era que o toque havia sido marcado a fogo.

— Não deveria ter feito isso — murmurou, atônita.

— Não, não deveria — Lucas concordou. Depois de ter provado a maciez daqueles lábios, ele não conseguiria ir embora sem repetir o gesto.

Da vez seguinte, Tory teve tempo para impedir o avanço, para recuar e fugir. Mas não. Ela ficou e correspondeu ao beijo. Não pôde evitar. Nunca havia se sentido tão fraca e indefesa. Era um conforto sentir aqueles braços ao redor de sua cintura, amparando-a.

A paixão pegou-os desprevenidos. A ela e a ele também. Um alarme soou no fundo da mente de Tory. Aquilo era uma loucura. Mas o que fazer se seus braços não a obedeciam e teimavam em envolver Lucas pelo pescoço?

O beijo terminou e começou outro. Carícias o acompanharam. Eles haviam se esquecido de onde estavam. Por sorte, ela estava usando um casaco folgado o suficiente para ninguém notar como as mãos de Lucas se moviam em seu corpo. Ele havia puxado a camiseta para fora do jeans. Agora estava acariciando suas costas. Quando se pôs a lhe tocar os seios, uma porta bateu e Tory recuperou o controle o suficiente para se afastar.

— Venha comigo — Lucas murmurou. — Vamos para meu hotel.

Tory pestanejou. Não era um convite, era uma ordem.

— Claro que não! — Tory exclamou, indignada.

— Por que não? Nós dois estamos querendo.

Tory negou com um movimento de cabeça. Ele sorriu.

— Não volte para ele — Lucas insistiu. — Fique comigo.

Tory não conseguiu responder de imediato.

— Nós acabamos de nos conhecer...

— E daí? Quantas vezes algo assim acontece em nossa vida?

— Não estou vivendo com Alex — Tory repetiu. — Esse apartamento é meu.

— Melhor ainda. Mande-o sair.

Era incrível, Tory pensou, que estivesse falando naqueles termos com um

perfeito estranho.

— Você é maluco.

— Não, sou franco. Não vejo motivo para lutar contra o inevitável.

Sexo. Era só isso que Lucas tinha em mente. Tory não precisava que ninguém lhe explicasse o que estava acontecendo. Ela estava lendo a mensagem naqueles olhos azuis.

Mas ele estava enganado. Ela não era a mulher fácil por quem ele a tomara.

— Sr. Ryecart, ou pensa demais sobre si mesmo, ou de menos a meu respeito. Para sua informação, eu preferiria caminhar descalça sobre brasas a ir para sua cama. Acha que fui clara o suficiente?

Ele parecia ter sido pego de surpresa. Tory aproveitou para empurrá-lo. Por um momento, ele se desequilibrou, mas conseguiu segurá-la antes que escapasse.

— Não tornará a dormir com Simpson. Eu juro.

Um arrepio percorreu as costas de Tory à ameaça e ela correu para seu apartamento sem olhar para trás. Se tivesse olhado, saberia que Lucas Ryecart permaneceu no lugar até que ela desaparecesse.

CAPÍTULO IV

Na manhã da segunda-feira, pela porta aberta de seu escritório, Tory viu os chefes de departamentos se dirigirem à sala de conferências para a primeira reunião oficial com o novo chefe. Duas horas depois, viu-os percorrerem o corredor com as expressões mais relaxadas. O fato de Alex não estar entre eles a deixou preocupada.

— Tory, posso falar com você um momento em minha sala? — Alex perguntou da porta, meia hora depois.

— Talvez ele queira sua ajuda para esvaziar as gavetas — Simon sugeriu com maldade.

Tory dirigiu-lhe um olhar de reprovação ao se levantar.

— Como foi? — ela perguntou a Alex, ansiosa.

— Quando fui convidado a permanecer na sala enquanto os outros eram dispensados, quase tive um ataque cardíaco — Alex confessou. — Mas o americano queria apenas discutir sobre os rumos que pretendemos dar a nosso departamento. Eu lhe mostrei nossos planos e ele pareceu impressionado. — Alex sorriu. — Não se preocupe. Não reclamei os créditos apenas para mim. Ele sabe que nós trabalhamos em parceria. Perguntou-me quanto tempo faz que estamos tão afinados.

Tory percebeu o sarcasmo por trás da pergunta que Alex considerara inocente. Ele não havia, afinal, testemunhado os beijos. Depois de ser flagrado atrás da cortina, Alex havia desaparecido de cena.

— Estou tão aliviado que quero comemorar — disse Alex. — Que tal um almoço no *Antoine's*? Por minha conta, é claro.

Tory franziu o rosto. Se até a noite anterior, Alex não tinha nenhum centavo no bolso, como ele estava em situação, de repente, de arcar com esse tipo de despesa?

— Obrigada, mas tenho um compromisso daqui uma hora. Só tenho tempo para um sanduíche.

— Então fica para outra vez — Alex sugeriu, como Tory esperava que ele fizesse.

— Então, como foi? — Simon perguntou.

— Bem — Tory respondeu ao mesmo tempo que apanhava a bolsa para sair para o almoço.

— Irei com você. — Simon se convidou. Estava curioso para saber as

novidades. Mas antes que se afastassem dois passos da sala, ouviram o nome de Tory.

— Espere! — Simon a segurou pelo braço quando ela tentou fingir que não havia escutado. — O chefe está chamando.

Lucas se aproximou. Como das outras vezes, Tory sentiu o coração bater tão forte à aproximação que mal conseguiu respirar.

— Devo me retirar? — Simon perguntou quando notou a troca de olhares.

— Sim.

— Não!

As respostas foram simultâneas, mas Simon não precisou pensar duas vezes para saber qual posição deveria tomar.

— O que você quer? — Tory esbravejou assim que ela e Lucas ficaram a sós.

— Precisamos conversar — Lucas respondeu. — Mas não aqui. Almoce comigo.

— Não posso.

— Ou não quer?

Se ele fazia questão de ser direto, por que ela precisaria inventar desculpas?

— Não quero.

Ele assentiu com um gesto de cabeça.

— Se lhe serve de consolo, você também me assusta.

Tory hesitou. Seria verdade?

— Não sei como eu poderia assustá-lo, sr. Ryecart. Afinal, não estou em posição de demiti-lo de seu cargo.

— Não foi a isso que eu me referi e você sabe. Não daria para esquecer nossas posições por um momento?

— Não — Tory respondeu. — Tenho certeza de que você não conseguiria se estivesse em meu lugar.

— Sob mim? — Lucas sugeriu, malicioso.

— Exatamente — Tory foi obrigada a responder, muito corada.

— Como eu gostaria que fosse verdade — Lucas murmurou ao mesmo tempo que percorria o corpo de Tory com os olhos.

A raiva foi tanta que Tory decidiu deixá-lo falando sozinho. Mas não adiantou. Ele a seguiu pelo corredor.

Diante do elevador, ela fingiu ignorá-lo. Não adiantou. Quando entraram,

ele simplesmente pressionou um botão e o elevador parou.

— Não pode fazer isso! — Tory protestou.

— Sei que está errado, mas precisamos conversar.

— Não quero conversar!

— Está bem. — Lucas deu um passo em direção a ela. — Então não iremos conversar.

Tory ergueu as mãos instintivamente.

— Se você me tocar...

— Você gritará por socorro? — ele a desafiou.

— Sim.

— É claro. Afinal, está presa em um elevador. Qualquer um pode entender esse tipo de reação.

Tory mordeu o lábio. Aquele homem tinha resposta para tudo? Ele afastou uma mecha de seus cabelos e ela estremeceu.

— Não tenha medo — Lucas murmurou. — Não farei nada que você não queira. — Ele se afastou para o lado oposto do elevador. — Não disse nada a Simpson sobre nossa conversa ontem, não é?

— Não havia o que dizer — Tory retrucou.

— Acha normal, então, receber propostas de homens?

— Acontece o tempo todo.

Lucas sorriu.

— Eu acredito.

Tory não pôde evitar o pensamento de que Lucas olhava para as mulheres como se as acariciasse.

— Por que escolheu justamente Simpson?

— Quando poderia escolher você? — ela retrucou.

— Eu estava me referindo a homens mais jovens e solteiros, mas já que você fez um aparte, sim, você poderia me escolher. Depois que terminar com ele, sem dúvida.

O atrevimento de Lucas Ryecart a deixou sem palavras por um momento.

— E se eu não terminar?

Uma expressão perigosa surgiu nos olhos de Lucas.

— Não parei para pensar nessa possibilidade.

O que ele faria? Demitiria os dois? Tory não tinha como saber. Lucas Ryecart ainda era um estranho para ela.

— Se eu quisesse colocar Simpson na rua — Lucas disse como se tivesse

lido o pensamento de Tory —, eu o teria feito esta manhã. Ele já teve advertências suficientes para justificar a decisão.

Tory franziu o cenho. Não sabia que a diretoria da Eastwich já estava a par dos deslizes de seu chefe.

— Se vocês não estivessem juntos, acho que a demissão teria acontecido.

— Não estou entendendo — Tory confessou.

— Acontece que minha vontade era demiti-lo, mas eu não estava cem por cento seguro sobre o motivo. Seria imperdoável de minha parte se eu apenas quisesse me ver livre do homem que está com a mulher que desejo.

A franqueza de Lucas a deixou completamente perplexa.

— Por essa razão, decidi aguardar e observar o desempenho dele. Se os problemas continuarem, o dilema acabará.

— Ou seja, você o demitirá?

— Sim.

— E se Alex voltar à forma?

— Nesse caso, ele não terá com o que se preocupar.

Ou Lucas Ryecart era um homem justo ou um grande mentiroso.

— Talvez eu seja a pessoa menos importante do setor. Lucas estreitou os olhos.

— Faria isso por Simpson?

— Sinto desapontá-lo, mas sacrifícios não fazem parte de minha natureza. Sou mais pela luta pela sobrevivência.

— É assim que considera seu emprego com a nova chefia? O silêncio de Tory o fez continuar.

— Se lhe serve de consolo, você também me perturba. Quando deveria estar me concentrando na salvação da Eastwich, só consigo pensar em uma das assistentes de produção.

— Você parece fazer da vida uma piada.

— Ela não é? — Lucas encolheu os ombros. — Com a idade você também aprenderá que nada deve ser levado demasiado a sério.

— Obrigada, mas eu prefiro aguardar para aprender por mim mesma sobre a vida. E agora, daria para você soltar o elevador? Eu estou com fome.

Para surpresa de Tory, Lucas apertou o botão no mesmo instante. O movimento brusco a projetou para a frente e Lucas a amparou. E não a soltou até que chegassem ao térreo.

Tory estava usando uma blusa sem mangas. O toque daquela mão era

quente e firme. Tory poderia ter se desvencilhado, mas não o fez. Pensou em protestar, mas as palavras não saíram de sua garganta.

Olhou para cima e os olhares se encontraram. Lucas não escondeu o que estava sentindo. E ela não teve forças para evitar o que sabia que iria acontecer.

Lucas atraiu-a de encontro ao peito. Inclinou a cabeça e segurou-a pelo queixo. O elevador estava parando quando as bocas se aproximaram. Ele parou, mas não o beijo.

Um pigarro a fez saltar para trás. Tarde demais. Colin Mathieson e um senhor alto de cabelos grisalhos foram testemunhas da cena.

A surpresa de Colin se transformou em choque ao reconhecer Lucas como o parceiro da assistente de produção.

O estranho, porém, demonstrou bom humor.

— Estávamos a sua procura, Lucas. Obviamente não o procuramos nos lugares certos.

— Olá, Chuck — Lucas cumprimentou. — Esta é...

Corada de vergonha e humilhação, Tory se apressou a se afastar do grupo. Ouviu o chamado de Colin, mas não olhou para trás. Ouviu também a risada do estranho como se a situação o estivesse divertindo. Não ouviu a voz de Lucas, mas conseguia adivinhar seu sorriso de satisfação.

Mais uma vez ele havia conseguido o que queria. O bom senso lhe dizia que Lucas era como uma doença contra a qual ela não tinha defesa. Sua única saída era tentar mantê-la sob controle para que não se tornasse grave.

— Onde esteve? — Simon perguntou quando ela entrou na cantina dos funcionários e se serviu de uma salada e de um copo de suco de laranja. — Desaparecida ou escondida? Do jeito que aquele sujeito olhou para você...

— Não diga mais nada! — Tory protestou. — Você pode achar graça na situação, mas eu não acho!

Simon ainda tentou caçoar de Tory uma vez ou duas, mas por fim mudou de assunto.

Mesmo assim, Tory não se demorou à mesa. Queria voltar logo para sua sala e se afundar no trabalho para não pensar em mais nada.

Alex não retornou após o almoço e Tory se obrigou a não se preocupar com o fato. Se Alex insistia em jogar fora sua última oportunidade, ela não podia proibi-lo.

Estava anoitecendo quando Tory deixou o escritório. O resto do pessoal já havia saído. Ao passar pela porta, ela viu Colin Mathieson jogando sua pasta

no banco de trás do carro. Por pouco não conseguiu escapar.

— Foi bom encontrá-la — ele disse com um sorriso que a fez gelar.

Tory aguardou que o supervisor se aproximasse. Ao mesmo tempo, pôs-se a rezar para que o assunto não fosse o que ela suspeitava.

Era.

A mensagem não podia ter sido mais clara. Colin queria lhe abrir os olhos para o fato de ser uma simples funcionária na empresa da qual Lucas Ryecart era o dono.

— Tem certeza do que está fazendo?

Não, ela não tinha. Sua vontade foi gritar assim que se viu sozinha no interior de seu carro. Era horrível ser considerada uma tola ingênua com sonhos de se tornar o amor do rico patrão.

CAPÍTULO V

Após o incidente do elevador, Tory decidiu evitar Lucas Ryecart. Não foi difícil. No dia seguinte, ele ficou reunido o dia inteiro com os diversos departamentos e à noite viajou para os Estados Unidos pelo resto da semana.

Em sua ausência, Tory refletiu com calma sobre tudo que havia acontecido entre eles. O encontro fora forte e turbulento como uma tempestade. Talvez Lucas realmente a quisesse. Era um homem poderoso e rico. Talvez não descansasse enquanto não a tivesse. Da mesma forma que devia fazer quando queria adquirir uma nova empresa ou um novo carro. Ficaria feliz com a satisfação de seu desejo, mas passado algum tempo as ambições seriam outras e ele sairia em busca de novidades.

Tory havia quase conseguido tirá-lo da cabeça quando, na manhã do sábado, chegou um cartão postal com a foto da Estátua da Liberdade. Sem assinatura e com uma única frase. "Ele já foi"?

— Você está bem? — Alex perguntou do outro lado da mesa da cozinha.

— Estou — Tory respondeu, séria. — Recebi um cartão de minha mãe.

— Pensei que ela tivesse se mudado para a Austrália.

Alex certamente vira a foto do postal. Seria necessário dizer outra mentira.

— Ela foi passar as férias em New York.

Alex se limitou a fazer um gesto de entendimento e voltou a girar o botão do rádio a fim de sintonizar uma estação. Tory suspirou. Alex estava deixando-a maluca. Não era capaz de devolver nada a seu lugar. Deixava as roupas nas cadeiras e as toalhas usadas no chão. Seria excelente se pudesse responder a pergunta de Lucas de modo afirmativo.

No início, Tory tentou chamar a atenção de Alex para a desordem com indiretas sutis. Como a tática não funcionou, ela passou para comentários diretos. Ele se desculpou e colaborou com ela nos cinco minutos seguintes.

Depois dessa prova de descaso, Tory cogitou se seria ela a errada por não ter paciência. Talvez não tivesse nascido para dividir seu espaço, mesmo em terreno platônico.

No entanto, bastou o postal chegar para ela mudar de idéia sobre a saída de Alex. De repente, não estava tão certa que o queria fora. Lucas Ryecart assumiria que ela havia cedido a suas exigências.

Como Alex havia combinado de sair com um corretor aquele sábado, Tory decidiu entregar o problema nas mãos do destino. Ele quis que ao final da

tarde Alex voltasse desconsolado por não ter encontrado nada que lhe servisse.

— Um dia desses você acabará conseguindo — disse Tory para alívio de Alex. — Se ainda não tem para onde ir, fique aqui mais alguns dias.

— Você é um anjo. Prometo continuar a busca esta semana. Pena que Ryecart estará de volta na segunda-feira ou eu aproveitaria para visitar outra imobiliária.

— Ele mandou avisar você? — Tory estranhou.

— Eu esqueci de lhe contar. Chegou um fax ontem dizendo que ele quer uma reunião com nosso departamento no Abbey Lodge na segunda de manhã.

Simon ganhou um ponto a seu favor por chegar no horário. Alex e Tory atrasaram quinze minutos por causa do trânsito.

Tory não conseguiu sorrir nem sequer quando o chefe a cumprimentou.

Ao redor da mesa, Tory posicionou-se de maneira que Simon ficasse entre ela e Lucas. Alex ocupou o lugar em frente e se incumbiu de justificar o atraso. Seu carro estava quebrado e Tory lhe dera uma carona. Nenhum dos dois sabia que as ruas por onde teriam de passar estavam em obras.

Para Lucas Ryecart, só interessou, é claro, que eles chegaram juntos porque estavam morando juntos.

Nesse sentido, ele tentou deliberadamente fazer Alex cair em contradição.

— Você e Tory moram perto?

— Eu... não. — Alex olhou para Tory. Ela não queria que ninguém soubesse sobre o esquema. Ele não podia contrariá-la. Não lhe ocorreu nem sequer por um instante que estava complicando a vida dela ao respeitar sua vontade.

— Nesse caso, Tory, você foi muito amável em desviar de seu caminho para ajudar seu colega.

Fazia uma semana que aquele homem havia envenenado sua vida, Tory pensou. Não queria perder seu emprego, mas se tivesse de aturar insinuações maliciosas por muito tempo, abriria mão dele.

— Não foi trabalho algum — Tory respondeu, desafiadora. — Na verdade, não precisei sair de meu caminho.

Tory o viu apertar os lábios. A mensagem havia sido entendida. Ela estava respondendo o cartão que ele lhe enviara. Alex continuava no mesmo lugar.

A reunião começou e Lucas Ryecart declarou que pretendia mudar a linha que a empresa vinha seguindo com relação aos documentários. Ele queria

temas que oferecessem ganchos para seqüências. Vários programas anteriores haviam sofrido atrasos e sido copiados por outras emissoras.

— Estamos cientes do problema — Alex declarou, melindrado. — Tivemos de abandonar um projeto, não faz muito tempo, porque a Tyne Tees anunciou que o colocaria no ar antes.

— Quanto isso custou a Eastwich? — perguntou Lucas Ryecart.

— Não me lembro — Alex admitiu.

— Eu me lembro. — Lucas mencionou a cifra.

— Imagino que tenha sido isso — Alex respondeu. — Não costumo me preocupar com os orçamentos.

Tory estremeceu ao ver Alex cair na armadilha. Como ele fora ingênuo a ponto de não notar que o americano estava cavando um fosso a sua frente?

— Foi o que eu deduzi — Lucas Ryecart murmurou após um momento de silêncio.

Alex tentou corrigir o erro assim que se deu conta do que dissera.

— Não que eu não tente trabalhar dentro dos custos estabelecidos. Muitos programas, aliás, foram feitos com orçamentos apertados.

— Quais por exemplo? — Lucas indagou. Alex perdeu a fala.

— Foi força de expressão. Mas nosso departamento não custa mais que os outros para a empresa. O núcleo dramático, mais do que qualquer outro, exige milhões para funcionar.

— Mas rende o dobro cada vez que um de seus programas é vendido para o exterior — Lucas retrucou e olhou para Tory e para Simon. — Bem, passemos a discutir agora novas propostas para futuros programas.

Pela expressão de Simon, Tory percebeu que ele ainda não havia sido informado sobre os estudos que ela e Alex fizeram no fim de semana.

— Deixei uma cópia em cima de sua mesa — afirmou Alex na defensiva.

— Tenho uma cópia extra — disse Tory e entregou-a.

Um minuto depois, Lucas olhou para eles:

— Muito bem. Podemos cortar de imediato os itens um e quatro.

— Cortar? — Alex protestou, ofendido. Simon, é claro, mal conteve uma risadinha. — Por quê, se me permite perguntar?

— Sim, eu permito. Porque algo muito próximo ao primeiro item está para ser lançado pela BBC e o quarto item custaria uma fortuna.

— O custo é o único critério a ser considerado? — Alex perguntou como se fosse um artista chocado com os interesses comerciais.

— Na atual situação da Eastwich, sim. Mas caso você queira investir seu próprio dinheiro no projeto, fique à vontade.

Lucas Ryecart falou sem dó nem piedade. A mensagem foi objetiva. Investir ou calar a boca.

— Passemos à proposta número dois. Esse tema atrairá litígios descomunais a menos que possamos nos calçar contra cada ataque que fizermos às companhias farmacêuticas.

— Você sabe que isso será impossível. Nós só poderemos nos basear em fontes internas e sabemos que algumas nem sempre são confiáveis.

— Exatamente — concordou Lucas. — Por essa razão, prefiro passar para o tópico seguinte a menos que você insista em levar essa história para outro lado.

De indignado, Alex ficou desconcertado com a postura do americano. Por trás da voz afável e das maneiras gentis, havia um homem de aço.

— Duas idéias permanecem, portanto — Lucas declarou. — A discriminação racial nas Forças Armadas e o tráfico de drogas em parques infantis. Ambas merecem atenção. Além dessas, surgiu uma outra da parte de Simon e minha.

A expressão de Alex tornou-se imediatamente desconfiada. Lucas percebeu o clima e olhou para Tory.

— Todos podem e devem expor suas idéias no sentido de decidirmos quais serão estudadas e exploradas. Gostaria de acrescentar algo, Tory?

Ela já havia sugerido as duas propostas mencionadas por Alex, mas como a apresentação foi feita como se os temas tivessem sido criados por ele apenas, Tory limitou-se a negar com um movimento de cabeça. Lucas deveria estar decepcionado com sua participação medíocre, mas não havia o que fazer realmente.

— Como você sabe, Tory e eu trabalhamos juntos neste projeto — disse Alex na intenção de salvá-la. Não lhe ocorreu que a declaração provaria a Simon, em definitivo, que ele havia sido excluído do grupo.

— Em total sintonia, eu imagino — Lucas retrucou com um olhar que Tory entendeu de imediato.

— O senhor tem alguma coisa contra isso, sr. Ryecart? — Tory protestou, incapaz de calar.

— Lógico que não — Lucas respondeu, calma e lentamente. — Também espero trabalhar com a senhorita em total sintonia em breve. — Tory não teve

chance para se defender dessa vez. Sua única reação foi corar de raiva e observar Lucas Ryecart tirar o relógio do pulso e colocá-lo em cima da mesa. — Voltando a nossa discussão, proponho que cada um de nós exponha suas idéias por um período de quarenta minutos. — Ele olhou para todos os participantes sentados ao redor da mesa. — Algum voluntário para começar?

— Não estamos acostumados a trabalhar com limites de tempo — Alex objetou.

— Tenho conhecimento disso, mas como quarenta minutos é o tempo de que dispomos no ar para apresentar nossos documentários, creio que será um bom exercício para todos nós. Portanto, a não ser que alguém queira ser o primeiro, eu começarei.

Ninguém se manifestou.

— Muito bem. Esta idéia praticamente pulou na minha frente. Um de nossos patrocinadores, Chuck Wiseman, é um importante editor nos Estados Unidos e está com planos de expandir seus negócios. A Grã-Bretanha será seu primeiro alvo. Nesse sentido, eleja adquiriu os direitos de publicação de duas famosas revistas do segmento feminino: Toi e Vitalis. Algum de vocês já teve a oportunidade de ler seus artigos?

Tory foi a única a responder que sim.

— Qual é sua opinião? — Lucas quis saber.

— Toi é uma imitação fraca de Marie Claire. Vitalis se dedica especificamente a assuntos de beleza. Matérias no âmbito intelectual são raras.

— Uma opinião cínica, mas precisa — Lucas observou. — Chuck pretende unir as duas, mantendo apenas o que cada uma tem de melhor. Digamos que será como um casamento de conveniência onde nenhuma das partes tem pressa de subir ao altar.

— Não dará certo — disse Alex.

— Possivelmente não — Lucas concordou —, mas Chuck é um homem que não desiste quando está determinado a algo.

— E onde isso nos coloca? — Tory quis saber. — Devemos fazer um estudo sobre como será a lua-de-mel?

— Mais ou menos — Lucas respondeu. — Chuck está pensando em reunir as equipes de ambas as revistas em um centro de convivência durante um fim de semana na expectativa de que elas possam se entrosar em um clima de diversão em vez de se digladiarem em uma sala de conferências como se fossem inimigas.

— Acho uma boa idéia — disse Simon. — Para onde ele enviará as equipes? Se for para um lugar quente e ensolarado, estou pronto para me apresentar como monitor.

Lucas deu um pequeno sorriso.

— Lamento, Simon, mas não será dessa vez. O fim de semana será em Derbyshire Dales.

— Ele deve estar brincando! — Tory exclamou, sem poder se conter.

— Foi o que eu também pensei — Lucas concordou. — Mas, de acordo com Chuck, as pessoas tendem a se unirem diante de dificuldades comuns.

— Se elas não se matarem antes no isolamento ou morrerem todas ao despencarem em um abismo — zombou Simon.

— E aí que nós entramos — explicou Lucas.

— Como uma espécie de árbitros? — Tory franziu o rosto.

— Desde que eles insistam em se tratarem como inimigos — lembrou Lucas. — Caso contrário, seríamos monitores de atividades e palestras.

— De certa forma é interessante — concordou Tory. — Mas por mais que tentem dourar a pílula, eles saberão que se trata de um teste.

— Dois grupos supostamente rivais passando um fim de semana longe da civilização. Se fosse um programa feito para a tevê, alcançaria altos índices de audiência.

Alex e Simon se mostraram entusiasmados com a idéia.

— Eu entendi bem? Um de nós acompanhado pela equipe de filmagem fará entrevistas com as executivas de duas revistas femininas?

— Sem a equipe — Lucas corrigiu. — O alojamento terá câmeras ocultas instaladas e as cenas exteriores serão gravadas pelos monitores.

— Isso é legal? — Simon estranhou.

— O centro de convivência já assinou um termo onde cede todos os direitos a Chuck — Lucas explicou. — O plano é enviar um de vocês ao local como sendo um novo integrante da equipe da revista Toi. O escolhido irá comigo hoje mesmo a Londres para se submeter a uma entrevista.

Simon e Alex olharam simultaneamente para Tory.

— Por que eu? — Tory resmungou diante da idéia de viajar sozinha em companhia de Lucas Ryeart.

— Porque é a única mulher da equipe, não é óbvio? — caçoou Simon.

— As revistas são voltadas para o público feminino, Tory. — Alex concordou com Simon pela primeira vez.

Com o coração aos saltos, Tory olhou para Lucas. Ele não a pressionou. Ao contrário. Disse que voltariam mais tarde ao assunto e que precisavam voltar ao tópico anterior.

Alex foi o primeiro a se oferecer para expor seus argumentos sobre o tráfico de drogas em parques infantis. Disse que os pais precisavam se voltar mais para os filhos. Que ao deixarem as crianças aos cuidados de terceiros, dia e noite, como estava se tornando cada vez mais freqüente na sociedade, os jovens estavam sendo abordados com facilidade por estranhos e sendo instigados por eles a experimentarem novas aventuras.

Como já havia pesquisado sobre esse tema, Alex contou sobre entrevistas que fizera com diretores de escolas públicas no sentido de pedir sua colaboração para que a vigilância nos limites internos e também externos fosse aumentada.

— Eu duvido que algum diretor possa fazer alguma diferença nesse sentido. Não há verbas. Quem se responsabilizará pela vigilância sem receber nada em troca? — Simon retrucou

Tory estreitou os olhos diante da discussão. Lucas estava se divertindo com a situação, era óbvio. Talvez estivesse pensando em mandar aqueles dois para algum lugar ermo na Escócia para que se entendessem.

A idéia a fez sorrir sem perceber. E Lucas Ryecart lhe dirigiu a palavra por ter interpretado seu gesto de maneira errada.

— Você parece cética. Não concorda com Alex que a maioria dos adultos com idade inferior a quarenta anos já experimentou algum tipo de droga?

Tory sentiu-se aliviada por Lucas ter explicado a que estava se referindo pois em sua distração ela não teria tido condições de responder. Ao mesmo tempo, não estava disposta a emitir sua opinião.

— Tory não está em boa posição para opinar — contou Simon. — Ela é uma mulher aos moldes antigos. Não bebe. Não fuma. Não faz praticamente nada.

— Por que não cala a boca, Simon? — Tory esbravejou.

— Viu? — Simon olhou para Lucas. — Ela nem mesmo diz palavrões.

Lucas percebeu que Tory estava ficando tensa e incentivou o prosseguimento da reunião.

— Simon, gostaria de expor sua idéia agora?

— Com prazer.

Tory anotou os pontos básicos da idéia de Simon que abordaria um dia na vida de um membro do Parlamento. Parecia um tema seguro até Simon

mentonar o nome da pessoa que era uma figura controversa e intolerante.

— A pessoa em questão aceitaria ser tema de um programa de televisão? — Lucas quis saber.

— Sim.

— Você o conhece em pessoa?

— Sim — Simon tornou a responder. — Estudei com o irmão dele no colégio.

Após mais dois ou três comentários e o aviso de que tornariam a se reunir em três semanas, Lucas deu a reunião por encerrada.

Tory guardou seus papéis na pasta e se levantou para sair. Antes que alcançasse a porta, Lucas a chamou.

— Gostaria de falar com você. — Ela parou. Em seguida, Lucas se dirigiu a Simon e perguntou se ele poderia dar uma carona a Alex de volta ao escritório por ele estar sem carro.

— Claro que sim — Simon se apressou a concordar.

Sem ter como recusar, Tory deixou-se conduzir ao longo do corredor do hotel em direção ao elevador.

— Conversaremos durante o almoço — disse Lucas.

— Não estou vestida para almoçar em um hotel cinco-estrelas.

— Podemos tomar um lanche no bar, se você preferir, ou pedir serviço de quarto.

— Espera que eu vá a seu quarto? — Tory retrucou, indignada.

— Não espero, mas gostaria que fosse verdade — Lucas respondeu com mais humor do que lascívia.

— Não estou com fome.

— Nesse caso, tomamos um lanche.

— Eu disse que não estou com fome!

— Mas eu estou. Não gosto de discutir sobre negócios com o estômago vazio.

Negócios. A palavra a fez lembrar suas posições hierárquicas. Seria bom tê-la em mente com mais frequência se não quisesse perder seu emprego.

No bar, Lucas pediu um filé com salada e insistiu que Tory comesse ao menos um sanduíche. Ela notou o modo amigável como ele era tratado e deduziu que fosse um hóspede assíduo.

— Não exatamente — Lucas explicou. — Eles apenas me associam à imagem de Chuck.

— Seu amigo das revistas femininas também está neste hotel?

— Esteve. O local é provinciano demais para ele. Chuck retornou ao Ritz em Londres. Está morando lá no momento, mas logo voltará para o New York Plaza.

O homem vivia em hotéis? Por mais luxuosos que fossem, era estranho ouvir que alguém não possuía uma residência própria.

— Ele não tem família?

— Está sozinho agora, mas foi casado duas vezes. Não teve filhos; apenas um enteado, que sou eu.

— Quer dizer que Chuck é seu padrasto? — Tory mostrou-se surpresa.

— É ou foi, não sei.

— Como eu — Tory mencionou um detalhe de sua intimidade que não costumava revelar a ninguém. — Tive vários padrastos, mas só considere dois deles como se fossem meus pais.

— Quantos anos você tinha quando seus pais se divorciaram? — Lucas quis saber.

— Não houve divórcio. Eles nunca foram casados.

— Você se sente constrangida a esse respeito? — Lucas perguntou após um momento.

— Não. Por quê? — Tory perguntou com mais agressividade do que desejaria.

— Por nada. Mas isso poderá afetar sua participação no documentário de Alex sobre as drogas.

Ela poderia dizer que era uma profissional e que tinha capacidade de montar qualquer produção de maneira direta e objetiva, mas algo a fez hesitar.

— Prefiro trabalhar em outra matéria.

Lucas sorriu.

— Como acha que se encaixaria no papel de editora de uma revista feminina?

Por um instante, Tory cogitou se seu chefe estava sugerindo que procurasse emprego em outro lugar, depois percebeu que ele estava se referindo ao novo projeto.

— Está me oferecendo o trabalho porque sou mulher?

— Não apenas por isso — Lucas respondeu. — Não consigo visualizar Alex fazendo caminhadas por trilhas na montanha nem Simon no papel de observador.

— Certo.

— Não gostou da missão? — Lucas estranhou o pouco entusiasmo. — Se prefere que eu indique outra pessoa, por favor diga agora. Não quero ver o sucesso de nosso trabalho comprometido por sua falta de empenho.

Os pratos foram servidos naquele instante, o que deixou a Tory alguns instantes para refletir.

— Estou grata pela oportunidade — ela resolveu dizer. — Quando devo começar?

— Esta tarde. Terá de se apresentar no departamento pessoal da revista Toi para uma entrevista.

Tory fez que sim com a cabeça.

— E se eu não for aprovada?

— Você já foi. Escreve para um jornal regional e esse será seu primeiro trabalho na redação de uma revista.

Tory lembrou-se do que Lucas Ryecart dissera sobre um deles ter de se apresentar disfarçado como um integrante da equipe.

— Ninguém será informado sobre minha real identidade? — Tory quis saber.

— Apenas o diretor do departamento pessoal.

— Você não receia que minha participação possa causar algum dano ao projeto?

— Basta que você atue mais na observação do que no desempenho. Como fez hoje.

Tory mordeu o lábio. Em outras palavras, Lucas a estava chamando de pouco competente.

— Eu também tenho idéias, sabia?

— Tenho certeza disso. Apenas não entendo como pode permitir que outros se apoderem delas.

— Trabalhamos em equipe — Tory se defendeu.

— Nesse caso, alguém deveria alertar Simon e Alex a respeito. Parece que eles jogam em campos opostos. E você coloca a lealdade acima de tudo.

— Alex é meu chefe! — Tory lembrou.

— Eu também sou seu chefe! — Lucas afirmou. — Isso significa que posso ficar com você em seu apartamento?

Cansada de protestar em vão a verdade, Tory sorriu.

— Por que não? Vá e durma no sofá, se conseguir tirar Alex de lá.

A expressão de Lucas tornou-se séria.

— Está me dizendo que não dorme com Alex?

— Não estou dizendo nada. Por que não pergunta a ele?

— Por que mentiu, então, sobre seu paradeiro?

— Por causa das más línguas.

— Ou seja, a fama de Alex já correu por aí. Parece que seu sofá não foi o único onde ele dormiu depois que a esposa o deixou.

Tory não tentou defender Alex dessa vez.

— Gosto de separar minha vida pessoal de meu trabalho. Do lado profissional, Alex é apenas meu chefe.

— E do lado pessoal?

— Ele é um colega inconveniente que deixa tudo fora do lugar.

Ainda havia um brilho de desconfiança no olhar de Lucas quando ele voltou a falar sobre as revistas.

— Quando devo começar realmente a trabalhar como editora?

— Amanhã — Lucas respondeu, sucinto.

Tory pestanejou. Não esperava por uma mudança tão rápida.

— Isso lhe dará quatro dias para se preparar antes da reunião de equipes.

— Mas a revista fica em Londres — Tory protestou.

— Por isso estaremos seguindo para lá assim que terminarmos de comer e você arrumar suas coisas.

— Você quer que eu fique lá direto?

— Essa é a idéia.

— Com você?

— Não havia pensado nisso, mas a proposta é interessante. Tory corou. Lucas deu um sorriso.

— Fique tranqüila, Tory. Não terá com o que se preocupar.

CAPÍTULO VI

O esquema estava montado. Lucas explicou que a entrevista de Tory na revista seria às quatro horas e que ela ficaria hospedada em um hotel o resto da semana.

A viagem de carro foi feita em silêncio. Depois de tê-lo acusado de razões escusas para levá-la a Londres, Tory preferiu ficar calada. Ao menos não correria o risco de cometer mais erros.

Estavam chegando aos arredores da capital quando o celular de Tory tocou.

Era Alex, o que não a surpreendeu. E antes que pudesse dizer a ele onde se encontrava, Alex pôs-se a fazer comentários pouco lisonjeiros sobre o americano.

Preocupada que Lucas ouvisse os termos desagradáveis sobre sua pessoa, Tory mudou o fone para o outro ouvido. Tentou dar uma entonação de alerta ao ex-chefe sobre o fato de não estar sozinha. Como ele não entendesse, ela decidiu perguntar se ele estava ligando para falar com Lucas Ryecart que estava a seu lado.

A surpresa deixou Alex mudo por um instante. As perguntas choveram em seguida. A primeira dizia respeito ao carro de Tory. Afinal, como ele iria para o trabalho se o mecânico ainda não havia terminado o conserto de seu automóvel?

— Você concorda com ele? — Lucas perguntou assim que Alex desligou. — Sou um idiota arrogante?

Tory tentou ganhar tempo.

— Por que achou que Alex estava falando sobre você?

— Porque não sei de nenhum outro americano imbecil na Eastwich.

— Não sabe que é feio escutar conversas alheias? — Tory perguntou, constrangida, ao descobrir que Lucas havia ouvido muito mais do que ela supunha.

— Mesmo quando acontece dentro de seu próprio carro e que a pessoa envolvida é sua convidada?

Dessa vez, Tory não retrucou. Ele estava completamente certo. Fora ridícula em acusá-lo. Os únicos culpados ali eram ela própria e Alex.

— Desculpe. Por outro lado, procure pensar que é normal os funcionários falarem do patrão pelas costas.

— Acha que me importo com a opinião dos outros? — Lucas perguntou, ríspido.

Ela poderia responder que sim. Era o que estava pensando. Mas não teve coragem para continuar irritando-o. Alguns minutos depois, Lucas pediu sua ajuda para se localizarem.

Havia um mapa da cidade no porta-luvas, mas Tory não precisou consultá-lo. Ela conhecia bem a parte de Londres onde aconteceria sua entrevista.

Diante do prédio da Toi, eles desceram e Tory pediu que Lucas abrisse o porta-malas.

— Para quê? Eu virei buscá-la quando terminar sua entrevista para levá-la ao hotel

— Não é preciso — Tory se apressou a recusar. — Posso pegar um táxi.

— Que a levará para qual endereço? — Lucas caçoou.

— Não sei. Em que hotel deverei ficar?

— Minha secretária se encarregou da reserva. Ainda não liguei para o escritório.

— Ok — Tory decidiu não prolongar o assunto. — Ficarei esperando por você.

— Ligarei quando estiver chegando — Lucas prometeu. — Qual é o número de seu celular?

— Não seria melhor eu escrevê-lo em um papel? — Tory sugeriu.

— Eu não me esquecerei. Diga.

Depois de informar o número, Tory consultou seu relógio de pulso.

— Está na hora. Não quero me atrasar.

— Boa sorte.

— Pensei que o emprego já fosse meu.

— Ele é — Lucas garantiu. — Essa é a parte fácil.

Tory engoliu em seco e entrou no escritório. A recepcionista encarou-a como se a reconhecesse quando lhe disse o nome e pediu que aguardasse.

Tory mal havia se sentado e aberto a mais nova edição da revista Toi quando uma loira se aproximou e pediu que a acompanhasse à sala do diretor do departamento pessoal.

Conforme Lucas havia prometido, a entrevista foi mera formalidade. O diretor, em questão, não pareceu simpatizar com ela. Chegou a lembrá-la de que, devido às circunstâncias inusitadas de sua contratação, ela poderia se

sentir hostilizada pelo restante da equipe.

— Não estou entendendo — Tory confessou. — Alguém mais sabe sobre a razão de minha presença aqui?

— Isso não. Só estou antecipando uma possibilidade — ele se apressou a recuar. — Duas outras funcionárias, afinal, poderiam ter sido escaladas para essa função, e o fato de não ter sido publicado nenhum anúncio pedindo alguém para o cargo, levará a equipe a descobrir que a senhorita está aqui por indicação de alguém de cima.

Tory fez um gesto de entendimento. Estava em má situação. Ainda não havia começado em sua função e já estava sendo encarada como a protegida de algum sujeito importante.

— Quem elas poderiam imaginar que foi?

— Eu não me estenderia tanto — o homem se desculpou. — Apenas quis preveni-la do que poderá encontrar pela frente.

— Obrigada — Tory agradeceu, mas não se sentia realmente grata. O diretor fora, afinal, o primeiro a hostilizá-la.

Ele a levou, a seguir, para conhecer as dependências da revista e a deixou, finalmente, na sala da editora-chefe, Amanda Villiers, que estava em companhia de várias outras mulheres.

Os sorrisos e apertos de mão não enganaram Tory. As boas-vindas não poderiam ter sido mais falsas. A nova chefe fez tudo que estava a seu alcance para irritá-la.

— Achei seu currículo interessante. Em seu primeiro emprego escreveu para o Cornpickers Times, não?

— Cornwall Times — Tory corrigiu.

— Que seja. — A mulher deu de ombros. — Não estou acostumada a jornais provincianos. Para que público você dirigia seus editoriais? Esposas de fazendeiros e camponesas? E quais eram os assuntos de interesse? Como preparar receitas de carne depois que o gado era morto, por exemplo?

Tory deu uma risada embora soubesse que não era essa a reação que deveria ter. Amanda Villiers não escondeu o espanto.

— Como tricotar um suéter com a lã de seu próprio rebanho também teria sido uma boa sugestão — disse Tory.

A mulher mudou de assunto.

— Espero que tenha em mente que uma revista como a nossa é voltada para um mundo completamente diferente. Apesar de que você já teve alguma

experiência nesse sentido, não é mesmo? Parece que trabalhou por dois anos em uma revista francesa... Como é o nome?

Tory não conseguiu se lembrar. Tinha estudado seu currículo durante o percurso para Londres, mas parecia que o tempo não fora suficiente.

— Não creio que alguma delas conheça — Tory se referiu às outras integrantes da equipe.

— Certamente que não — Amanda Villiers concordou. — Mas, por que não nos conta, querida, como foi parar de uma revista simples do campo em uma pornográfica de Paris?

— É uma longa história — Tory admitiu. — Que poderei contar em detalhes quando estivermos sem ter o que fazer no próximo fim de semana a não ser escutar o uivo do vento.

— Oh, Deus! Você já sabe e ainda assim quer vir trabalhar conosco?

— Tenho certeza de que o emprego me compensará o sacrifício — Tory forçou-se a demonstrar um pouco de entusiasmo.

Amanda encarou-a com desconfiança. Em seguida, virou-se para Sam, uma mulher à sua direita.

— O que você acha? O que tem feito nos últimos seis meses compensa a obrigação de ir para um lugar qualquer esquecido do mundo por um fim de semana?

Tory percebeu raiva nos olhos da outra antes que ela baixasse a cabeça, sem nada responder.

Depois disso, Amanda finalmente a apresentou às outras.

— Quando pretende começar?

— O mais rápido possível.

— Então sente-se porque estamos no meio de uma reunião. — E Amanda passou a falar em cirurgias cosméticas sem olhar nem sequer uma vez na direção de Tory. Algo que ela achou positivo. Não sabia nada sobre implantes de silicone e lipoaspiração. Compreendia a necessidade de auto-afirmação de muitas mulheres, mas em particular, achava que o assunto estava se tornando uma verdadeira obsessão no mundo atual.

— O que você diz a respeito, Victory? — Amanda lhe perguntou por fim. E antes que respondesse. — Já fez alguma plástica? Nos seios, talvez? — Todos os olhares pousaram nos seios de tamanho médio de Tory. — Provavelmente não. Seu nariz, contudo... Bem arrebitado, não? O que vocês acham, garotas?

Duas mulheres riram como se a chefe tivesse contado uma piada. Mas

Tory notou que uma jovem, no fundo da sala, deu um suspiro. Isso a levou a cogitar sobre o ambiente que teria de suportar durante o longo fim de semana. De repente, a Eastwich lhe pareceu um paraíso. Ela preferia mil vezes Alex, com todos seus defeitos, a tal Amanda.

O celular tocou naquele momento para piorar sua situação.

— Nossa regra número um, querida, é desligar os celulares antes de entrar em reunião.

Tory sorriu para se desculpar. O identificador de chamadas mostrou-lhe um número desconhecido. O de Lucas, provavelmente.

— Quem é? — Amanda quis saber.

— Um amigo. Ele vai me dar uma carona. Quando eu não responder e desligar, ele entenderá e voltará a ligar mais tarde.

— Não é preciso. Chega por hoje, não concordam, *mes enfants*?

As outras apoiaram a decisão da chefe e Tory atendeu.

— Estou esperando — Lucas se limitou a dizer.

— Ok. Sairei em um minuto — disse Tory e desligou.

— Do tipo autoritário, pelo que notei — Amanda observou.

Tory sorriu e se despediu.

Por sorte, não teve dificuldade em encontrar o caminho para o elevador, uma vez que ninguém se ofereceu para acompanhá-la. Enquanto o esperava, porém, a jovem que ela ouvira suspirar se aproximou.

— Acha que gostará daqui?

— Ainda é cedo para saber.

— Amanda não mudará o modo de tratá-la. Se não se importa que eu diga, parece que antipatizou com você à primeira vista.

Tory lamentou a informação. Confirmava suas suspeitas. Ainda bem que aquele emprego seria apenas temporário.

— Como foi? — Lucas quis saber assim que ela entrou no carro.

— Não me pergunte! — Tory suspirou.

— Tão ruim assim?

— Horrível!

Naquele instante, Amanda saiu do prédio e Tory a indicou a Lucas.

— Podemos ir?

— Claro! — Lucas ligou o motor.

— Você conheceu a equipe?

— Fui apresentada. Se tivessem me atirado às feras, eu teria sido melhor

recebida.

Lucas deu uma risadinha.

— Será por poucos dias.

— Parecerão semanas — Tory resmungou. — Você já teve de fingir que é quem não é?

— Já — Lucas contou. — Tive de passar uma vez pelo filho surdo-mudo de um pastor de cabras no norte do Afeganistão.

— Está falando sério?

— Estou. Tive de cobrir o conflito entre o Afeganistão e a Rússia e precisei me disfarçar quando passei a correr perigo como correspondente americano.

Tory parou de reclamar. Seria um tédio trabalhar para aquela revista, mas ao menos não estaria correndo perigo de vida.

— Minha maior preocupação é não conseguir ser convincente. Confesso que não entendo nada das matérias que elas escrevem.

— Elas esperam que você se perca, não esperam? — Lucas encolheu os ombros.

— Mas é duro dar essa satisfação a Amanda Villiers.

— Conheço sua fama.

— De onde? — Tory perguntou, surpresa.

— Chuck me contou. Ao menos acredito que se trate da mesma mulher. Ele a chama de Mandy.

— Será que são íntimos?

— Não sei. Eu não a vi direito. Ela é bonita?

— É.

— Nesse caso, talvez tenham saído juntos algumas vezes. Chuck gosta de mulheres bonitas.

Tory franziu o rosto.

— Ele não é...

— Velho? Sem dúvida, ele é bem mais velho do que suas mulheres, mas seu charme e seu dinheiro compensam.

— Isso não te incomoda?

— Acho que ele tem idade suficiente para cuidar de si mesmo.

— Mas e quanto a sua mãe? — Tory perguntou.

— Ela faleceu há vinte anos.

— Desculpe-me.

— Por quê?

— Por fazer perguntas demais.

— Não se preocupe com isso. Considero um bom sinal.

— Um bom sinal?

— Ao menos você se interessa um pouco por mim.

Bastaram essas palavras para Tory se fechar.

— Bem, agora falta pouco para chegarmos a seu hotel — Lucas continuou como se não houvesse notado a mudança. — Chama-se The Balmora. Fica na Avenida Kingscote.

Tory conhecia a região, mas não se lembrava da localização da avenida. Verificou o mapa. Ficava na parte baixa de Earls Court.

Quando chegaram às imediações, o ambiente começou a ficar bizarro. Pessoas esquisitas se movimentavam pelas ruas. Eles nem sequer pararam diante do hotel.

— Não posso permitir que você se hospede em um buraco como este.

— O local não é bonito, mas o hotel parece razoável — disse Tory.

— Razoável? Viu o sujeito que acabou de entrar? Sou capaz de apostar que ele pertence à Máfia Russa.

Tory havia observado o homem. Ele vestia um casaco de couro e a gola estava levantada. Sua barba estava por fazer e ele tinha um ar suspeito, mas era provavelmente apenas um inocente turista estrangeiro.

— Se for, eu poderia aproveitar e escrever uma história para a Toi.

— Acontece que você trabalha para a Eastwich, não para a Toi e eu vou levá-la comigo para meu hotel. Provavelmente não haverá nenhum quarto disponível, mas eu lhe ofereço o meu. E antes que comece a protestar, aviso que não dormirei lá esta noite porque tenho um compromisso.

Que espécie de compromisso era esse que levava uma noite inteira?, Tory cogitou e foi obrigada a admitir que a idéia a incomodava.

Por mais que quisesse mentir a si mesma, não era apenas a beleza e o charme de Lucas que a atraíam. Ao mero som de sua voz ela sentia arrepios. O modo de Lucas se comportar, embora muitas vezes a irritasse, também lhe causava admiração.

— Aliás, talvez a esposa desse amigo com quem irei jantar possa lhe ajudar.

Tory quase sorriu de alívio.

— Em que sentido?

— Ela trabalhou para uma publicação feminina antes que os filhos

nascessem — Lucas explicou.

— Uma conversa sobre a rotina básica de uma editora realmente seria útil

— Tory agradeceu.

— Então venha jantar conosco — Lucas propôs com total casualidade.

Tory hesitou.

— Seus amigos não se importarão? Afinal, eles não me conhecem e não estão esperando uma outra pessoa.

— Por que se importariam? A menos, é claro, que você seja do tipo que cria confusão após um copo ou dois de vinho.

— Lógico que não.

Poucos minutos depois, Lucas parou diante de um dos maiores hotéis de Londres. Enquanto um recepcionista abria a porta para Tory, Lucas saltou e apanhou sua valise no porta-malas. Em seguida entregou a chave e pediu que estacionassem o carro e que levassem a bagagem para o quarto.

— Não costumo usar meu carro quando venho a Londres. Eles o guardam para mim até o momento de eu ir embora. Estacionar em South Kensington é impossível.

— A reserva foi feita em nome de Lucas Ryecart — Lucas informou. — Mas será a srta. Lloyd quem usará o quarto. É possível estender a reserva de uma para quatro noites?

Tory franziu o rosto. Ficaria hospedada em um dos hotéis mais caros da cidade? O que Lucas tinha em mente?

— Não se preocupe — ele disse como se tivesse lido o pensamento de Tory.

— As despesas ficarão por conta da Eastwich.

Tory subiu para o quarto para se preparar para o jantar. Lucas estava se comportando como um verdadeiro cavalheiro. Disse que tinha várias ligações para fazer e que a esperaria no bar.

A suíte ficava no quinto andar e era tão luxuosa quanto Tory esperava que seria. Por alguns momentos, permaneceu diante da janela contemplando a vista e o céu de Londres. Depois, ainda debatendo consigo mesma sobre o risco de se envolver com Lucas, tomou uma ducha e trocou de roupa. Usaria seu vestido lilás e decidiu prender os cabelos para um ar de sofisticação, mas após várias tentativas frustradas, soltou-os.

Não se tratava de uma festa, afinal. Seria mais um jantar de negócios. Era disso que Tory queria se convencer enquanto examinava seu reflexo ao espelho e se preparava para descer ao encontro de Lucas.

Como era cedo, o bar estava quase vazio, mas não o suficiente para Lucas ficar sem companhia. Ela o viu de imediato sentado no balcão conversando com uma morena. Pensou em se retirar, mas não houve tempo. Lucas notou sua presença, disse algo- à morena e começou a andar em direção a ela.

— Você está adorável — ele elogiou-a.

— Podemos cancelar o jantar, se você preferir. — Ela não estava com humor para responder com elegância.

— E fazer o quê? — Lucas insinuou com malícia.

— Eu quis dizer que você não precisa se preocupar comigo.

Um sorriso surgiu nos lábios de Lucas e ele a segurou pelo cotovelo.

— Não está com ciúme, está?

— De onde tirou essa idéia?

— ÉÉ uma pena. De qualquer modo, não me importo de dizer que mulheres como aquela não fazem meu tipo.

— Mulheres sofisticadas e atraentes? — Tory não resistiu à curiosidade.

— Damas da noite — Lucas explicou enquanto eles se encaminhavam para a saída onde um porteiro de *libré* se apressou a lhes conseguir um táxi.

— Voltando ao assunto, como soube que aquela mulher...

Lucas balançou a cabeça.

— Você me acha irresistível?

— Não!

— Nem eu. Portanto, o que eu poderia ter pensado quando aquela mulher deslumbrante se sentou a meu lado sem ser convidada e perguntou se eu estava querendo companhia?

— Bem, talvez ela tenha ficado impressionada com você.

— Obrigado, mas eu não acho realmente que tenha sido amor à primeira vista.

— O que mais ela disse?

— Perguntou se eu estava em Londres a negócios e se eu gostaria de sair com ela alguma noite. Quando respondi que estava esperando alguém, ela avisou-me que poderia conseguir uma amiga para fazer par com a pessoa que eu estava esperando, caso fosse um homem. E aí você chegou.

— Você não se sentiu nem sequer lisonjeado pelo interesse de uma mulher que poderia passar por uma *top model*?

— A idéia de pagar para ter uma mulher jamais me seduziu. Agora ter alguém a meu lado que se interesse por mim é algo completamente diferente.

Ao dizer essas palavras, Lucas fitou-a e lhe fez uma carícia na face e no queixo. Quando se aproximou para beijá-la, Tory prendeu a respiração. Mas o toque foi leve e rápido. Não chegou a ser um beijo.

— Não sei se devo jantar com você — Tory murmurou.

— Tarde demais para mudar de idéia — Lucas anunciou.

Tory olhou para os dois lados da rua e ficou impressionada com a imponência das casas.

— Você avisou seus amigos sobre mim?

— Cathy está ciente. Ela disse que será ótimo lembrar os velhos tempos e ao mesmo tempo ajudá-la.

— O que ela faz agora?

— Cuida dos filhos.

— Quantos anos eles têm?

— Os gêmeos estão com três e o bebê está com alguns meses. Você gosta de crianças?

— Gosto — Tory respondeu para acrescentar em seguida —, mas não pretendo ter filhos.

— Nem eu — Lucas confessou. — Embora já tenha me surpreendido imaginando como seria.

Tory encarou Lucas naquele momento para verificar se ele estava falando sério.

— Com a pessoa certa, é claro — ele concluiu.

Tory imaginou que Lucas estivesse se divertindo a sua custa. Ou ao menos flertando. Fosse como fosse, ela decidiu colocar um fim naquela conversa.

CAPÍTULO VII

Uma mulher ainda jovem abriu a porta. Usava um avental com a estampa de um sapo sobre um gracioso vestido de verão. Era ruiva e muito bonita. Alguns fios dos cabelos estavam escapando do rabo-de-cavalo.

— Luc, que saudade! — Ela o abraçou e beijou antes de cumprimentar Tory. — Você deve ser a futura editora. Muito prazer. Entrem, por favor, e cuidado por onde pisam.

Ela os conduziu a uma sala por um largo corredor. Havia brinquedos espalhados por toda parte.

— Meninos, tio Luc já chegou.

Dado o aviso, dois garotinhos de pijamas desceram correndo a escada do sobrado e se atiraram às pernas de Lucas que os ergueu cada um em um braço.

— Vamos brincar com o trem? — sugeriu o primeiro.

— Vamos fazer uma tenda? — pediu o outro.

— E fazer guerra de travesseiros? — continuou o primeiro.

— Vamos fazer tudo isso? — propôs o outro, mais prático.

— Nada de ficarem acordados até tarde esta noite. Daqui a pouco os dois irão para a cama!

Lucas os colocou de volta ao chão.

— Vocês ouviram sua mãe. — Ele piscou. — Mas se conseguirem voltar para o quarto antes que eu termine de contar até cinco, posso lhes contar o que aconteceu com meus amigos quando eles foram para a América do Sul e se perderam em uma floresta.

— Uma floresta de verdade? — Os meninos arregalaram os olhos.

Naquele momento, Lucas começou a contar e os meninos quase voaram pelos degraus. Tory e Cathy sorriram.

— Você se importa? — ele perguntou a Tory.

— Claro que não.

— Nós aproveitaremos para ter uma conversa só para mulheres.

— Sobre revistas femininas, eu espero — disse Lucas.

— Lógico! O que mais poderia ser? — Cathy deu uma piscada para Tory.

Um dos gêmeos apareceu no topo da escada.

— Você já contou até cinco, tio Luc?

— Estou subindo, Jack.

A sós, as duas mulheres se entreolharam.

— Não sei como ele consegue — Cathy declarou. — Nem sequer as avós conseguem distingui-los.

— Não é de admirar. Eles são realmente idênticos — Tory concordou. — Lucas costuma brincar sempre com eles?

— Não com a frequência que desejaria. Sua vida é muito atribulada. Os meninos o adoram. Acho que não poderíamos ter escolhido um padrinho mais afetuoso para eles. — Cathy fez uma pausa. — Você se importa de continuarmos nossa conversa na cozinha enquanto eu termino o jantar?

— Claro que não. Aliás, espero que me deixe ajudá-la — Tory ofereceu. — Não sou boa cozinheira, mas tenho prática em descascar batatas e lavar verduras.

— Não há muito mais a fazer. Só preciso vigiar as panelas no fogo. Preparei salmão no vapor. Espero que goste.

— Adoro salmão. Além disso será ótimo variar. Meu cardápio é limitado: maionese de frango ou macarrão com atum.

Cathy deu uma risada.

— Você cozinha melhor do que eu quando solteira. Vivia de sanduíches e iogurte. Achava que tudo era mais importante do que ficar sozinha no cubículo de meu apartamento.

As duas trocaram um sorriso de cumplicidade.

— O que não deixava de ser uma contradição — Cathy prosseguiu. — Afinal, eu passava o dia inteiro entre pilhas de receitas para a seção de culinária da revista.

As circunstâncias haviam mudado, Tory pensou. Cathy era esposa e mãe de três filhos. Não vivia mais em um apartamento de dimensões reduzidas, mas em uma casa grande e bonita com uma cozinha ampla, clara e moderna.

— Sua casa é adorável.

— Obrigada. Mas me conte sobre você.

— Passei hoje pela cerimônia de iniciação.

A expressão de Cathy tornou-se atenta. Ao ouvir o nome Amanda Villiers, a compaixão dominou seu semblante. Pelo visto, Tory pensou, a tal mulher era famosa no mundo das editoras de revistas femininas.

A experiência adquirida durante longos anos de trabalho não pôde ser passada a Tory, naturalmente, mas as dicas de Cathy serviram de incentivo suficiente para a sobrevivência no emprego por alguns dias.

— Dará tudo certo — Cathy procurou tranquilizar Tory. — Se precisar de

alguma informação extra, não hesite em ligar. Entre uma troca e outra de fraldas, posso garantir assistência.

— Você parou de trabalhar logo que os gêmeos nasceram? — Tory perguntou.

— Não. Eles estavam com mais de um ano. Tentei conciliar a vida profissional com a pessoal e acabei indo parar em um médico por causa do estresse.

Tory fez um gesto de compreensão.

— Eu adoro trabalhar, mas acho que, assim como você, não conseguiria dar conta de tudo: casa, família e carreira.

— Você consegue por um tempo. De repente, sua energia começa a baixar e a de seu filho a subir. O bebê chorão aprende a falar e protesta cada vez que você o deixa pela manhã. No meu caso, multiplique o problema por dois!

— Apesar disso, você sente falta de trabalhar fora, não é?

— De vez em quando — Cathy admitiu. — Acontece geralmente quando a babá ou a empregada falta e as crianças resolvem apanhar um resfriado.

— E quando você espera alguém para jantar e descobre, de repente, que seu visitante não virá sozinho.

— Bem, confesso que não fiquei radiante quando Luc me contou. Pensei que você seria como as outras namoradas dele...

— Não sou namorada dele — Tory se apressou a dizer. — Ele disse que...

— Não. Aliás, ele disse o contrário.

Tory franziu a testa. O que poderia significar o contrário de namorada?

— Eu quis dizer — Cathy resolveu explicar — que você não é o tipo de mulher que costuma atrair Luc.

— Que tipo é esse? — Tory perguntou, curiosa.

— Acho que já falei demais — Cathy hesitou.

Tory se arrependeu da pergunta. Era mais uma intrusa do que uma convidada naquela casa. Como pudera ser tão indiscreta?

Para surpresa de Tory, Cathy se pôs a falar como se tivesse mudado de idéia após um instante de reflexão.

— Sofisticado, independente, arrogante. Em geral são altas executivas. Todas me olham como se fossem deusas e eu uma reles mortal ignorante.

Tory sorriu e concordou com um gesto de cabeça.

— Conheço o tipo. Elas se portam assim conosco, mas duvido que se dirijam a Lucas da mesma forma.

— Oh, certamente que não! — Cathy exclamou. — Elas o devoram com os olhos, mas fingem doçura e dedicação canina.

— E ele fica deslumbrado...

Cathy se deteve.

— Não creio. Luc nunca me pareceu um egocêntrico, apesar de ter razões para se sentir vaidoso.

— É verdade.

— Quer dizer que você o acha bonito e interessante?

— Eu não disse isso.

— Não é preciso dizer, é um fato. Mas, como eu estava lhe contando, apesar de ser bonito, rico e interessante, a garota com quem ele estava saindo nos últimos tempos não era de chamar a atenção de ninguém. Ele terminou com ela recentemente alegando problemas com a distância, mas em minha opinião ele conheceu outra. Você o tem visto com alguma mulher que se encaixe nesse perfil?

Tory fez que não.

— Minha teoria — Cathy continuou — é que Lucas prefere sair com essas mulheres para não correr o risco de se apaixonar. Depois de perder a esposa, ele ficou com medo de amar. Acho que receia não resistir a mais sofrimento.

— Em minha opinião, um novo amor ajuda a superar traumas.

— Não no caso de Lucas. Ele conheceu o amor e o perdeu. Em outras palavras, ele foi casado e a esposa morreu.

— Eu soube.

— Ele próprio contou?

— Sim.

— Estranho. — Cathy pareceu genuinamente surpresa. — Ele não costuma tocar nesse assunto nem sequer com a família.

— Vocês são parentes? — Tory perguntou, também surpresa.

— De certa forma. A esposa dele era minha cunhada. Eu... Você está bem?

Tory havia empalidecido. Lucas era filho único e a falecida esposa tinha um irmão. Como demorara tanto para ligar os fatos? Tio Luc não era apenas um gesto carinhoso de chamar, ele era tio de verdade dos gêmeos. Ela se encontrava na casa de Charlie, seu ex-noivo.

— Oh, eu sinto muito! Não estou me sentindo bem. Tomei um comprimido antes de vir para cá, mas não adiantou. Preciso voltar para o hotel.

Tory apanhou a bolsa e começou a andar em direção à porta.

— Vou chamar Luc e...

— Não! — Tory quase gritou. — Por favor, não quero incomodar. Chamarei um táxi. Obrigada por me receber e pela ajuda que me deu. Foi um prazer conhecê-la.

Por pouco não teria dado certo. Quando estavam diante da porta, ouviram um barulho de uma chave sendo introduzida na fechadura.

— Oh, que sorte Charlie ter chegado! Agora ele poderá levá-la.

Tory ficou imóvel. Sentia-se paralisada como um coelho diante dos faróis de um carro. Continuou imóvel ao ver Charlie. Ele havia mudado muito em cinco anos. Não possuía mais as feições de menino e seus cabelos haviam caído.

Charlie olhou para a esposa que dava explicações sobre a presença da amiga de Lucas e sua necessidade de voltar para o hotel por causa de uma súbita indisposição. Não podia imaginar que o destino estava lhe preparando uma surpresa. Dessa forma, quando se virou e olhou para Tory, sua voz se recusou a sair.

— Muito prazer — Tory se apressou a estender a mão e a rezar para que Charlie também fingisse desconhecimento.

Ele não disse nada. Apenas retribuiu seu gesto.

— Sinto muito, mas não poderei ficar para o jantar — Tory se desculpou, aliviada. — Pensei que o problema com o estômago havia sido sanado e deixei o remédio no hotel.

Tory imaginava que Charlie seria capaz de fazer sua parte, dizendo que esperava que ela se recuperasse logo e que lamentava ela não poder ficar. Mas ele não conseguiu sair do estado de choque.

Para piorar a situação, Cathy sugeriu que ele a levasse para o hotel.

— Claro! — ele concordou. — Meu carro está na porta.

Cathy os acompanhou e esperou que Tory subisse no veículo.

— Volte outra noite para me contar como foi na revista.

— Sim, obrigada — Tory agradeceu, certa de que nunca mais voltaria a vê-la.

— Tem certeza de que não quer subir e avisar Luc?

— Não quero atrapalhar — Tory respondeu com um sorriso. — Apenas explique a ele a situação, por favor.

Cathy fez que sim e acompanhou-os à porta.

— Sinto muito — Tory murmurou assim que ficou a sós com Charlie e ele acelerou o carro. — Eu não fazia idéia. Lucas nunca disse nada.

— Lucas? — Charlie finalmente entendeu. — Então você é a assistente de produção da Eastwich?

Tory concordou com um gesto de cabeça.

— Minha esposa a chamou por outro nome.

— Eu passei a usar meu apelido dos tempos de criança depois que nós...

— Já entendi — Charlie a interrompeu.

Tory não continuou. A dor do rompimento do noivado a deixara quase doente. Era estranho que agora não sentisse nenhuma emoção por aquele homem.

— Não desconfiou que Luc fosse quem é?

— Eu soube logo que ele comprou a Eastwich, mas não imaginei que Cathy fosse casada com você, quando ele me disse que me levaria à casa de uma amiga que havia trabalhado para uma revista feminina. A ficha caiu faz apenas alguns minutos.

Charlie refletiu alguns instantes sobre as informações. Depois tornou a olhar para Tory.

— Você não mudou. Está exatamente como eu imaginava.

Tory engoliu em seco.

— Sua esposa é um encanto.

— Mas não é você.

O olhar era o mesmo dos tempos de noivado, quando ela acreditava estar apaixonada por Charlie e ele por ela. Mas tudo não passara de ilusão. Uma prova disso era ela não estar sentindo absolutamente nada por ele.

— Ela é a mulher que lhe deu os filhos que sempre desejou — Tory lembrou-o.

— Você se tornou cruel — Charlie murmurou.

— A vida é cruel.

Ele tentou segurar a mão de Tory e ela puxou imediatamente o trinco da porta.

— Preciso ir para o hotel.

— Escute o que tenho para lhe dizer...

— Não quero saber, Charlie.

— Por favor, Vicki — ele chamou quando ela se pôs a correr pela rua. — Você precisa me perdoar.

Tory parou de correr após alguns metros. Não tinha medo de Charlie. A única coisa que estava sentindo, naquele momento, era pena de sua esposa.

Foi uma revelação. Durante anos, ela havia atribuído a seu relacionamento com Charlie sua incapacidade de se entregar a uma nova experiência. No fundo de sua mente ficara a dúvida de ela continuar amando-o. Agora ela sabia. Não sentia mais nada por Charlie. Lucas Ryecart havia tomado seu lugar por completo.

De repente, a trama em que ele a envolvera ficou clara e odiosa. Não podia ter sido coincidência. Lucas a levava para a casa de seu ex-noivo para verificar sua reação.

Pela ironia do destino, ele não estava por perto para apreciar o espetáculo!

Tory mordeu o lábio. Era de Cathy que ela estava sentindo pena em toda aquela história. Cathy não merecia estar casada com um homem que ainda pensava na ex-noiva nem ser traída por um cunhado que ela acreditava ser leal a ponto de permitir que ele se tornasse padrinho de seus filhos.

Um amigo sincero não engendraria uma situação tão abominável. Embora o objetivo fosse atingir a mulher que ele se determinara a conquistar, ao que tudo indicava, Lucas deveria ter antecipado o perigo de magoar uma inocente. Inteligência, afinal, não lhe faltava.

O que calou mais fundo em Tory foi a traição. Eles haviam passado o dia inteiro juntos. Os momentos partilhados foram tão bons que a levaram a afastar as barreiras de proteção que havia erguido ao seu redor.

Por outro lado, deveria estar se sentindo grata pela decepção. Se tivesse acontecido mais tarde, o sofrimento seria muito maior. Ela já estaria irremediavelmente apaixonada.

Chegou ao hotel com fome e com os pés doendo devido à longa caminhada. Subiu para o quarto e resolveu tomar um banho enquanto esperava que lhe servissem o jantar.

O cardápio oferecia uma infinidade de opções. A raiva quase a fez pedir o que havia de mais caro e mandar colocar tudo na conta da Eastwich, mas não era desse feitio. Decidiu-se pela costumeira salada e por uma omelete de queijo. Para beber, fez uma pequena extravagância. Pediu uma garrafa de vinho branco gelado para ajudá-la a relaxar.

Jantou diante da televisão e assistiu a um documentário sobre maridos que traíam as esposas. Nada poderia ser mais providencial para aquela noite.

Tory estava se preparando para dormir quando ouviu alguém bater. Certa

de que era o garçom e que ele viera retirar a bandeja, ajeitou o robe e abriu a porta.

Diante da figura de Lucas, Tory foi tão rápida ao tornar a fechar a porta que ele não teve tempo nem sequer de colocar o pé à frente. Por mais que ele insistisse e implorasse para conversarem, ela não respondeu. Para quê? Já estava decidida a entregar sua carta de demissão pela manhã. Essa seria a próxima forma de comunicação entre eles. E a última.

Não esperava que Lucas fosse resistir tanto.

— Tory, eu não gostaria de fazer isso, mas você não me deixa escolha — ela o ouviu dizer com mal-contida ira.

— De fazer o quê? — ela caçoou.

A porta era grossa. O que ele pretendia? Derrubá-la com um pontapé?

Alguns instantes de silêncio e Lucas lhe deu um ultimato.

— Está bem. Foi você quem quis.

Tory pestanejou. Ele não poria a porta abaixo, poria? Claro que não. Mas houve um clique no sistema de travamento e um segundo depois ele estava dentro do quarto.

— Não precisa entrar em pânico — Lucas avisou enquanto se virava para fechar a porta. — Não pularei sobre você.

— Como conseguiu o cartão? — Tory se limitou a perguntar.

— Disse ao recepcionista que havia perdido o meu e eles me forneceram outro mediante a apresentação de documentos que provavam que eu estava registrado no hotel e neste quarto.

— Até onde você é capaz de descer para atingir seus objetivos? — Tory perguntou com desprezo.

— Muito mais fundo — ele afirmou e perguntou se ela não iria lhe oferecer um drinque.

— Estou mais inclinada a chamar o responsável pela segurança — Tory declarou.

— Então faça isso.

Lucas cruzou os braços e encostou-se à porta.

— Você tem certeza de que eu não seria capaz, não é?

— Não tanta quanto você imagina. Mas acho que já a conheço o suficiente para saber que não gosta de escândalos.

— Se está se referindo ao fato de eu ter inventado uma desculpa para escapar ao jantar, saiba que considerarei sua atitude como a mais alta traição.

— Traição? Acha que eu sabia? Que teria me divertido à mesa? — Lucas estreitou os olhos.

— De que outra forma eu deveria entender a situação?

— Espere um pouco. — Lucas abandonou a pose de serenidade no mesmo instante. — Eu não fazia idéia de que você conhecia os Wainwright até descer e descobrir que você havia ido embora.

— Espera que eu acredite nisso?

— Já deveria ter desistido de esperar alguma coisa de você, mas, sim, eu espero que acredite porque estou sendo completamente honesto quando digo que não sabia.

Ele parecia estar sendo sincero. Mais do que ela, aliás.

— Está bem — Tory respondeu sem coragem para encará-lo.

— Sua acusação é muito estranha — Lucas murmurou. — Afinal, você sabia sobre minha ligação com os Wainwright!

Tory pensou em negar. Não seria difícil porque ele nunca tocara no nome da esposa. Mas aonde isso a levaria?

— Sim — ela admitiu. — Eu me lembrei de sua fisionomia desde o primeiro momento.

— Por isso você me pareceu familiar — Lucas murmurou, sério. — Devo ter visto alguma foto sua.

— Achei que você não fosse me reconhecer. Há cinco anos, eu usava óculos e os cabelos compridos.

— Por que se calou?

— O que deveria ter dito? Que fui noiva do irmão de sua falecida esposa? Acha normal alguém se apresentar dessa forma ao novo chefe?

— Não faltaram oportunidades. — Lucas hesitou. — Acredita realmente que eu a teria levado à casa deles se soubesse de sua ligação com Charlie?

Tory mordeu o lábio. Ela o havia julgado mal outra vez. Talvez devesse pedir desculpas, mas estava zangada ainda e fez um movimento de descaso com os ombros.

Arrependeu-se assim que viu o brilho de frieza nos olhos azuis. Lucas começou a andar em sua direção e ela recuou até sentir as costas chegarem à parede. Mas em vez de tocá-la, ele sorriu e foi se servir de uma bebida.

— Relaxe — Lucas disse sem humor. — Neste momento, tudo que quero é um drinque. Você me acompanha?

— Não, obrigada — Tory recusou. Já estava se sentindo tola o suficiente

apesar de sóbria.

Lucas abriu duas garrafinhas de uísque, despejou-as em um copo com gelo e se sentou na única poltrona que havia no quarto.

— Como foi entre você e Charlie? — Lucas perguntou sem preâmbulos.

— Esta noite, você quer dizer?

— Antes.

Tory pensou em responder que esse assunto não lhe dizia respeito, mas a certeza de que isso despertaria um interesse especial em algo que nada mais tinha de importante a fez desistir.

— Nós nos conhecemos na faculdade — Tory contou. — Gostamos um do outro e começamos a sair juntos. O namoro parecia firme quando surgiu a dúvida.

— Por parte de quem?

De ambos, Tory supunha. De sua parte, a dúvida nasceu no momento que Charlie lhe propôs casamento e exigiu que ela desse uma resposta imediata. Estavam em uma festa de *Reveillon* e o ambiente era de alegria e descontração. Ela hesitou por um momento, depois resolveu fechar os ouvidos à voz da razão e aceitou o pedido.

— De Charlie — Tory respondeu.

— Não foi o que me disseram.

Tory não ficou surpresa com a informação. Foi Charlie quem rompeu o noivado, mas ela preferiu deixar a cargo dele a explicação aos pais e aos amigos.

— Contaram-me que o noivado foi desfeito de uma hora para outra e que Charlie ficou inconsolável.

— Quem lhe deu a notícia? A mãe dele?

— Sim. Charlie não queria tocar no assunto. Ele se limitou a dizer que descobriu algo que tornava impossível a continuidade do noivado.

Era verdade. Por outro lado, a declaração dava margem a diversas interpretações.

— Sou capaz de apostar que a mãe dele ficou radiante.

— Minha sogra nunca escondeu seus sentimentos sobre você. Dizia que era uma boa moça, mas que você e o filho dela não tinham muito em comum.

— Eu não era o tipo de mulher que ela sonhava para o filho, você quer dizer.

— Concordo que Diana pode ser esnobe quando quer, mas ela sempre se

preocupou com a felicidade do filho — Lucas retrucou em tom de acusação.

— Não precisaria ter antipatizado tanto comigo, não acha? Um ano depois Charlie já estava casado com outra.

— E você esperava que ele fizesse o quê? Que se tornasse um bêbado por afundar as mágoas em copos? Que rastejasse para consegui-la de volta?

— Eu não queria nada disso — Tory afirmou.

— Não? — Lucas indagou, cético.

— Não! O que houve ficou no passado — Tory procurou encerrar de vez aquela conversa. — Esta foi a primeira vez que vi Charlie em cinco anos.

— E?

— E nada — Tory declarou.

— Ele lhe deu uma carona e vocês se despediram com um aperto de mão como dois desconhecidos? Espera que eu acredite nisso?

Tory cogitou o que teria acontecido depois que Charlie a deixou no hotel e voltou para casa. Não sabia o que pensar. Podia culpar Lucas por estar curioso?

— Espero.

Não foi a resposta que Lucas queria ouvir, evidentemente. Ele estreitou os olhos, virou o uísque de uma só vez e colocou o copo na mesa com um golpe seco. Depois se levantou e se encaminhou para a porta.

Ela deveria se sentir aliviada com a saída iminente. Em vez disso, apressou-se a segui-lo.

— Não aconteceu nada entre nós, se é o que está tentando insinuar.

— Não? — Ele a segurou com força pelo braço. — O homem com quem eu jantei parecia ter sido assombrado por um fantasma. Inventei mil maneiras de distrair Cathy para que ela não percebesse que havia algo errado. Depois, quando pude ficar a sós com Charlie, ele me confessou que fora um tolo e que você foi o grande amor de sua vida.

— Não estou interessada em Charlie — Tory respondeu em sua própria defesa diante do olhar de acusação de Lucas.

— Então por que o provocou? Para se vingar?

— Eu o provoquei? — Tory protestou. — Ele disse isso?

— Não precisou dizer — Lucas respondeu. — Deu para notar pelo modo como ele se comportou à mesa. Céus, Tory, você não pensou nas crianças ao menos?

Tory negou com um movimento de cabeça. Ela era inocente. Ela não havia

feito nada de errado. Mas Lucas preferiu pensar o pior a seu respeito.

Os punhos dele estavam cerrados quando tornou a falar, algum tempo depois.

— Fique avisada de uma vez por todas: se tornar a se aproximar de Charlie, farei com que se arrependa.

— Como pretende fazer isso, sr. Ryecart? — Tory perguntou em tom de desafio. A ameaça não a assustou, apenas a deixou ainda mais zangada. — Minha carta de demissão já lhe foi encaminhada pelo correio.

— O quê?

— Você não pode me despedir porque já me considero demitida desde o instante que escrevi aquela carta.

— Você não pode deixar o emprego! — Lucas protestou. — Assinou um contrato e está desenvolvendo um projeto. Pensei que tivesse dito que era capaz de separar sua vida pessoal da profissional. Além disso, essa história entre você e Charlie não tem nada a ver com trabalho, e tudo a ver com Cathy e seus três filhos. Tem certeza, Tory, de que deseja destruir quatro vidas porque Charlie foi um imbecil em não casar com você?

As acusações de Lucas eram completamente infundadas. Ela poderia dizer isso. Mas estava furiosa demais com ele.

— Por que não? Você me considera capaz de qualquer perversidade. Acha que durmo com qualquer um... que não seja você, é claro.

— Eu não a desejaria neste momento mesmo que...

— Não?

Tory se arrependeu de sua atitude assim que viu o brilho de aço nos olhos de Lucas.

— Talvez possamos verificar — ele retrucou e a segurou pelo pescoço de maneira a impedi-la de fugir. E ela viu o sorriso de raiva e dominação naqueles lábios pouco antes de eles pousarem sobre os dela.

A intenção de Tory era resistir até que se lembrou do poder de atração que Lucas exercia sobre seus sentidos.

— Você está certa — ele murmurou, rouco, depois de beijá-la repetidas vezes. — Eu ainda te quero.

Foi a última vez que eles tiveram noção do que estava acontecendo aquela noite. Mais tarde, ela tentaria chamar de sedução, mas não conseguiria. Fora rápido demais para ser sedução. Doce demais para ser punição.

Os movimentos foram se tornando cada vez mais intensos e carinhosos à

medida que Lucas a tocava. Primeiro ele a abraçou por cima e por baixo do robe. Depois afastou-o para os lados e procurou os seios que parecia nunca mais querer largar. A não ser para os lábios e a língua substituírem as mãos.

Estavam arfantes quando tombaram sobre a cama. Era sua última chance de colocar um fim na relação. Ele confessou que não havia trazido nenhuma proteção. Ela não se importou. Enquanto o avisava que não precisava se preocupar, ajudou-o a descer o zíper, pois embora estivesse nua, Lucas ainda estava vestido.

A penetração foi rápida e total. Ela gemeu alto, mas um beijo a silenciou em seguida. Então Lucas começou a se mover com delicadeza dentro dela. Tory o abraçou com as pernas. Não parecia ser a primeira vez. Movia os quadris para acomodá-lo em seu corpo. Agarrava-se aos ombros dele e aconchegava-se a seu peito como se fossem um só.

A satisfação física foi tão intensa que eles ficaram imóveis como se o tempo houvesse parado. E Tory continuou imóvel, como que paralisada, quando recuperou pouco a pouco a consciência e se deu conta do acontecido.

Ela nunca havia feito amor com tanta paixão e urgência. Nunca havia sido totalmente possuída por um homem antes. Nunca permitira que outro homem chegasse tão perto.

Seus instintos clamavam para que fugisse. Como não tinha para onde ir, refugiou-se em si mesma. Com movimentos lentos, levantou-se, apanhou o robe e vestiu-o de costas para Lucas.

Ele não pareceu surpreso com sua reação. Parecia mais surpreso com o que havia acontecido antes. Considerou um pedido de desculpa, mas decidiu que seria uma hipocrisia de sua parte porque não lamentava o que fizera. Ao contrário. Ao se lembrar do ímpeto com que Tory lhe havia correspondido, ele desejou fazer tudo outra vez.

A postura rígida de Tory, contudo, era uma declaração de que a guerra havia sido retomada.

— Quer que eu vá embora? — ele perguntou, sem se atrever a seguir seu instinto de ir até ela e abraçá-la com força.

— Sim.

— Ok — ele respondeu igualmente lacônico.

E se foi. Simples assim. Sem se importar com a marca que deixara no corpo de Tory e em seu coração.

Ela correu para o chuveiro e deixou que suas lágrimas se misturassem à

água. Depois voltou para a cama e tentou encontrar alívio no sono. Não conseguiu. A imagem de Lucas não saía de seu pensamento.

CAPÍTULO VIII

Tory acordou cansada. Depois de rolar na cama durante horas, teve um pesadelo horrível. Sua esperança agora era se levantar e descobrir que tudo não passara realmente de um sonho. Isto é, de um pesadelo.

A esperança morreu no instante que seu olhar pousou sobre o copo vazio de uísque. Seu rosto afogueou. Jamais fizera sexo casual antes e o que acontecera com Lucas não podia ser chamado de outra forma. Um nó fechou-lhe a garganta ao recordar a pressa com que Lucas a deixara.

Não suportaria tornar a vê-lo. Seguiria em frente com seu pedido de demissão. Era a única saída. Não tinha nenhum outro emprego em vista, mas mais cedo ou mais tarde encontraria algo.

Uma onda de insegurança a invadiu em seguida. Era sozinha. Como pagaria suas contas sem seu salário? Não contava com nenhuma outra fonte de renda. Além disso, o trabalho era a única alegria de sua vida.

Ocorreu-lhe que Lucas talvez tivesse perdido o interesse agora que a conquistara. Se assim fosse, por que ela deveria abrir mão de seu emprego na Eastwich? Poderia prosseguir com sua vida como antes. E ele com a dele.

Incapaz de parar de pensar no que havia acontecido na noite anterior, Tory tentou imaginar como seria o próximo encontro entre ela e Lucas. Viu-se corroída de angústia e Lucas se portando do modo autoritário e controlado de sempre. Precisaria se armar de orgulho e fingir indiferença. Teria forças para isso?

Sim, Tory decidiu. Custasse o que custasse, precisava ser forte. Só podia contar consigo mesma naquele momento.

Levantou-se de um salto, tomou uma ducha e se vestiu para seu primeiro dia como funcionária da Toi.

Entrou no escritório como se tivesse se transformado em outra pessoa desde o dia anterior. Caminhou com segurança pelos corredores e logo que chegou a sua sala foi convocada para uma reunião com outras três funcionárias. Duas delas se mostraram amigáveis e empenhadas em fazer um bom trabalho. Tory logo se viu à vontade entre elas. A terceira, Sam Hollier, mostrou-se mais hostil, mas não pareceu a Tory que viria a lhe constituir um problema.

Amanda Villiers que certamente seria a pessoa mais difícil que ela teria de enfrentar enquanto durasse sua missão não foi vista aquele dia.

Ao final do expediente, Tory retornou para o hotel com relutância. Com as atribulações do novo serviço, não tivera tempo para pensar em Lucas Ryecart. Agora, os eventos da noite anterior estavam ansiosos para voltar a sua mente e torturá-la.

Quem ela menos esperava, estava aguardando-a no saguão de acordo com o recado do recepcionista: Cathy Wainright.

A notícia não a deixou contente. Por outro lado, como poderia dar uma desculpa para não atendê-la? Cathy a havia recebido em sua casa e muito bem. Além disso, ela lhe prestara uma ajuda inestimável com relação a seu novo trabalho como editora.

Decidida a se mostrar natural e gentil, Tory não pôde esconder a surpresa quando, ao sair do elevador, viu Cathy sentada em uma das luxuosas poltronas com um abrigo laranja e preto e tênis.

— Esta é a noite que reservo para ir à academia — Cathy explicou —, mas no meio do caminho resolvi vir vê-la e saber como está passando.

— Bem melhor — Tory respondeu e as duas trocaram as usuais amenidades até que um silêncio incômodo a obrigou a uma tomada de posição.

— Por que não conversamos no bar? Ficaremos mais à vontade, não acha?

— Não corro o risco de ser barrada por causa de meu traje? — Cathy perguntou, preocupada.

Naquele momento, um grupo de homens vestidos com uniformes esportivos saíram do bar.

— Eu diria que não — Tory respondeu e seguiu em frente.

Enquanto tomavam seus drinques, gim-tônica para Cathy e martini para Tory, ela percebeu que Cathy, por mais que tentasse, não conseguia abordar o assunto que a levava ao hotel.

— Você sabe quem eu sou, não? — Tory murmurou.

Cathy fez que sim com a cabeça.

— Foi Lucas quem lhe contou?

— Sim. Já faz algum tempo.

Tory franziu a testa, sem idéia do que estava acontecendo.

— Eu notei que havia algo errado durante o jantar — Cathy continuou. — Charlie estava estranho, mas no início pensei que fosse algum problema no trabalho. Depois, enquanto eu preparava o café, Lucas disse que não poderia ficar mais e Charlie me pareceu nervoso quando sugeriu que Lucas estava a

fim de passar a noite com você.

— Ele não passou.

— Eu sei. Lucas me contou que dormiu em casa de seu padrasto. Mas quando ele se mostrou tão impaciente para nos deixar, confesso que também me ocorreu a idéia de ele querer ir ao seu encontro. Até fiz uma brincadeira com Lucas sobre ele finalmente ter encontrado sua cara-metade. Foi quando entendi. Charlie sempre admirou Luc por seu sucesso, mas não era admiração nem inveja o que ele estava demonstrando, era ciúme.

Tory queria dizer algo, mas não sabia o quê. Tinha medo de piorar ainda mais a situação.

— Ele contou a você quem eu era?

— Não. Eu deduzi enquanto esperava que ele voltasse. Lembrei-me de seu mal-estar súbito à menção do nome dele e somei dois mais dois. Fui uma tola em não perceber logo.

— A tola fui eu — Tory retrucou — por não ter adivinhado quem você era. Se soubesse, jamais teria ido a sua casa.

Cathy encarou Tory como se precisasse ter certeza de que ela estava sendo sincera.

— Agora é tarde demais para voltar atrás. A questão é para onde seguir.

— Não estou entendendo — Tory respondeu, cautelosa.

— Sei que Charlie ligou para você. Eu escutei quando ele pediu para falar com Victory Lloyd. É seu nome, não?

Tory ficou genuinamente espantada.

— Eu não recebi nenhuma ligação.

— Você já deveria ter saído — Cathy concluiu. — Mas ele ligou e é isso que importa.

— Talvez ele tenha ligado para se desculpar por ontem à noite. — Tory arriscou um palpite.

— Para se desculpar? — Cathy repetiu, surpresa.

— Disse que eu me tornei uma mulher cruel. Mas como esperava que eu o tratasse? Você conhece o motivo pelo qual ele me deixou, não?

Cathy pestanejou.

— Eu nunca soube exatamente o que houve entre vocês.

— Ele disse que não estava preparado para casar. No entanto, casou-se com você poucos meses depois.

— É verdade — Cathy concordou, sem jeito.

Tory tomou um longo gole da bebida e aproveitou para observar Cathy por cima da borda do copo. Preparada para chegar e tomar satisfações ou implorar, a outra estava confusa sobre sua próxima ação.

— Deus, eu fiz novamente papel de tola. Pensei que você e Charlie... Deveria ter ouvido Luc.

— Por quê? O que ele disse? — Tory quis saber.

— Que você não deveria estar interessada em Charlie. Que você tinha outro homem.

— Quando ele disse isso?

— Esta manhã quando nos falamos por telefone. — Tory sentiu o sangue lhe subir à cabeça. O que imaginara ter sido um impulso de momento, fora premeditado da parte dele. — Luc se ofereceu para contar a Charlie sobre você. Apesar disso, eu insisti em procurá-la e agora estou me sentindo uma completa idiota.

— Então somos duas — Tory confessou.

— Duas?

Tory confirmou com um gesto.

— Fiz papel de idiota o dia inteiro!

— Oh, é claro, hoje foi seu primeiro dia na revista. Como se saiu?

— Você não vai querer saber — Tory resmungou.

As duas sorriram por um momento, mas logo voltaram a ficar sérias o rosto. Em outras circunstâncias, provavelmente teriam se tornado amigas, mas não quando Tory era muito mais bonita e agradável do que a família de Charlie contara a Cathy e não quando Cathy era quase como uma irmã para Lucas.

Explicada a situação, as duas mulheres terminaram seus drinques e se despediram. Tory acompanhou Cathy à porta e antes de subir para o quarto, perguntou se havia algum recado para ela.

Havia quatro! Três de Charlie e um de Lucas. Charlie pedia que ela ligasse para seu celular. Tory gostaria de ignorar os pedidos, mas achou melhor enfrentar a questão de uma vez por todas.

Ligou para o número que ele havia deixado e ouviu vozes infantis ao fundo. A irritação se transformou em raiva. Sem dar a Charlie nenhuma chance de falar, Tory o proibiu de tornar a ligar. Afirmou que não estava interessada em saber o que ele queria e exigiu que a deixasse em paz se não quisesse que seu namorado o partisse ao meio.

Antes de desligar, Charlie se limitou a uma pergunta.

— Você está me ameaçando?

Ela disse que sim e desligou.

O recado de Lucas era curto e conciso como um telegrama: "Ligue para mim urgente. Lucas."

Ela tirou o fone do gancho e discou zero para conseguir uma linha externa. Mas parou aí. Não estava disposta a gastar suas últimas energias com outra discussão. O silêncio seria sua melhor arma.

Quando o indicador de chamadas acusou um número desconhecido em seu celular, na manhã seguinte, Tory não atendeu. Mais tarde, Lucas telefonou para a revista, mas não a encontrou porque ela estava em reunião pela manhã e fora da sala à tarde.

Mas a ligação de Alex ela atendeu. Depois de perguntar como ela estava se saindo, Alex contou, radiante, que a esposa havia finalmente concordado que ele fosse a Escócia para visitar os filhos. Alex pretendia viajar naquele fim de semana, caso encontrasse um apartamento até lá.

Tory entendeu a indireta e lhe ofereceu hospedagem por outra semana. Antes de desligar, Alex recomendou que ela ligasse para o chefe porque havia novidades no projeto.

Tory sentiu-se insegura após a conversa. Talvez tivesse cometido um erro ao ignorar os chamados de Lucas. Ele era seu chefe, afinal. E, talvez o assunto que queria tratar com ela dizia respeito somente a trabalho.

Voltou para o hotel sem se animar a fazer a tal ligação. Não estava pronta ainda para tornar a falar com Lucas. Precisava tomar um banho e jantar antes.

Estava terminando a refeição quando o recepcionista anunciou uma ligação por parte de Alex Simpson.

— Alex, o que foi agora? — ela perguntou, impaciente.

— Sou eu — disse Lucas.

— Você?

— Não desligue — ele ordenou — ou eu ficarei ligando a noite inteira.

— Em hotéis, é possível solicitar bloqueios de ligações.

— No seu caso, de quem seriam? Minhas ou de Alex?

— De qualquer um que fale com sotaque americano — Tory respondeu, sarcástica.

— Sei falar o inglês britânico também.

Tory suspirou.

— O que você quer?

— Pedir desculpa para começar. Eu não deveria ter dito o que disse sobre você e Charlie — Lucas continuou diante do silêncio que se seguiu à primeira frase.

— O que mais?

— Só isso. Seria hipocrisia de minha parte pedir desculpa sobre o que houve entre nós. Gostei tanto que desejaria repetir.

Tory mordeu o lábio.

— Para poder tirar fotos e mostrar a Charlie?

— O quê?

— Não é isso que pretende? Desacreditar-me?

— Você pensa que eu fiz amor com você só para me vangloriar perante Charlie? — Lucas indagou, incrédulo.

Ela pensava isso? De repente, Tory não tinha mais certeza de nada.

— Eu não disse nem sequer uma palavra a Charlie. Não foi para mim que ele ligou várias vezes hoje.

— A culpa não é minha — Tory protestou. — Eu disse a ele para me deixar em paz e a Cathy que não quero nada com o marido dela.

— Você ligou para Cathy?

— Não, ela esteve aqui no hotel.

— Eu a aconselhei para que não fizesse isso. O que você contou a ela?

— Por que não lhe pergunta diretamente?

— Está bem.

Lógico que Lucas faria indagações. Ele não confiava nela. Ainda a considerava uma destruidora de lares.

— Terei uma semana atribulada, mas nos encontraremos na sexta-feira.

— Você e Cathy?

— Não, você e eu.

— Nesse dia estarei em Derbyshire Dales, lembra-se?

— Eu não esqueci.

A resposta a deixou intrigada, mas não houve tempo para explicações.

— Como foi na revista, por falar nisso?

— Mais fácil do que eu esperava e mais interessante.

— Não está com segundas intenções, eu espero.

— Não estava, mas agora que você tocou no assunto...

Lucas deu uma risada.

— Teria coragem de trocar seu emprego por aquelas mulheres empertigadas?

— Não são piores do que Simon e Alex, eu garanto — Tory respondeu sem pensar. Quando percebeu, tentou consertar, mas não adiantou.

— Não se preocupe. Terei minha própria opinião sobre eles daqui a pouco.

— Lucas fez uma pausa. — Quanto ao que aconteceu entre nós, não contarei a ninguém, se é isso que está pensando.

— Obrigada.

Parecia estranho agradecer, mas Tory achou que devia. Poucos homens eram discretos nesse sentido e seria terrível se a história de ela ter dormido com o chefe se espalhasse pela Eastwich.

O silêncio estava se tornando pesado. Tory estava pensando em desligar quando teve outra surpresa.

— Aliás, da próxima vez que nos encontrarmos, acho que deveríamos fingir que não nos conhecemos.

Tory não sabia se deveria se sentir ofendida ou aliviada.

— Boa idéia!

— É uma boa idéia. Sei o que estou dizendo. Mais tarde você concordará comigo.

Lucas deveria estar arquitetando algum plano, mas antes que ela pudesse tentar investigar o que era, ele se despediu e desligou.

Tory deitou-se e desejou dormir para esquecê-lo, mas as cenas de paixão que eles haviam vivido teimavam em se repetir em sua mente como se fossem um filme.

Nenhum homem havia sido capaz de possuir seu corpo e sua mente daquele jeito. Nenhum outro poderia. Nunca. Ela não sabia como, mas tinha certeza disso. Não era amor. Não podia ser amor. Mas o que quer que fosse era algo muito forte.

Esquecer que eles se conheciam? Bem que ela gostaria!

CAPÍTULO IX

— Ele deve estar brincando! — exclamou Amanda Villiers ao chegarem à trilha onde o grupo da Vitalis as aguardava para seguirem rumo ao alojamento e serem informadas de que o restante do trajeto teria de ser feito a pé com cada uma carregando sua própria bagagem.

Seria trágico se não fosse cômico, pensou Tory e várias outras participantes a julgar pelos sorrisos mal-disfarçados. Todas haviam recebido um folheto de orientação e solicitadas a levarem apenas o necessário em uma mochila. Amanda, porém, não fez caso e agora teria de fazer bonito para carregar suas duas malas de grife.

— Fica muito longe? — perguntou alguém.

— Não muito — respondeu o monitor. — Cerca de três quilômetros.

— Três quilômetros? — repetiu Amanda, horrorizada. — Não dá para carregar esse peso por três quilômetros!

— Não — o monitor concordou e passou a explicar que prosseguiriam em pares com um membro designado do outro grupo e que cada dupla partiria em intervalos de três minutos.

Amanda virou-se para Tory naquele instante.

— Você terá de levar uma das malas.

Se ela tivesse pedido por favor ou ao menos usado um tom súplice, Tory talvez a tivesse ajudado. Mas além do modo abominável com que fora tratada nas dependências da revista, a outra ainda tinha a petulância de lhe dar uma ordem nas presentes circunstâncias?

— Sinto, mas só terei de levar o que é meu — Tory retrucou.

Amanda pestanejou como se não acreditasse em seus ouvidos.

— O quê?

— Você não leu as instruções? — Tory continuou. — Não deveria ter trazido tanta bagagem.

Amanda protestou, vermelha de raiva, mas não conseguiu se estender no assunto porque o nome de Tory e de seu parceiro, Richard Lake, foram chamados. Richard trabalhava em posição semelhante à dela na revista Vitalis, o que a deixou bastante preocupada. Assim que começaram a caminhar, portanto, ela deixou claro que só estava trabalhando na revista havia uma semana.

Nos primeiros momentos, seu parceiro pareceu se alegrar com o fato,

depois se tornou pensativo.

— Mais cedo ou mais tarde, todos nós seremos avaliados. Quem ficará e quem será demitido? Difícil prever. — Ele encolheu os ombros. — Enfim, o dia F não tarda.

— Dia F? — Tory questionou.

— Dia da fusão.

— Então você já foi informado a respeito — Tory afirmou, mais do que perguntou.

— Não, mas você, obviamente, sim.

— Não — Tory se apressou a negar. — Por enquanto, estamos apenas especulando assim como vocês.

Seu parceiro não pareceu acreditar na explicação. Fechou-se a conversas e seguiu em frente como se estivesse indo para um campo de concentração.

Se os outros estivessem se comportando da mesma maneira, o fim de semana seria um convite ao estresse e à paranóia, Tory pensou. E à produção de um ótimo documentário. Por outro lado, seu senso de ética já estava se manifestando e ela descobriu que não daria uma boa espiã. Seu consolo era o fato de que grande parte das atividades seriam filmadas por funcionários do alojamento e não por ela ou por pessoas de sua escolha.

Tory não estava sentindo dificuldade com a caminhada. Suas aulas semanais de aeróbica, squash e a prática eventual de windsurf eram as responsáveis por sua disposição física. Richard, contudo, pediu para fazerem uma parada para descanso ao término do primeiro quilômetro.

— São novas? — Tory indagou, solícita, quando Richard se sentou no chão e se pôs a desamarrar as botas.

— Em folha — ele confessou. — Precisei comprá-las porque não tinha nada no gênero. — Ele indicou as botas de Tory que certamente já haviam sido bastante usadas. — Costuma fazer caminhadas?

— Às vezes. Há dois anos, viajei de férias para a região dos lagos e não fiz outra coisa a não ser andar e admirar a vista.

— Eu sou um homem da cidade — Richard contou e se preparou para descalçar uma das botas.

— Eu não faria isso em seu lugar. Não conseguirá tornar a calçá-las por causa do inchaço dos pés.

— Acho que você está certa. — Ele suspirou. — Talvez seja melhor continuarmos. Você se importa de ir mais devagar?

Foi um alívio constatar que finalmente estavam chegando a seu destino.

Havia um comitê de recepção diante da casa que deveria ser a sede do centro de convivência. À medida que se aproximavam, Tory notou os sorrisos nos rostos dos funcionários. Não esperava reconhecer ninguém. Foi um choque, mais do que uma surpresa, encontrar Lucas Ryecart entre eles.

— Sou Luc — ele se apresentou a cada um dos participantes.

— Estarei com vocês este fim de semana como um observador. Incapaz de falar, Tory se limitou a apertar a mão que Lucas lhe estendeu. Depois pensou que fora melhor assim, ou ela poderia ter se traído. Só agora entendia o porquê das últimas palavras que Lucas havia dito quando se despediram.

Feitas as apresentações, os pares foram levados a conhecerem as dependências do alojamento e seus dormitórios.

Assim que lhe indicaram a cama de baixo de um beliche em um quarto com três, Tory deitou-se de costas e abraçou os joelhos. Ao lhe dizer que fingiriam não se conhecerem da vez seguinte que se encontrassem, Lucas estava se referindo àquele fim de semana. Ele a estava preparando para isso.

Mas por quê? Eles não estavam do mesmo lado? Não estavam trabalhando no mesmo projeto?

A resposta parecia tão óbvia que o prazer de revê-lo esvaneceu. Lucas não confiava nela. Nem sequer em caráter profissional. Entregara a ela seu projeto mais ambicioso e se arrependera.

A mágoa e a indignação deveriam estar estampadas em seu rosto, pois uma de suas colegas de quarto, a primeira a chegar depois dela, perguntou se estava se sentindo bem.

— Estou — Tory mentiu e se levantou em seguida para arrumar suas coisas.

— Eu não — desabafou a outra que se apresentou como Mel.

— Maldita marcha forçada!

— Você certamente trabalha na Toi, não?

— Sim, como editora de apresentação — Tory tornou a mentir.

— Eu trabalho na Vitalis, no setor de publicidade. Isto é, até ontem.

— Por quê? Você será transferida de departamento na semana que vem?

— Seria bom. Aliás seria ótimo se viesse uma promoção incluída. Mas a verdade é que ninguém tem certeza se continuará no emprego depois deste fim de semana.

— Você acha que será uma espécie de teste?

— O que mais poderia ser?

— Uma confraternização prévia à fusão das duas revistas?

A sugestão provocou um sorriso de escárnio.

— Acredita nisso?

Tory preferiu encolher os ombros a emitir sua opinião.

— Eu acho que será um teste onde só os mais capazes sobreviverão — Mel continuou. — Ainda bem que restará o consolo de contarmos com uns belos monitores. Você notou?

— Para ser sincera, não.

— É casada, noiva ou cega? — Mel caçoou.

— Solteira, mas exigente — Tory respondeu.

— Exigente? Até a mulher mais exigente do mundo concordaria que aquele moreno alto é sexy e bonito. Acho que já estou apaixonada por ele.

Tory não respondeu. Algo lhe dizia que sua colega de quarto e ela estavam interessadas no mesmo homem. E Mel era alta, loira e muito mais bonita do que ela.

— Como são suas colegas? — Mel quis saber. — Será que terei de disputá-lo com muitas?

Tory tornou a encolher os ombros.

— Não sei. Não as conheço bem. Estou na Toi faz uma semana apenas.

— Então não adianta eu lhe pedir dicas sobre como lidar com a insuportável de sua chefe?

Tory entendeu que não era a única a antipatizar com Amanda Villiers, mas preferiu se manter neutra na medida do possível.

— Não custa tentar rir de suas piadas — sugeriu Tory — e concordar com tudo que ela disser.

— Céus! — Mel virou os olhos. — Como você agüenta?

Tory fingiu indiferença. Não podia contar a Mel nem a ninguém sobre o caráter temporário de sua posição.

O assunto foi interrompido pela chegada de outras companheiras, todas exaustas e revoltadas com os exercícios inúteis, as bolhas nos pés e os colchões desconfortáveis.

Uma cama permanecia desocupada e Tory cogitou se a dona seria justamente Amanda. Mal formulou o pensamento, a chefe entrou se arrastando e reclamando sobre o estado de sua roupa e de suas botas novas. Uma mochila velha havia substituído as malas. O monitor, provavelmente,

havia decidido ajudá-la no final das contas.

O resto do tempo até o jantar foi aproveitado para o descanso.

A refeição foi simples, mas farta e gostosa. Depois de comerem uma salada e um prato de massa, todos pareciam reanimados. A desconfiança entre os grupos, contudo, permanecia. O pessoal da Toi ocupou uma mesa e o pessoal da Vitalis procurou outra. Ninguém parecia nem sequer querer olhar para o lado.

Os monitores e organizadores do evento, todos de jeans e camisetas verdes, sentaram-se ao fundo da sala. Tory arriscou um olhar à procura de Lucas. Encontrou-o em animada conversa com uma jovem de uns vinte e poucos anos e que era, sem dúvida, a mais bonita da equipe.

Vozes alteradas lhe chamaram a atenção. Choviam reclamações sobre as atividades que começavam a ser propostas. O protesto tornou-se geral quando alguém declarou que aquele encontro era uma afronta.

Se pudesse usar de franqueza, Tory concordaria com eles. Em sua opinião, a idéia de reunirem as equipes das duas revistas era boa apenas em teoria. Em vias de acontecer uma fusão, seria mais prático e menos estressante se todos já se conhecessem. No entanto, o fim de semana em conjunto só estava servindo para aumentar as desconfianças e a rivalidade entre o pessoal.

Após o jantar, Tom Mackintosh, o líder da monitoria, convidou todos a se dirigirem ao salão onde seriam promovidos jogos e brincadeiras. Na mente de cada um o pensamento era unânime: início dos testes.

Como primeira tarefa, todos foram proibidos de conversar até que recebessem uma folha de papel numerada de um a doze e vendados. Então, teriam de se enfileirarem em ordem crescente desde a plataforma até o fundo do hall.

Parecia simples, mas não era. A única maneira de descobrir os números era tocando um no outro de forma a cada um conseguir se colocar no lugar devido.

Porém, pouco a pouco, os participantes começaram a bater os pés para indicar o número e o elemento dificuldade se transformou em riso. A regra do silêncio foi trocada por alegria e diversão.

Demorou mais do que o esperado até que a tarefa fosse concluída, mas o resultado também foi melhor do que o esperado, com os elementos se apertando as mãos e exibindo uma expressão de triunfo.

O gelo havia sido quebrado!

As conversas em geral giravam em torno de assuntos de trabalho, mas muitos já estavam contando fatos sobre a vida particular. Como Tory. E por medo de se perder depois, ela decidiu ser sincera em questões como idade, estado civil e interesses.

Mais tarde, o pessoal foi dividido em três grupos de quatro e colocados ao redor de três mesas, uma em cada canto do salão. A atividade seguinte seria uma caça sedentária ao tesouro por mapas de apoio e diagramas. Envolveria raciocínio e habilidade em leitura de mapas, mas o objetivo principal era levar os integrantes do grupo a cooperarem um com o outro na solução do mistério. E como motivação adicional haveria um prêmio à equipe vencedora: uma garrafa de champanhe gelado em um ambiente que restringia o uso de bebidas alcoólicas.

Tory ficou no mesmo grupo que Richard, o homem que ocupava na Vitalis o mesmo posto que ela. A animosidade inicial havia sido superada após a longa caminhada para o centro. Apesar das bolhas nos pés, Richard era uma pessoa alegre e espirituosa. A seu lado ela se surpreendia rindo com frequência.

O grupo de Tory terminou o jogo em segundo lugar. Houve aplausos e assobios e as turmas se dispersaram. Tory estava dobrando os mapas, distraída, quando Lucas se aproximou.

— Eu lhe mostro onde guardá-los.

Tory seguiu-o até uma fileira de armários. Enquanto guardava o primeiro mapa, Lucas falou baixinho para que ninguém os ouvisse.

— Está tentando me fazer ciúme, por acaso?

Tory virou-se de imediato, certa de que Lucas estava se referindo a seus sorrisos para Richard.

— Claro que não!

— Mas está fazendo — Lucas declarou e não pôde continuar porque viu uma mulher se dirigindo a eles.

— Eu me encarrego disso — Lucas se apressou a dizer e tirou o outro mapa das mãos de Tory. — Você deixou cair o papel.

— Eu não... — Tory estava negando quando se deu conta da presença de Mel.

— Se não é seu, alguém deixou cair — disse Mel e se abaixou para pegar uma folha de papel dobrada em quatro.

— É meu! — Tory se apressou a dizer quando finalmente entendeu a que

Lucas se referira.

Mel entregou o papel e ergueu as mãos em um gesto de rendição.

— Calma! Eu não pretendia ler. Aliás, não seria preciso. Sou capaz de adivinhar quem enviou.

Lucas, embora aparentasse total indiferença, ergueu uma sobrancelha.

— Bem, posso estar errada — Mel continuou em tom meloso —, mas algo me diz que foi Richard. Ele só tem olhos para Tory.

Em circunstâncias normais, Tory teria objetado porque não gostava de fofocas, mas o fato de Mel nem sequer imaginar a verdade quase a fez sorrir.

Curiosa por saber o que estava escrito no bilhete, Tory aproveitou a determinação de Mel de atrair a atenção de Lucas para escapar.

Mas a chance de ficar sozinha só apareceu no final da noite, quando as palestras terminaram e foi servido um drinque antes de todos se recolherem para os dormitórios.

Como não havia chuveiros suficientes para todos os presentes, foram organizados turnos. Tory se ofereceu para ficar por último para poder ficar mais tempo no banheiro.

Com o coração disparando, desdobrou o papel.

"Tente dar uma escapada. Preciso falar com você. Quarto 12".

Sob a ducha, Tory tentou traçar uma linha de ação. Tinha apenas uma vaga idéia da localização do quarto de Lucas. Os aposentos dos monitores serviam como uma espécie de separação entre as alas feminina e masculina.

O risco de sair de seu dormitório e entrar no quarto de Lucas era enorme. E se alguém testemunhasse sua aventura?

E daí se isso acontecesse?, ela quase ouviu a voz de Lucas cochichar em seu ouvido. De acordo com suas pesquisas, encontros furtivos durante convenções de empresas eram comuns. Se fossem flagrados, por que alguém chegaria a outra conclusão sobre o motivo que não fosse essa?

Ela só precisava escolher entre duas opções: esperar até que todos dormissem para ir ao quarto de Lucas ou ir imediatamente. Tory pesou os prós e os contras e decidiu ir naquele momento. Ao menos teria o álibi do banho para justificar sua ausência.

Tory secou-se e vestiu o pijama que poderia passar por um conjunto de calça comprida e túnica e guardou a valise com suas roupas e seus artigos de toalete em um armário. Em seguida percorreu o corredor, pé ante pé, preparada para dar a desculpa de que queria beber um copo d'água antes de ir

para a cama.

Ao encontrar o quarto número doze, Tory entrou sem bater, certa de que encontraria Lucas pronto, a sua espera. Encontrou-o, sim, mas não pronto. Lucas havia saído do banho e usava apenas uma toalha ao redor da cintura.

Nunca o vira sem roupas antes. Seus olhos se fixaram nos ombros largos e no peito escuro de pêlos. Depois desceram para as pernas longas e musculosas.

Tory voltou a si com a força inquiridora do olhar de Lucas. Engoliu em seco. Se tivesse bom senso, daria meia volta e sairia daquele quarto. Ao mesmo tempo, pareceu-lhe ridículo se comportar como uma virgem ultrajada.

— Você disse que queria conversar — ela disse por fim.

— Continua zangada comigo, não? — Lucas perguntou.

— Zangada? Por que eu deveria estar zangada? Se você optou por perder seu tempo e me vigiar sob o risco de comprometer o projeto, o problema é seu.

— Eu temia essa reação de sua parte.

— Por quê? Eu poderia ter outra, por acaso?

Lucas ignorou o sarcasmo e prosseguiu.

— A Wiseman Global ficou de mandar uma pessoa para observar e avaliar esta convenção, mas ela teve um problema na última hora e Chuck me pediu para substituí-la. Minha presença aqui não tem nada a ver com seu trabalho na Eastwich.

Tory balançou a cabeça. Lucas esperava realmente que ela iria engolir essa história?

— Se isso é verdade, por que não me contou na quarta-feira quando falamos ao telefone? Você já sabia ou não teria se despedido com aquele acordo sobre fingirmos que éramos desconhecidos em nosso próximo encontro.

— É verdade. Eu poderia ter dito. Não o fiz porque achei que você talvez não aparecesse.

Tory mordeu o lábio. A palavra tola estava escrita em sua testa?

— Ora, Lucas, quer que eu acredite que o sr. Wiseman não tinha mais ninguém para mandar?

Lucas hesitou.

— Está bem. Você me pegou. Chuck poderia contar com dezenas de voluntários, mas eu agarrei a oportunidade assim que ela surgiu porque significaria passarmos o fim de semana juntos.

Não havia mais o que dizer. Tory olhou nos olhos dele e reconheceu a

verdade. Lucas não estava fazendo nada para esconder seus sentimentos. Ele a queria outra vez. Ele a queria tanto que se oferecera para fazer um trabalho só para ficarem perto um do outro.

Ele começou a andar em direção a Tory. Ela recuou até sentir que havia chegado à porta.

— Preciso ir — Tory se desculpou assustada com as batidas aceleradas de seu coração. — Devem estar sentindo minha falta.

Ele assentiu com um gesto de cabeça. Não tentou detê-la. Tory sentia-se incapaz de ir embora. Ao mesmo tempo estava com medo de ficar. Ficou ali, parada. Não se moveu nem sequer quando Lucas a alcançou, tocou em seu rosto e depois lhe acariciou o pescoço.

Então ele a atraiu de encontro ao peito e ela não opôs resistência. Ele inclinou a cabeça para beijá-la e ela permaneceu à espera. Somente quando os lábios de Lucas a beijaram, ela conseguiu reagir contra a passividade.

Ambos estavam completamente sóbrios dessa vez. A paixão brotou espontânea. Ela o enlaçou pelo pescoço e correspondeu ao beijo. Depois afundou os dedos nos cabelos ainda úmidos do banho enquanto Lucas se apressava a acariciar os seios sob o pijama. Sob o roçar insistente dos polegares, os mamilos endureceram e começaram a pulsar. Ela deixou escapar um gemido e ele interrompeu o beijo. Um segundo depois, Lucas já havia tirado a parte de cima de seu pijama e estava lhe sugando os seios.

Mas nada parecia o bastante. Em seguida, Lucas estava baixando a calça de seu pijama e ela não hesitou em fazer o mesmo com ele para descobrir que ele já havia se livrado da toalha.

Lucas respirou fundo quando ela se apossou de seu membro. E gemeu alto quando ela o acariciou só interrompendo-a quando sentiu que estava prestes a perder o controle. Nesse momento, ele a segurou com firmeza pelos quadris e começou a erguê-la.

Tory parou de respirar quando se deu conta do que Lucas pretendia fazer. Mas não o impediu. Descobriu que também queria viver aquela nova experiência. Abraçou-o e se preparou para recebê-lo em seu corpo. De olhos fechados, Tory sentiu que não fazia mais parte deste mundo. Então, quando pensou que sentiria a investida do sexo, ouviu uma campainha estridente que a fez abrir os olhos, alarmada.

— Droga! — Lucas resmungou ao mesmo tempo que a colocava de volta ao chão. — Um exercício de incêndio!

Com uma rapidez de que não se imaginava capaz, Tory pegou o pijama e vestiu-o. Do lado de fora, o pessoal corria e gritava. Tory e Lucas foram contagiados pelo alarido. Esquecidos de que estavam ali em segredo, puseram-se a falar em voz alta também.

— Saiam todos! — alguém ordenou subitamente. — Isto não é um treinamento! Saiam todos! Depressa!

Foi difícil não entrar em pânico. A serenidade de Lucas foi o que a conteve. Ele lhe colocou um blusão por cima do pijama e a conduziu até a porta.

— Vá direto para fora — disse e beijou-a antes de tornar a fechar a porta.

Tory sabia que deveria correr junto com os outros, que Lucas não levaria mais do que alguns segundos para se vestir e deixar o prédio, mas não teve forças para sair sem ele.

Foi um dos monitores do centro que a tirou de seu estado de torpor.

— Pelo amor de Deus, você não pode ficar aí parada!

Ele não lhe deu escolha. Segurou-a pelo braço e puxou-a consigo.

Tory permaneceu junto às pessoas do lado de fora, mas não tirava seus olhos da porta por onde Lucas deveria passar a qualquer instante. Mas o tempo estava passando e ele não aparecia. Incapaz de continuar imóvel, sem fazer nada, ela tentou correr novamente para dentro do prédio. E se tivesse acontecido algo de errado com Lucas e ele estivesse impossibilitado de se salvar sozinho?

Alguém a impediu de entrar no último momento. Ela esperneou e tentou explicar que precisava entrar de qualquer jeito. Por sorte, não teve de recorrer a uma medida extrema para convencer o sujeito que teimava em detê-la, pois Lucas finalmente surgiu a sua frente, de jeans e camiseta, lindo como nunca.

O alívio foi tanto que Tory teve ímpetos de correr e abraçá-lo. Mas o bom senso prevaleceu e ela se manteve quieta em seu lugar. Já bastava o risco que estava correndo de alguém ter visto quando saíra do quarto de Lucas.

Pouco a pouco o pessoal foi se acalmando. O início de incêndio havia sido debelado. Ao que tudo indicava, alguém deixara um cigarro aceso, certo de que o havia apagado antes de se recolher para a noite. Como a bituca foi parar em daqueles cestos de lixo usados em escritórios, com muito papel dentro, o fogo foi inevitável e, mais ainda, a fumaça.

A informação de que não houvera perigo realmente não foi tão bem-vinda como seria de esperar. Trêmulos de frio, apenas de pijamas, os participantes da

convenção olhavam com desconfiança um para o outro na esperança de identificarem o culpado.

Com o coração ainda batendo forte com as emoções dos últimos momentos, Tory manteve-se cabisbaixa. Mas foi obrigada a mudar de atitude ao ser atacada por nada mais nada menos do que Amanda Villiers.

— Longe de mim acusar as pessoas, mas você não estava no quarto quando o alarme foi dado, não é, Victory?

Tory procurou ser prática e objetiva.

— Eu não fumo.

— É o que você diz — Amanda respondeu, acusadora.

— Eu vi Tory saindo do chuveiro quando deram o alarme — Mel retrucou.

Amanda olhou para as duas com desdém e se afastou.

— Obrigada — Tory agradeceu.

— De nada — Mel respondeu com um sorriso. — Eu te vi saindo realmente de um lugar. Mas não era o banheiro — ela acrescentou baixinho.

Tory sentiu as faces afoguem, mas antes que tivesse chance de inventar uma desculpa, Mel sussurrou:

— Não se preocupe. Meus lábios estão selados.

Tory percebeu que estava perdida. Não conseguia ficar longe de Lucas. Talvez Mel não tivesse sido a única a testemunhar sua volúpia. Nunca se sentira assim antes. Nem sequer com Charlie.

Para Lucas, no entanto, ela era apenas uma aventura. Ele era um homem que vivia para o trabalho. O sexo era um esporte para ele. Porque ele não queria o amor. Para ele, essa palavra não existia. Não tentara enganá-la a esse respeito. Desde o começo, tudo girara em torno de sexo.

Para tê-lo, ela precisaria aceitá-lo sem fazer exigências depois. Teria essa coragem? E se essa paixão que sentia aumentasse cada vez que fizessem sexo? O que aconteceria com ela quando Lucas se cansasse?

CAPÍTULO X

Tory acordou de mau humor. O que mais desejava naquela manhã era estar em sua casa em vez de ter de enfrentar uma fila para apanhar o desjejum.

O fato de Lucas estar se comportando com a descontração de sempre, conversando e rindo com outras mulheres, como se não houvesse acontecido nada entre eles na noite anterior, parecia um alerta para ela não se deixasse embalar por falsas esperanças.

Assim, Tory se obrigou a procurar um assento que a deixasse de costas para ele e prometeu a si mesma que não tornaria a olhar em sua direção pelo resto do fim de semana.

Terminada a refeição, as equipes se reuniram no pátio para darem início às atividades do dia.

A primeira tarefa seria subir um penhasco. Tory saiu-se bem da empreitada. Aliás, ela estava enfrentando de maneira exemplar os desafios propostos. A maioria se entregava ao cansaço por volta da metade do dia. Mas, o mais importante, era que o pessoal estava conseguindo se entrosar.

Lucas, porém, era um caso especial.

— Para quem vocês acham que o KGB está trabalhando? — Jackie, a diretora de arte da Vitalis, perguntou ao grupo aquela noite.

— KGB? — Mel estranhou.

— Aquele moreno lindo com pinta de agente secreto — Jackie indicou Lucas.

Todas riram. Mel deu uma piscada e indicou Tory.

— Pergunte a ela.

— Como posso saber? — Tory encolheu os ombros, vermelha como um pimentão.

— Eu também notei que ele olha muito para Tory — afirmou outra garota.

— É para isso que ele está aqui — Tory lembrou.

— Tenho certeza de que ele observa você mais do que os outros — insistiu Mel.

— Sorte é para quem tem, não para quem quer — brincou Jackie. — Garanto que eu o receberia em minha cama, se ele quisesse.

Para alívio de Tory, os grupos foram chamados para participarem de uma nova competição. Quando foram consideradas vencedoras, as mulheres da equipe de Tory ganharam uma garrafa de champanhe. Elas estavam se

abraçando em um clima de euforia quando Lucas e alguns outros monitores se aproximaram para cumprimentá-las.

Jackie, a mais afoita, flertou ostensivamente com Lucas. Mas ele, com aquele seu sorriso divino, escapou com galanteria.

— Sinto, mas estou comprometido.

Os lamentos foram gerais. Tory abandonou a postura de indiferença e um lampejo surgiu em seus olhos.

— Você é casado? — Jackie quis saber.

— Ainda não.

— Quem é ela? — Foi a vez de Mel perguntar.

A mesma pergunta assaltou Tory. Lucas nunca havia mencionado a existência de outra em sua vida.

— Sinto, mas não posso dizer.

Tory compreendeu a posição dele. Ao mesmo tempo, sentiu-se furiosa. O que ele temia? Que ela fosse procurar a outra e fazer em escândalo?

Jackie e as outras não desistiram do interrogatório.

— Ela é casada?

— Não que eu saiba.

— É famosa?

— É modelo?

— Trabalha na televisão?

As perguntas se sucediam. Lucas as dispensou com bom humor.

— Nada disso. Ela apenas gosta de privacidade. Tenho certeza de que não apreciaria que eu falasse a seu respeito ao mundo. Principalmente porque ainda não reuni coragem para me declarar a ela.

Um suspiro geral se fez ouvir. Lucas havia acabado de se tornar um ídolo romântico. Menos para Tory. Para Tory, Lucas era o maior traidor sobre a face da Terra.

De repente, ela não suportou mais o circo. Levantou-se e protestou cansaço. Disse a Mel que iria para o quarto e saiu.

— Você está bem? — Mel quis saber mais tarde.

— Estou — Tory respondeu por trás de um livro que não conseguia ler por mais que tentasse.

— Você ficou estranha quando Luc começou a falar sobre sua garota.

— Estranha? Por que eu ficaria estranha? — Tory fingiu surpresa.

— Bem, depois de ontem à noite...

— Não houve nada ontem à noite — Tory se apressou a negar.

— Eu vi quando você saiu do quarto de Luc, Tory.

— Não foi o que você pensou.

— Não?

— Não.

— Nesse caso, não se importa que eu lhe conte detalhes sobre a garota de Luc?

— Claro que não — Tory mentiu. Não entendia por que Mel estava fazendo tanta questão de feri-la. Talvez sua primeira impressão estivesse errada sobre Mel ser uma boa pessoa.

— Pelo que Luc disse, a garota é mais jovem do que ele. É reservada, mas de personalidade forte e muito inteligente. Tem bom desempenho físico e é bonita sem ser sofisticada.

A descrição não ajudou Tory. Por que deveria? Lucas não iria apresentá-las, iria?

— Parece alguém que você conhece? — Mel perguntou.

— Por que deveria?

Mel balançou a cabeça, apanhou uma toalha e disse que iria para o banho. Murmurou algo como "tem gente que é cega". Tory não deu importância.

Quando acordou após horas insones de tanto pensar em Lucas e sua namorada, Tory estava decidida a se afastar definitivamente dele.

A atividade daquela manhã seria uma caça ao tesouro. O pessoal se espalhou à procura de pistas. Tory foi para a cozinha e estava abaixada para inspecionar um armário quando ouviu a voz de Lucas as suas costas.

— Tory, sobre aquela noite...

— Quietos! — ela o interrompeu. — Vem vindo alguém.

A intenção de Tory era continuar examinando o armário, como se não houvesse nada entre ela e Lucas, mas ele a puxou para uma sala antes que ela tivesse tempo de reagir.

— Você vai estragar tudo! — Tory protestou.

— Não me importo!

— Mas eu me importo! Terei de participar de uma maratona de quinze quilômetros. Estou sendo esperada lá fora. Se você não sabe, há um ônibus pronto para nos levar à linha de partida.

— Então conversamos na volta?

— O fim de semana está por terminar. Na volta, só teremos tempo para

apanhar a bagagem e subirmos novamente no ônibus.

— Você poderia voltar de carro comigo.

Tory recusou.

— Preciso participar do grupo até o fim para não comprometer o projeto.

— Então falarei com você assim que chegarmos em Londres.

Tory suspirou. Estava farta de argumentos.

— Ela não se importará?

— Ela?

— A garota de quem você falou a Mel e às outras.

Lucas pareceu surpreso por um momento. Depois divertido.

— Ou ela é fruto de sua imaginação? — Tory provocou-o.

— Não — Lucas murmurou. — Ela é real. Mas não há razão para você sentir ciúme...

— Ciúme? Eu?

— Não disse isso — Lucas tentou acalmá-la, mas ela não escutou.

— Por que eu sentiria ciúme de você? Tenho Alex, não tenho?

Tory se arrependeu do que fizera antes mesmo de terminar de pronunciar o nome.

— Você sabe onde ele se encontra este fim de semana, por acaso? — Lucas indagou, sério.

Tory franziu o rosto. Sim, ela sabia. Alex estava em Edimburgo tentando fazer as pazes com a esposa. Mas, por que Lucas fizera aquela pergunta? Ele também sabia?

— E você? — ela contra-atacou.

Ela observou a expressão de Lucas e adivinhou que sim. Esperou que Lucas a atacasse, que dissesse que seu amante estava com outra. Em vez disso, ele balançou a cabeça. Por quê?

— Esqueça — ele disse e abriu a porta para ela sair.

Tory se afastou, mas com o coração apertado. Não deveria ter mencionado Alex. Culpa do orgulho. Não queria que Lucas pensasse que ela sentia ciúme dele.

Parecia uma adolescente apaixonada pela primeira vez. Não era mais uma adolescente, mas estava realmente amando pela primeira vez. Seu sentimento por Charlie não fora amor. Sabia disso agora.

Ao mesmo tempo, não queria sentir amor por Lucas. Talvez estivesse enganada. Talvez fosse apenas uma imensa atração física.

Com medo de analisar seus sentimentos por Lucas em profundidade, Tory se obrigou a ir para ônibus. Sua equipe já estava a postos. Isto é, cinco pessoas. A sexta, Jéssica Parnell, preferira desistir de se agarrar à esperança do emprego. Confessou que não gostava dele a ponto de se matar de tanto subir e descer morros.

O ônibus deixou as equipes no meio do nada apenas com um suprimento básico: uma bússola, um mapa, uma câmera digital e uma porção de pistas. Cada equipe contava com um monitor. O delas chamava-se Cari. Ele podia não ser bonito, mas foi a pessoa que mais se destacou naquele fim de semana na opinião de Tory. Afinal, ele foi o único que conseguiu colocar Amanda Villiers em seu devido lugar, não dando a menor atenção a suas ordens e seus protestos. E além desse inesperado prazer, a equipe de Tory conseguiu se sair bem em todas as provas.

O almoço consistiu de feijão em lata e salsicha, tudo aquecido em uma fogueira. Amanda, é claro, desdenhou o cardápio, mas não abriu mão de sua parte.

Estavam mais ou menos na metade do caminho de volta quando a chuva começou. No início não atrapalhou muito, mas depois tornou-se um verdadeiro dilúvio. Não havia onde se abrigar. Era preciso seguir em frente sem reclamar. O fôlego tinha de ser poupado.

Nem sequer a voz de Amanda podia ser ouvida. Até que ela deu um grito e Tory correu para socorrê-la. Amanda havia se desequilibrado e rolado uma pequena ribanceira.

Tory percebeu que a dor era genuína quando lhe apalpou a perna.

— Precisamos pedir socorro pelo rádio. Ela se machucou realmente.

Cari tirou o aparelho da mochila e tentou comunicação, mas não conseguiu. Sugestões foram dadas e rejeitadas. Venceram aqueles que votaram por esperarem pelo resgate. Não sabiam que o líder havia tomado um atalho no afã de ganhar a competição.

Decidiram que Amanda se apoiaria em Cari e em Tory e continuariam a caminhar até encontrarem um abrigo. O que, por sorte, não demorou a aparecer.

Era mais um buraco em uma pedra do que uma gruta, mas ao menos serviria de abrigo para Amanda e mais alguém que lhe fizesse companhia enquanto os outros prosseguiam rumo ao centro.

— Eu gostaria que você ficasse comigo, Victory — Amanda pediu quando

Cari pediu a colaboração de alguém.

Tory surpreendeu-se com o pedido e demorou a responder. Percebeu uma súplica no olhar da outra e tentou brincar.

— Tudo bem, mas queremos que vocês nos deixem todos os chocolates que sobraram.

Alguns entregaram as mochilas com os cobertores e lanternas. Tory aproveitou para acomodar melhor Amanda. Estavam molhadas até os ossos e o local não era protegido contra o vento.

— Por que pediu que eu ficasse? — Tory perguntou após algum tempo, incapaz de conter a curiosidade.

— Não tolero Mel nem Lucy.

— Ou seja, sobrou apenas eu.

— Talvez — Amanda admitiu.

Ao menos a mulher era honesta, Tory pensou. E corajosa. Ela estava se comportando de uma maneira admirável nas circunstâncias.

— Quanto tempo você acha que demorarão para nos resgatarem?

— Difícil dizer — Tory respondeu. — Mas Cari sabe ler mapas e apontará o lugar onde nos deixou.

— Deus, quando Jéssica souber disto, rirá até não poder mais.

— Jéssica?

— Jéssica Parnell, a editora sênior da Vitalis. Ela estava certa. Afinal, o que deu em nós para bancarmos os escoteiros e as bandeirantes depois de velhos?

— Não somos tão velhos assim — Tory protestou. Amanda, é claro, não contou sua idade, mas confessou que estava no ramo havia mais de vinte anos.

— Um dia você está no topo do sucesso — Amanda murmurou. — No outro, está rolando uma ribanceira para sobreviver. Será que vale a pena?

— É preciso lutar — Tory animou a outra. — Senão como conseguiremos roupas novas para nossos armários e carros novos para nossas garagens?

Amanda deu um breve sorriso.

— Isso não é o bastante.

Tory hesitou.

— Por que está me contando tudo isso?

— Não está querendo saber realmente por que estou me comportando como um ser humano normal e não mais como a chefe infernal?

— Admito que estou curiosa.

— Francamente não sei. Talvez esteja me vendo em você quinze anos

atrás. O mesmo tipo de vida, a mesma ambição.

Tory estreitou os olhos.

— Isso é errado?

— Lógico que não — Amanda respondeu —, mas chega o dia em que você se questiona se valeu a pena.

— O que você quer? — Tory perguntou, desconfiada.

— Neste momento, sair deste buraco. A longo prazo, um homem e uma família. No fundo, não é o que todas as mulheres desejam?

Por um momento, Tory não conseguiu reagir. Achava que Amanda começaria a rir com sarcasmo. Mas ela permaneceu calada e pensativa.

Tory não soube o que dizer. Jamais suspeitaria que uma mulher bem-sucedida em sua carreira pudesse ser infeliz e solitária. Sentiu um súbito impulso de confortá-la, mas se controlou, insegura se o gesto seria bem-vindo. Então, decidiu retribuir a confiança e falar sobre si mesma.

— Às vezes é difícil não invejar as pessoas. Fui noiva um dia. Não deu certo. Ele se casou com outra e teve filhos. Eu o encontrei recentemente e senti inveja da felicidade que imaginei existir, mas logo descobri que eles não são felizes.

— A maioria dos casais não vive em um mar de rosas. A felicidade não é permanente. Talvez baste a certeza de que existem bons momentos.

Tory não sabia se concordava ou não com aquela teoria.

— Acho que casar e ter filhos apenas para não viver só, torna a pessoa ainda mais infeliz.

— Essa é nossa filosofia aos vinte anos. Quando chegamos aos quarenta, a história muda de figura.

Tory tentou se colocar no lugar de Amanda. Seria assim com ela também? Conseguiria encontrar a felicidade ao lado de outro homem que não fosse Lucas? Adiantava se torturar com a idéia de que não adiantava querer o que não estava a seu alcance?

As duas mulheres conversaram por um longo tempo, depois resolveram fazer jogos de adivinhações e de memória para se distraírem. O frio aumentou e elas perderam a capacidade de se mostrarem otimistas.

As horas se arrastavam e o silêncio caiu sobre elas. Amanda dormiu, mas seu sono foi agitado. Tory permaneceu em vigília, preocupada com a possibilidade de terem de passar a noite ao relento. A chuva havia parado, mas fazia muito frio.

Tentou imaginar como ficaria o documentário depois de pronto.

Colocaria trechos das palestras intercalados com as cenas dinâmicas das formações dos grupos e do resultado da interação entre seus membros no sentido de atingirem o objetivo comum. O impacto dramático seria conferido pelo momento em que eles se perderam na realização das tarefas. Estava em dúvida sobre acusar a falta de preparo dos monitores do centro e a segurança precária. Provavelmente apontaria as falhas em atenção a Amanda. Por mais difícil que tivesse sido a convivência com ela, ninguém merecia passar pelo que Amanda estava passando.

Fora uma surpresa para Tory conhecer o outro lado daquela mulher que lhe parecera tão segura de si e implacável. Todos, talvez, tivessem dois lados. Um para apresentar ao mundo e o outro trancado sob sete chaves.

De repente, a imagem de Lucas invadiu seu pensamento. Ele não parecia reservar surpresas. Era sempre direto em relação à vida. Quando queria algo, saía à luta e à conquista. Desejaria ser como ele: franca e honesta. Adorara fazer amor com Lucas, no entanto, tentava cortá-lo de sua vida de todas as maneiras.

Talvez se sentisse mais feliz se admitisse, de uma vez por todas, que o queria e que aceitaria o que Lucas tinha a oferecer pelo tempo que durasse.

Em meio ao turbilhão de pensamentos, Tory ouviu o ronco de um motor. Seria sua imaginação? Não havia estradas por perto.

Mas o ruído foi aumentando à medida que o carro se aproximava. Ou melhor, carros. A impressão que tinha era de que mais de um veículo viera em socorro.

Com o coração aos saltos, Tory acordou Amanda e se levantou para acenar. Mas o frio e a imobilidade de horas haviam entorpecido suas pernas e ela caiu.

As duas se puseram a gritar para anunciar a localização. O pessoal custou a ouvi-las. Quando, finalmente, começaram a caminhar em direção a elas, Tory não soube se ria ou se chorava. Eram quatro homens, mas Tory só tinha olhos para um.

— Você está bem? — Lucas perguntou, ajoelhado ao lado dela, e indicando a perna que ela não parava de massagear.

— Estou. Foi Amanda que se feriu.

— O médico já está cuidando dela.

Tory observou o pequeno grupo ao redor de Amanda. O médico estava

cortando a calça para examinar a perna. Cari e outro monitor estavam segurando uma maca.

— Acha que consegue andar? — Lucas perguntou e estendeu a mão para ajudá-la.

— Acho que sim.

Tory se levantou. Impossibilitada de apoiar o pé no chão, mancou ao tentar andar. Dois passos depois, Lucas a ergueu nos braços e avisou os outros que se encarregaria de levá-la para casa.

Ao chegarem ao carro, Lucas a colocou no banco de trás onde ela encontrou sua mochila com uma calça jeans, uma camiseta e um suéter por cima.

— É melhor você tirar essas roupas molhadas — Lucas aconselhou e deu um sorriso — Juro que não estou tentando me aproveitar da situação.

— Eu sei — Tory respondeu com dificuldade de tanto que os dentes batiam uns contra os outros.

Lucas entrou no carro e se apressou a ligar o aquecedor. Como não ouviu nenhum ruído vindo do banco de trás, perguntou se Tory estava precisando de ajuda.

— Não consigo controlar minhas mãos — Tory explicou e não disse mais nada até Lucas terminar de despi-la e de lhe colocar roupas secas.

— Deite agora e descanse. Vou levá-la para casa.

— Daria para esperarmos mais alguns minutos? Quero me certificar de que Amanda ficará bem.

Ao ver Amanda sendo carregada em uma maca e colocada no outro carro, Tory concordou em partirem.

— Ela ficará bem — Lucas garantiu. — Se você quiser, poderemos ligar para saber notícias assim que chegarmos a Londres.

Tory tentou descansar durante o trajeto, mas não conseguiu. A estrada estava em más condições e os pensamentos não lhe davam trégua. Não fazia idéia aonde Lucas a levaria. O que deveria entender por casa na presente situação? O centro? O hotel em Londres, ou seu apartamento em Norwich?

Mas isso não importava. No momento, ela estava cansada demais e não pretendia lutar contra o sono que estava chegando a convite do calor aconchegante vindo do aquecedor.

Quando acordou, Tory não conseguiu adivinhar onde estava no primeiro momento, mas bastou Lucas descer do carro e lhe abrir a porta para ela

constatar que estava em seu endereço em Norwich. Sentiu um grande alívio. Não há lugar melhor no mundo do que a própria casa quando não estamos nos sentindo muito bem.

Lucas ajeitou a mochila nos ombros e a segurou pelo cotovelo para ajudá-la a caminhar até a porta. Tory notou que as luzes estavam apagadas e isso a alegrou. Significava que Alex ainda não havia retornado. Mas bastou entrar na sala e na cozinha para notarem sinais de sua presença. Havia embalagens vazias de comida por toda parte, assim como roupas sujas e livros.

— Sou capaz de apostar que você não deixou a casa nesse estado quando saiu — Lucas murmurou. — É incrível que tolere esse tipo de coisa.

— Você não tem nenhum defeito, não é? — Tory retrucou.

— Tenho muitos, mas não sou sujo nem bagunceiro.

Tory não respondeu. Queria que Alex deixasse logo seu apartamento. Ao mesmo tempo, não gostava que Lucas a criticasse.

— Preciso lhe agradecer pela carona. Você deve ter muito o que fazer.

Ele ignorou o comentário.

— Você precisa se alimentar. Farei algo rápido e nutritivo.

— Não é preciso — Tory recusou. — Não estou com fome.

— Ao menos tome um chá com torradas — Lucas insistiu.

— Há chá no armário, mas eu duvido que tenha sobrado alguma fatia de pão. Alex não costuma fazer compras.

— Fico cogitando o que Alex sabe fazer de bom... Por outro lado, prefiro continuar na ignorância.

Tory entendeu a que Lucas estava se referindo e franziu o rosto.

— Ok, não está mais aqui quem falou. — Lucas deu um suspiro. — Vá se deitar. Levarei o chá em seguida.

Ao entrar no quarto, Lucas encontrou Tory adormecida. Parecia frágil, quase uma criança, mas provara ser firme e valente durante aquele fim de semana.

Ao dar pela falta de Tory quando seu grupo finalmente chegou, ele lutara para não perder o controle. Já estava preocupado havia um longo tempo com o atraso. Ao ser informado sobre o acontecido, sua vontade fora partir para cima do monitor por sua demora. Em vez de seguir direto para o centro, ele havia concordado com os outros e se abrigado enquanto esperavam que a chuva melhorasse. Essa atitude foi responsável por cerca de meia hora a mais no resgate de Tory e de uma pessoa ferida.

Talvez ele houvesse exagerado em sua dramaticidade, ameaçando processar os donos e funcionários do centro, mas até se certificar de que Tory estava bem, não conseguiu raciocinar com clareza. Ele já havia sofrido uma grande perda em sua vida. Não suportaria enfrentar outra.

CAPÍTULO XI

Tory acordou no meio da noite e viu Lucas dormindo na cadeira de seu quarto. Observou-o da mesma forma como fora observada. Era estranho: a maior parte das pessoas relaxavam durante o sono. Lucas era diferente. Estava tenso e inquieto, como se estivesse tendo um pesadelo.

Movida por um súbito impulso, levantou-se e foi para junto dele. Sabia que era preciso ter cuidado para despertar alguém em aflição. Colocou gentilmente uma das mãos sobre a dele e a outra no ombro. Mas em vez de acalmá-lo, isso o fez enrijecer e dar um grito.

A reação de Tory foi puxar a mão, mas ele a prendeu com força e não a soltou até conseguir abrir os olhos e entender que tudo fora um sonho.

- Tive um pesadelo. Desculpe-me – disse Lucas.
- Acontece com frequência, não? – Tory indagou, certa da resposta.
- Mais ou menos.
- Cenas que você viveu?
- Algumas.

Foi uma confissão parcial. Tory não o pressionou para que se abrisse. Quando ele quisesse, se ele quisesse, ela estaria à disposição.

– Preciso ir – Lucas murmurou, mas não se moveu do lugar. E Tory não lhe facilitou a partida. Não adiantava continuar negando a verdade. Lucas era seu destino. Estava cansada de fugir.

Fitou-o, séria. Queria que Lucas se levantasse, a erguesse no colo, a carregasse para a cama e fizesse amor com ela. Mais do que tudo, queria que ele a amasse.

Lucas entendeu a mensagem. Mas não por completo. Sabia apenas que Tory havia finalmente se rendido ao inevitável, algo que acontecera com ele desde o início.

Ele a fez sentar em seu colo. Desejava-a demais, mas estava determinado a não apressar o desfecho dessa vez. Queria que Tory desse o primeiro passo.

Ela estava com os olhos mergulhados nos dele. Deveria ter lido seu pensamento, pois começou a traçar o contorno de seu rosto com a ponta do dedo. Depois, inclinou a cabeça e depositou em seus lábios o mais delicado dos beijos.

Segurou-o pelo pescoço e foi entrelaçando seus dedos aos cabelos sedosos. Lucas respirou fundo. Não seria difícil excitá-lo. Ela já podia sentir a rigidez do

membro sob suas pernas.

Tornou a beijá-lo e não tão suavemente dessa vez. Com deliberada provocação, umedeceu-lhe os lábios com a ponta da língua e recuou quando Lucas quis aprofundar o beijo. Começou, então, a cobrir o pescoço e os lóbulos das orelhas com pequenos beijos, até Lucas não conseguir mais se dominar e beijá-la com intensa paixão.

A idéia de ir devagar abandonou-o por completo. Ao sentir a maciez e o calor da boca de Tory e os seios em seu peito, ele desejou que seus corpos se tornassem imediatamente um só. A razão se perdeu no calor do desejo.

Lucas ergueu-a pelos quadris e a fez sentar de frente para ele. Beijaram-se com volúpia. As mãos dele pareciam estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Nos seios, nas costas, nas pernas, nos cabelos de Tory. Sugou os seios até Tory gemer alto. Quando a penetrou, Tory deu um pequeno grito. Ele parou, mas logo voltou a se mover.

Havia lágrimas nos olhos de Tory no momento do êxtase.

— Eu te machuquei. Perdoe-me. Eu não queria...

— Não, você não me machucou — Tory respondeu. Estava emocionada. Queria que Lucas a amasse, mas não podia dizer.

Com extrema delicadeza, ele a carregou e a deitou na cama. Ficaram abraçados em silêncio enquanto descansavam. Então, Lucas começou a beijá-la outra vez e quando tornou a lhe fazer amor, foi com carinho e ternura.

Adormeceram e despertaram ao nascer do sol. Estavam felizes e descansados. Antes que se dessem conta, estavam fazendo amor. Mal haviam terminado quando Alex chegou. Não houve tempo para se recomporem. Alex deu uma batidinha na porta e abriu uma fresta.

— Tory, você está aí?

A única coisa que Tory conseguiu fazer foi puxar o lençol sobre os seios. Lucas não fez nada. Alex ficou estático por um momento. Depois se desculpou e disse que iria preparar um café.

— Estranho — Lucas murmurou quando Alex fechou a porta. — Ele aceitou bem o flagrante.

Tory não respondeu. Havia chegado a hora da verdade. Precisava contar tudo a Lucas.

— Talvez ele tenha saído em busca de uma arma. O que você acha? — Lucas indagou, sério.

— Acho que você conhece os fatos.

— Que fatos?

— Alex foi para Edimburgo tentar uma reconciliação com a esposa.

— Sim, mas e você? — Ele estreitou os olhos. — Das duas, uma. Ou você e Alex terminaram, ou nunca houve nada entre os dois.

— A segunda alternativa. — Não adiantava continuar usando Alex como escudo de proteção. Um escudo, aliás, que não funcionara. — Alex não tinha para onde ir e eu o hospedei até que arrumasse um lugar.

— E ele já arrumou?

— Receio que não — Tory respondeu. — Está sendo difícil ver meu apartamento em completa desordem, mas não tenho coragem de colocá-lo para fora. — Tory suspirou. — Principalmente agora.

— Por quê?

— Ele nos viu na cama.

Lucas não pareceu se importar.

— Você acha que deveríamos manter segredo?

— Sim, é claro — Tory se apressou a dizer. — Não posso continuar trabalhando na Eastwich e sendo apontada como a amante do chefe.

— Por que não? Poderíamos viver juntos.

Tory ficou perplexa. Ele tornou a beijá-la e ela se afastou. Precisava pensar. Com os beijos de Lucas, isso seria impossível.

— Você poderia se mudar para meu apartamento — Lucas continuou. — Alex cuidaria do seu e lhe pagaria um aluguel.

Tory hesitou. Queria muito viver com Lucas. Jamais havia compartilhado sua vida com um homem. Nem sequer com seu ex-noivo. Lucas abraçou-a pela cintura e sorriu.

— Você não terá queixas de mim. Sou organizado e sempre coloco a tampa de volta na pasta de dentes e abaixo a tampa do sanitário.

Não foi uma das propostas mais românticas do mundo, mas ao menos fez Tory sorrir e considerar a idéia.

— Vista-se — Lucas murmurou. — Enquanto isso, irei falar com Alex.

Quatro dias depois, Tory se mudou para o apartamento de Lucas. Ainda não conseguia sentir que era real. Jantavam juntos, dormiam juntos e se preparavam juntos para irem ao trabalho. Mas a partir do momento em que subiam em seus respectivos carros, mantinham distância um do outro.

Um mês depois, Alex se demitiu para ir trabalhar na BBC da Escócia. Com sua ausência, Tory teve condições de desenvolver o projeto de acordo com

suas próprias noções.

Não misturava sua vida particular com a vida profissional. Em casa, conversava muito com Lucas, riam juntos e se conheciam cada vez mais intimamente. Descobriu que os pesadelos eram lembranças de seu passado como jornalista. Para consolá-lo, contava-lhe sobre as tristezas de sua infância. Era algo natural.

Eles se revezavam na cozinha, mas Lucas era melhor cozinheiro do que ela. Saíam juntos às compras. Ela cuidava da arrumação e ele dos consertos. Contavam com uma senhora para a limpeza. Ficavam mais em casa do que passeavam. Faziam amor com frequência.

Tory nunca conhecera tanta felicidade. Quatro meses perfeitos. Mas até quando duraria? De repente, o senso de irreal voltou. Lucas percebeu a mudança, mas temia investigar a causa. Tinha consciência de que havia conseguido fazer Tory feliz naqueles meses. Mas, quando ele menos esperava, ela se tornou diferente.

Ainda faziam amor e dormiam abraçados. Pela manhã, contudo, ele a sentia ansiosa e inquieta. Em sua covardia, ele não perguntava a razão.

Uma semana depois, Tory olhou para ele após o jantar e disse que precisava lhe contar algo. Lucas sentiu que empalidecia.

— Eu não fui uma criança saudável — Tory começou a dizer. — Fiz quimioterapia, mas segundo os médicos o problema foi eliminado.

Lucas fitou-a, ansioso.

— Está tentando me dizer que o problema voltou?

— Não, nada disso — Tory se apressou a tranquilizá-lo. — Desculpe, não estou conseguindo me expressar direito. O que tenho de lhe dizer é que aquele tratamento me impedirá de ter filhos.

Tory percebeu a emoção nos olhos de Lucas.

— Do jeito que você abordou o assunto daquela vez, acreditei que fosse uma escolha sua.

— Naquela ocasião, não quis entrar em detalhes. Agora acho que você tem o direito de saber. É difícil para um homem aceitar esse tipo de situação. Charlie não aceitou.

— Vocês não deveriam ter ficado noivos — Lucas sugeriu.

— Não — Tory admitiu. — Mas a festa de noivado foi uma surpresa para mim. Estávamos comemorando o *Reveillon* na casa dos pais de Charlie. Eu não tive coragem de falar sobre meu problema diante de todos. Você me entende?

— Sim, eu entendo. Fiz parte daquela família.

Tory estranhou a declaração. Um instante depois Lucas se abriu com ela.

— Eu ganhava um salário modesto como correspondente de um jornal quando me casei com Jéssica. Ela não se adaptou à nova vida. Queria que eu aceitasse a ajuda financeira de sua família e insistia que eu falasse a respeito com meu padrasto rico. Chame de orgulho, se quiser, mas eu não concordei.

— Mas vocês foram felizes, não?

— Sim, mas não tão felizes como eu me sinto com você... Já sabe que eu te amo, não é, Tory?

Era a primeira vez que Lucas declarava realmente seu amor. Tory deu um sorriso triste. Uma semana antes ela teria vibrado com essas palavras.

— Por favor, não diga nada até eu terminar.

— Por que não? Se o problema era a impossibilidade de termos filhos, eu não me importo.

A ternura que ela leu nos olhos de Lucas partiu seu coração. Estava tudo bem para ele, mas e para ela?

De repente, ela se sentiu mal. Precisou se levantar e ir ao banheiro. A sala estava girando ao seu redor. Quando encontrou forças para abrir a porta, Lucas estava esperando-a e levou-a para a cama.

— O que está acontecendo, Tory?

Ela queria responder, mas não conseguia. As lágrimas deslizavam, copiosas.

— Fique comigo, Tory — Lucas implorou, apesar do juramento que fizera a si mesmo de não querer, jamais, que uma mulher ficasse a seu lado por compaixão.

Tory respirou fundo.

— Estou grávida.

— Grávida? Mas você não acabou de dizer...

— Foi o que sempre pensei — Tory o interrompeu. — Não podia engravidar, mas estou grávida. Os médicos estavam enganados. Ou, então, só havia uma chance em um milhão e aconteceu.

— Pretende ter a criança?

— Sim. Não a esperava, mas agora que aconteceu, eu a quero. É por isso que resolvi ir embora. Você não me deve nada, Lucas.

Lucas, porém, torceu a situação.

— A criança não é minha, é?

Por essa pergunta, Tory não esperava. Como Lucas podia duvidar de sua fidelidade?

Sem condições de continuar discutindo, ela tentou se vestir.

Lucas não permitiu. Aproximou-se e colocou sua mão espalmada sobre a barriga de Tory.

— Agora ela é minha. Se você é minha, a criança também é minha. Da mesma forma como eu sou seu. O que aconteceu antes não importa.

Tory finalmente entendeu. Lucas assumira que ela já estava grávida quando eles se conheceram.

— Eu te amo, Lucas, mas não dará certo. Você disse que não queria filhos há menos de meia hora.

Lucas franziu o rosto.

— O que esperava que eu respondesse à garota com quem quero me casar no instante que ela me abriu seu coração e disse que não poderia ter filhos? Que queria três?

— Casar? — Tory repetiu, perplexa.

— O quanto antes, você não concorda? Logo todos irão notar e...

— Lucas, de quantos meses você acha que estou? — Tory o interrompeu.

— Não sei.

— Gostaria que eu lhe contasse quando saí com alguém pela última vez antes de conhecê-lo?

— Prefiro mudar de assunto.

— Faz dois anos, Lucas! E eu estou grávida de dois meses!

Feita a confissão, Tory começou a se vestir. Lucas, contudo, custou a se recuperar da surpresa. Quando finalmente se vestiu, parecia um autômato.

— É meu filho.

Tory estava sorrindo sem parar. Lucas a pedia em casamento pensando que o filho era de outro. Haveria prova maior de amor?

— Por que me deixou acreditar no contrário? — Lucas protestou.

— Não entendo como isso pôde lhe ocorrer — Tory retrucou. Estava feliz demais para se importar com mal-entendidos. E faminta demais também. Passara a última semana temendo a reação de Lucas. Não contava com uma declaração de amor. Nada mais a assustava agora.

— Por que fez segredo? — Lucas a seguiu até a cozinha. — Por que não me contou antes?

— Tive medo de que você pensasse que era de propósito. Que a gravidez

fosse um meio de prendê-lo. Afinal, você se preocupou em se proteger e eu garanti que não seria necessário. Eu tinha certeza de que jamais engravidaria.

— É uma bênção — Lucas murmurou. — Antecipada — acrescentou. — Eu planejava nosso filho para o quinto ano.

— Quinto ano?

— Moraríamos juntos no primeiro ano. No segundo, nos casaríamos. No terceiro e no quarto ano, a união seria consolidada e o bebê nasceria no quinto ano.

Tory mal conseguia se conter de alegria. Lucas havia planejado um futuro para eles.

— Eu atrapalhei seus planos.

— Apenas mudou a ordem dos fatores. — Lucas a abraçou e lhe deu um longo beijo. — E como dinheiro não é problema, ficará a seu critério continuar a trabalhar em período integral, por meio período ou ficar em casa e cuidar do bebê. Tenho certeza de que seu chefe concordará com sua decisão, seja ela qual for.

— Você está realmente feliz com a idéia de ser pai, Lucas?

— Você duvida? Pensando bem, foi bom que tenha acontecido agora. Daqui a cinco anos, eu já estaria um pouco velho para andar de boné de beisebol.

— Existe cinquenta por cento de ser uma menina — Tory lembrou.

— Nesse caso, eu já estaria um pouco velho para ajudá-la a empurrar o carrinho de boneca.

Tory não resistiu mais. Abraçou Lucas com todo seu amor e beijou-o.

— Obrigada.

— Por que está me agradecendo? — Lucas estranhou.

— Por estar me dando tanta alegria.

Lucas ergueu-a nos braços e rodopiou.

— Obrigado por você ser a mulher de minha vida.

Fim...